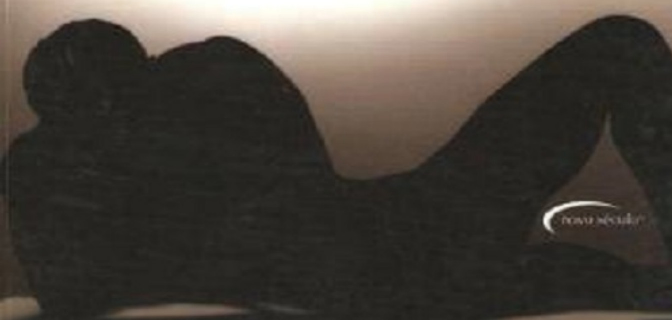
JAMES BALDWIN

giovanni

PREFÁCIO DE
PAULO FRANCIS



lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

James Baldwin

Giovanni

Título original americano

GIOVANNI'S ROOM
1956

Tradução

AFFONSO BLACHEYRE
1981

A Lucien

Sou eu o homem, eu sofri, estive lá.

— WHITMAN

PRIMEIRA PARTE

1

Aqui estou, em pé diante da janela deste casarão no sul da França enquanto

chega a noite, essa noite que me arrasta ao pior de todos os amanheceres de minha vida. Tenho um copo na mão, uma garrafa encostada ao cotovelo, Observo meu reflexo no brilho mortiço da vidraça, e vejo que meu vulto é alto, talvez bem parecido ao de uma flecha, e meu cabelo louro também brilha um pouco. O meu rosto é igual a rostos que já foram vistos muitas vezes, em numerosos lugares. Meus antepassados conquistaram um continente, atravessando planícies habitadas pela morte, até chegarem a um oceano que ficava para o lado oposto ao da Europa, voltando-se para um passado mais sombrio.

Quando amanhecer talvez eu esteja bêbado, mas de nada isso adiantará. De qualquer modo, bêbado ou não, tomarei o

trem para Paris. Esse trem vai ser o mesmo de sempre, com os passageiros esforçando-se para obter acomodação melhor e até mesmo aspecto de dignidade naqueles bancos de costas retas, feitos de madeira e de terceira classe. Eu também serei o mesmo. Passaremos pela mesma campina rumo ao norte, deixando para trás as oliveiras, o mar e toda a glória contida no céu que promete tempestade e ingressaremos no nevoeiro e na chuva que cobrem Paris. Alguém vai me oferecer um pedaço de sanduíche, outrem me oferecerá um gole de vinho e certamente haverá quem me peça um fósforo. Nos corredores lá fora haverá gente a andar de um para outro lado, espiando pelas janeias e para nós. A cada parada surgirão recrutas em seus uniformes marrons e grandes, com

chapéus coloridos, abrindo a porta do compartimento e perguntando: *"Complet?"* E todos nós anuiremos um "sim" em resposta, como conspiradores, sorrindo de leve uns para os outros enquanto os rapazes percorrerão o trem fazendo a mesma pergunta. Dois ou três deles terminarão em frente à porta de nosso compartimento, gritando uns com os outros em suas vozes firmes e irreverentes, fumando seus pavorosos cigarros dados pelo exército. Vai haver uma moça sentada no banco à minha frente, a imaginar o motivo pelo qual não tenho flertado com ela e que ficará animadíssima com a presença dos recrutas. Eu estarei da mesma forma, porém, saberei me controlar melhor.

Acontece, também, que esta noite a

campina está tranquila e parada, essa campina que se reflete através da minha imagem no vidro da janela. Esta casa fica bem ao lado de uma pequena estação de veraneio — vazia ainda, pois a estação de férias não começou. Fica sobre um pequeno morro, e pode-se olhar daqui as luzes da cidade, e ouvir as ondas do mar. Minha pequena, Hella, e eu, alugamo-la em Paris há alguns meses, tendo-a visto em fotografias. Já faz uma semana que ela se foi, e deve estar agora em meio ao oceano, de volta aos Estados Unidos.

Imagino sua imagem neste instante, muito elegante, nervosa e brilhando, rodeada pela luz que enche o salão do transatlântico, bebendo depressa demais e rindo, observando os homens presentes. Estava assim quando a conheci, num bar

em St. Germain-des-Prés, bebendo e observando, e por isso gostei dela, achei que seria divertido participar de sua alegria. Foi assim que começou e para mim representou apenas isso; a despeito de tudo, não sei ainda com certeza se a coisa toda realmente representou mais do que isso para mim. E não creio que tenha mesmo significado mais do que isso para ela — pelo menos enquanto não fez aquela viagem à Espanha e, tendo-se encontrado sozinha por lá, talvez começasse a imaginar se uma vida de beber e observar os homens era o que desejava. Àquela altura, de qualquer modo, era tarde demais. Eu estava com Giovanni. Eu a pedira em casamento, antes de Hella seguir para a Espanha, e ela rira muito, mas isso, de algum modo,

tornara a coisa ainda mais séria para mim, e insisti. Foi então que a ouvi dizer que teria de afastar-se de mim e pensar no caso. E ontem à noite estivera aqui, na última vez em que a vi, enquanto arrumava a mala. Eu lhe dissera que a amara uma vez, e me obrigara a acreditar no que eu próprio dizia. Mas teria conseguido isso? Estava pensando, certamente, nas noites que passamos na cama, naquela inocência e naquela confiança peculiares, que nunca mais existirão, e que tornaram aquelas noites tão deliciosas, tão desligadas do passado, presente ou qualquer coisa vindoura, tão desligadas de minha vida, afinal, pois eu não precisava fazer mais do que assumir responsabilidade puramente mecânica por elas. E aquelas noites eram vividas sob um céu

estrangeiro, sem pessoa alguma a observar, sem penalidades ou castigos — e foi este último fato a causa de nossa ruína, pois nada se mostra mais insuportável do que a liberdade, depois de a possuirmos. Acho que foi esse o motivo pelo qual a pedi em casamento — para obter alguma coisa à qual eu ficasse amarrado, preso. Talvez tenha sido por isso que ela, na Espanha, resolveu casar-se comigo. Infelizmente, não podemos inventar o que nos vai prender, ou inventar nossos amantes e nossos amigos, assim como não podemos inventar e escolher nossos pais. A vida nos dá tudo isso, e também os tira de nós, e o grande problema está em dizermos "sim" a ela, a vida.

Quando disse a Hella que a amava,

eu pensava naqueles dias antes de uma coisa horrível e irrevogável haver-me ocorrido, quando um caso era apenas um caso sem maior importância. Agora, a partir desta noite e do amanhecer que logo virá, sejam quantas forem as camas nas quais eu me encontre, entre o momento presente e meu último e derradeiro leito, jamais poderei entregar-me a qualquer desses casos juvenis e entusiásticos — casos que na verdade, quando se pensa bem no assunto, não passam de um tipo de masturbação mais elevada, ou pelo menos mais pretensiosa. As pessoas variam demais para que as possamos tratar com tanta leviandade. Eu sou volúvel demais para que possam confiar em mim. Não fora assim, e não estaria sozinho agora, nesta casa, nem Hella estaria cruzando o

oceano, e Giovanni não estaria tão perto de ser levado, em qualquer momento até o amanhecer, para a guilhotina.

Arrependo-me agora — ainda que isso de nada sirva — por uma determinada mentira entre as muitas que já usei, vivi, e em que acreditei. É a mentira que contei a Giovanni, mas nunca o consegui fazer crer, de que jamais dormira antes com outro homem. Eu dormira, sim. Tinha resolvido nunca mais fazer isso. Há alguma coisa fantástica no espetáculo que agora apresento a mim mesmo, o de correr tanto, e com tanto esforço, tendo até atravessado o oceano, para mais uma vez me encontrar diante do cão de guarda, em meu próprio quintal — e havendo esse quintal ficado menor, e o cão de guarda bem maior, no tempo transcorrido desde

então.

Não tenho pensado naquele menino — o Joey — há muitos anos, mas posso vê-lo com toda clareza esta noite. Foi há anos atrás. Eu era ainda adolescente, ele tinha mais ou menos minha idade, um ano a mais ou a menos. Joey era muito bom menino, vivo e moreno, e sempre risonho. Durante algum tempo foi meu melhor amigo e mais tarde a simples ideia de que uma pessoa assim *pudesse* ser meu melhor amigo constituía, para mim, a prova de alguma mancha horrível. Por isso eu o esqueci, mas o vejo claramente esta noite.

Foi no verão, e estávamos em férias. Os pais dele saíram e eu passava o mesmo fim de semana em casa dele, perto de Coney Island, no Brooklyn. Nós também morávamos em Brooklyn, naquele

tempo, mas em bairro melhor do que o de Joey. Acho que estivemos pela praia, nadando um pouco e observando as moças seminuas que passavam, assobiando para elas e rindo. Tenho certeza de que se alguma das moças para quem assobiávamos naquele dia desse qualquer sinal de corresponder, o oceano não teria sido fundo o bastante para afogar nossa vergonha e pavor. Mas com certeza as moças faziam ideia disso, talvez por causa do modo de assobiar, e não nos deram confiança. Com o sol já se pondo, seguimos em direção à casa dele, trazendo por baixo das calças compridas os calções de banho, ainda molhados.

Acredito que a coisa tenha começado no banheiro, no banho de chuveiro. Sei que senti alguma coisa —

enquanto brincávamos naquele aposento pequeno, cheio de vapor, batendo com toalhas molhadas um no outro — que não sentira antes, e que o incluía, por algum meio misterioso, embora sem intuito. Lembro ter tido grande relutância em vestir-me, e culpei o calor por isso. Mas vestimos alguma coisa, comemos frios tirados da geladeira e tomamos muita cerveja. Devemos ter ido ao cinema. Não consigo recordar qualquer outro motivo pelo qual saímos, e lembro ter andado pelas ruas escuras e quentes de Brooklyn enquanto o calor emanava do chão e vinha das paredes das casas com força bastante para matar um homem. E parecia que todos os adultos do mundo estavam por ali sentados, desalentados e desarrumados, em frente às casas, bem

como todas as crianças do mundo nas calçadas ou sarjetas ou penduradas nas escadas de incêndio, enquanto eu passava com o braço em volta do ombro de Joey. Eu sentia orgulho, parece-me agora, porque ele era mais baixo do que eu. Seguíamos andando e Joey fazia comentários muito irreverentes e divertidos, e ríamos a valer. Como é estranho recordar, e recordar pela primeira vez depois de tanto tempo, como me senti bem aquela noite, como gostei de Joey...

Ao voltarmos por aquelas ruas, tudo estava sossegado e nós também. Continuamos muito sossegados no apartamento, e o sono nos assaltava enquanto tirávamos a roupa no quarto de Joey. Deitei-me e adormeci — por

bastante tempo, ao que acredito. Mas acordei e verifiquei que a luz estava acesa e Joey examinava o travesseiro com meticulosidade feroz.

— O que houve?

— Acho que um percevejo me mordeu.

— Seu porcalhão! Percevejo na cama?

— Acho que um me mordeu.

— Você já foi mordido por percevejo antes?

— Não.

— Então volte a dormir. Você sonhou.

Joey olhou para mim, boquiaberto e com os olhos escuros bem arregalados.

Era como se acabasse de descobrir que eu era uma autoridade em percevejos. Ri e agarrei-lhe a cabeça como tantas vezes fizera, quando brincávamos ou quando ele me aborrecia. Mas daquela vez, quando o toquei, alguma coisa aconteceu nele e em mim, tornando aquele contato diferente de qualquer outro que conhecêssemos. E ele não resistiu, como fazia quase sempre, mas ficou ali onde eu o levara, contra meu peito. E eu compreendi que meu coração disparara e que Joey estremecia, e a luz no quarto era muito brilhante e quente. Comecei a mover-me e a fazer algum tipo de brincadeira, mas Joey murmurou alguma coisa e inclinei a cabeça para ouvir o que era. Joey ergueu a dele enquanto eu abaixava a minha, e nos beijamos por assim dizer, acidentalmente.

E então, pela primeira vez em minha vida, tive plena consciência do corpo de outra pessoa, do cheiro de outra pessoa. Tínhamos os braços passados em volta um do outro. Era como se eu segurasse na mão algum pássaro raro, exausto, quase condenado, que milagrosamente eu conseguira descobrir. Eu estava muito assustado, tenho a certeza de que ele também, e fechamos os olhos. Lembrar isso tão clara e penosamente, esta noite, mostra-me que nem por um único instante consegui esquecer. Sinto em mim agora um despertar distante e temível do que me empolgou de modo tão esmagador naquele momento, de um imenso calor sedento, e de um tremor, e de uma ternura tão penosa que pensei que ia levar o coração a explodir. Mas daquela dor espantosa e

intolerável veio a alegria, e nós nos demos mutuamente alegria naquela noite. Pareceu, naqueles momentos, que toda uma vida não bastaria para que eu executasse com Joey o ato do amor.

Mas essa vida toda mostrou-se curta, esteve limitada por aquela noite — e terminou de manhã. Acordei enquanto Joey continuava dormindo, enroscado como um bebê, deitado de lado e virado para mim. Parecia um bebê, a boca entreaberta, as faces coradas, o cabelo encaracolado escurecendo o travesseiro e ocultando parte de sua fronte redonda e suada, e as pestanas compridas brilhando de leve ao sol de verão. Estávamos ambos despidos e o lençol que usamos como coberta encontrava-se amarfanhado aos pés da cama. O corpo de Joey era moreno,

estava suado, mostrava-se a mais bela criatura que eu vira até então. Eu queria tocá-lo para que acordasse, mas alguma coisa me impediu. Assaltou-me repentino medo, talvez porque ele parecesse tão inocente deitado ali, em tão perfeita confiança e abandono; talvez fosse porque ele era bem menor do que eu, e meu próprio corpo vinha agora parecer bruto, esmagador, e o desejo que surgia nele parecia monstruoso. Acima de tudo, no entanto, eu sentia um medo repentino. E veio de dentro de mim a compreensão: *"Mas Joey é um menino!"* Percebia repentinamente o vigor de suas coxas, de seus braços, de seus punhos flexionados e soltos. De repente, o vigor e a promessa e o mistério daquele corpo faziam-me ter medo. Aquele corpo vinha, de súbito,

assemelhar-se à entrada tenebrosa de uma caverna, na qual eu seria torturado até ficar louco, na qual eu perderia minha virilidade. De modo preciso, eu queria conhecer aquele mistério e sentir aquela força e ver aquela promessa cumprida por meu intermédio. Nas minhas costas, o suor tornava-se frio e senti vergonha. A própria cama, em sua doce desordem, proclamava torpeza. Pensei no que a mãe de Joey ia dizer, quando visse aqueles lençóis, e depois pensei em meu pai, que não tinha no mundo outra pessoa senão eu, pois minha mãe morrera quando eu era ainda pequeno. Abriu-se em minha mente uma caverna negra, cheia de ruídos e sugestões de histórias que não ouvira bem, que estavam semi-esquecidas e tinham sido mal compreendidas, repletas

de expressões proibidas e palavrões. Julguei ver meu futuro dentro daquela caverna, e senti medo. Podia ter chorado, de vergonha e pavor, chorado por não compreender como aquilo pudera acontecer comigo, como pudera acontecer *em mim*. E tomei uma decisão. Levantei-me da cama, tomei um banho de chuveiro e já estava vestido, com o desjejum pronto, quando Joey despertou.

Não lhe comuniquei minha decisão, pois isso teria destruído minha força de vontade. Não esperei para fazer com ele a primeira refeição do dia, e tomei apenas um pouco de café, dando uma desculpa para ir embora, para minha casa. Eu sabia que a desculpa não o enganava, mas Joey não soube como protestar ou insistir, não sabia que era

tudo quanto precisava ter feito. E depois disso eu, que estivera quase diariamente em sua companhia naquele verão, não mais quis vê-lo. Não o procurei, e ele não me procurou. Eu teria ficado muito satisfeito se ele surgisse à minha procura, mas o modo pelo qual me retirara de sua casa criara um estado de espírito que nenhum de nós sabia desfazer. Quando finalmente o vi, mais ou menos por acidente, ao final do verão, apresentei-lhe uma história comprida e inteiramente falsa a respeito de certa moça que estava namorando e quando a escola reabriu as portas ingressei numa turma mais bruta e mais velha, e fui muito mal-educado com Joey. E quanto mais ele se entristecia com isso, tanto mais bruto eu me tornava. Finalmente ele se mudou daquele bairro,

saiu de nossa escola, e jamais voltei a vê-lo.

Talvez tenha sido naquele verão que comecei a sentir- me sozinho e também naquela época teve início a trajetória que me trouxe a esta janela dando para o escuro lá fora.

E ainda assim, quando alguém começa a procurar o momento crucial e definitivo, o momento que modificou todos os outros, descobre que está seguindo, em meio a muita dor, por um labirinto de sinais falsos e portas que se fecham abruptamente. A trajetória que segui pode, na verdade, ter começado naquele verão — o que não me indica onde descobrir o germe do dilema que se solucionou naquele verão, transformando-se em fuga. Está claro que ele se acha em

algum ponto onde não o posso ver, oculto naquele reflexo que observo na vidraça enquanto a noite cai lá fora. Está preso neste aposento comigo, sempre esteve, e estará por todo o tempo futuro, mas ainda assim mostra-se mais estranho e desconhecido, para mim, do que aqueles morros que não conheço, no campo lá fora.

Como dizia, morávamos em Brooklyn nessa época, e residimos também em San Francisco, onde nasci e onde está sepultada minha mãe. Por algum tempo moramos em Seattle, depois em Nova York. Para mim, Nova York é Manhattan. Mais tarde mudamo-nos de Brooklyn novamente para Nova York e quando cheguei à França meu pai e sua nova esposa tinham-se estabelecido em

Connecticut. Desde muito eu estivera por conta própria, é claro, e residira em apartamento na parte oriental da cidade.

Nos dias de minha infância, "nós" éramos meu pai, sua irmã solteirona e eu próprio. Minha mãe fora levada ao cemitério quando eu tinha cinco anos de idade. Mal me lembro dela, mas ainda assim aparecia em meus pesadelos, olhos cegos porque cheios de vermes, o cabelo seco como metal e quebradiço como gravetos, procurando apertar-me contra seu corpo, aquele corpo apodrecido e pavorosamente macio, que se abria enquanto eu lutava e chorava, formando uma abertura tão grande que me engolia vivo. Mas quando meu pai e minha tia vinham correndo a meu quarto saber o que me assustara, eu não tinha coragem para

descrever o sonho, porque parecia falta de amor à minha mãe. Dizia que sonhara com um cemitério, e eles concluíam que a morte de minha mãe deixara esse efeito perturbador em minha imaginação e talvez achassem que eu lamentava a falta dela. Pode ter sido assim, mas se é verdade, nesse caso continuo lamentando.

Meu pai e minha tia davam-se pessimamente e sem ao menos saber como, ou por que, eu achava que sua longa batalha estava de todo relacionada à minha falecida mãe. Lembro-me de quando eu era ainda bem novo e como, na grande sala de estar da casa em San Francisco, a fotografia dela, posta sobre a lareira, parecia dominar o aposento. Era como se o retrato provasse que seu espírito dominava o ar e nos controlava a

todos. Lembro-me das sombras que se formavam nos cantos extremos daquela sala, na qual nunca me senti em casa, e de meu pai banhado pela luz dourada que caia sobre ele, vinda da lâmpada alta ao lado de sua poltrona. Estaria lendo o jornal, oculto de mim pelas folhas de papel, de modo que procurando desesperadamente atrair sua atenção, às vezes eu o irritava a ponto de nosso duelo terminar com ele a carregar-me em lágrimas para fora da sala. Também me recordo dele sentado e inclinado para a frente, os cotovelos nos joelhos, olhando longamente para aquela janela enorme que não deixava entrar a noite lá de fora. Eu costumava imaginar o que ele estava pensando, e em minha recordação meu pai está sempre com uma suéter cinzenta sem

mangas, tendo afrouxado a gravata, e seu cabelo ruivo e longo cai-lhe sobre o rosto quadrado e corado. Era uma dessas pessoas prontas a rir, e que só lentamente se enfurecem, de modo que quando sua raiva surge mostra- se mais impressionante do que o comum, parecendo eclodir de alguma fenda insuspeitada, como um fogo que pode incendiar toda a casa.

E sua irmã Ellen, pouco mais velha do que ele, um pouco mais morena, sempre enfeitada demais, com pintura demais, rosto e corpo que começavam a endurecer-se, exibindo jóias em demasia por toda a parte, tilintando e batendo àquela luz, sentada no sofá e lendo. Lia muito, lia todos os livros, e costumava ir bastante ao cinema.Ou então fazia tricô, e

parece-me que sempre estava carregando uma bolsa grande, cheia de perigosas agulhas de tricô, ou então um livro, ou ainda as duas coisas. Não sei o que ela fazia com aquele tricô, mas deve ter havido alguma vez em que fez uma peça para meu pai ou para mim. Não recordo qual fosse, no entanto, assim como não me lembro que livros ela costumava ler. Podia ser sempre o mesmo livro, e talvez ela tricotasse o mesmo xale, suéter ou sabe Deus o que, em todos os anos em que a conheci. Às vezes ela e meu pai jogavam Cartas, o que era muito raro, e de outras conversavam amigavelmente em tom de troça, mas isso era perigoso, pois suas troças quase sempre terminavam em briga.

De outras feitas, tínhamos visitas, e

era frequente darem-me licença para observá-los a tomar seus coquetéis. Nessas ocasiões meu pai apresentava-se no melhor que tinha e se mostrava brincalhão e expansivo, andando em meio aos convidados de copo na mão, servindo bebida aos outros, rindo muito, tratando os homens como se fossem seus irmãos e flertando com as mulheres. Ou melhor, não flertava com elas, mas pavoneava-se em sua presença. Eilen parecia estar sempre a vigiá-lo, como receosa de que ele fizesse alguma coisa ruim, observando-o e às mulheres e — sim, ela flertava com os homens, de um modo estranho e que fazia mal aos nervos. Lá estava minha tia, toda muito bem arrumada, a boca mais vermelha do que o próprio sangue, envergando roupas que

eram da cor errada, ou apertadas demais, ou jovens demais para ela, tendo na mão o copo de coquetel que parecia ameaçado de ser reduzido a cacos a qualquer instante, e aquela voz que não silenciava, parecendo-se a uma lâmina de navalha arranhando o vidro. Quando eu era pequenino e a observava acompanhada, ela me fazia medo.

Tudo quanto acontecia naquela sala, entretanto, era vigiado por minha mãe. Ela presenciava tudo naquela moldura fotográfica, mulher pálida e loura, de traços finos e olhos escuros, fronte reta e boca nervosa e gentil. Mas alguma coisa no modo pelo qual aqueles olhos estavam colocados na cabeça e fitavam a gente, algo muito levemente sardónico e perceptivo no desenho da

boca, sugeriam que em alguma parte daquela fragilidade tensa existia um vigor tão variado quanto inflexível, e, como a raiva de meu pai, perigoso por irromper de modo inteiramente inesperado. Raramente meu pai falava a seu respeito, e quando o fazia encobria o rosto, por algum motivo misterioso. Referia-se a ela apenas como sendo minha mãe e, na verdade, quando o fazia era como se falasse de si próprio. Eilen referia-se mui- tas vezes à minha mãe, dizendo que fora uma mulher notável, mas me fazia sentir mal, por eu achar que não tinha direito a ser filho de tal mãe.

Anos mais tarde, quando eu me tornara homem, procurei fazer com que meu pai me falasse a respeito de minha mãe. Mas Eilen morrera, e ele estava

perto de casar-se outra vez. Quando falou sobre minha mãe, fez isso do mesmo modo como Eilen se referia a ela, e na verdade podia estar-se referindo a Eilen.

Houve uma noite em que os dois brigaram, quando eu tinha treze anos de idade, mais, ou menos. Eles brigavam muito, é claro, mas talvez eu recorde essa briga com tanta clareza porque pareceu ser a meu respeito.

Eu estava dormindo, no pavimento superior da casa, e era bem tarde. Acordei de repente, despertado pelo ruído das passadas de meu pai na calçada por baixo da janela de meu quarto. Pelo ruído e ritmo dos passos eu podia dizer que ele estava um pouco bêbado, e recordo que nesse momento fui assaltado por certo desapontamento, uma tristeza sem

precedentes. Eu o vira bêbado muitas vezes, e jamais sentira isso — ao contrário, meu pai era criatura de grande encanto quando bebia — mas aquela noite senti, de repente, que havia qualquer coisa desprezível nele.

Ouvi que entrava, e logo em seguida a voz de Eilen.

— Você ainda não foi dormir? — perguntou meu pai, procurando ser agradável e evitar uma cena, mas sem qualquer cordialidade, na voz, apenas cansaço e exasperação.

— Achei — respondeu Eilen com frieza — que alguém devia dizer-lhe o que você está fazendo com seu filho.

— O que estou fazendo com meu filho? — e ele ia dizer mais alguma coisa,

algo ruim, mas deteve-se a tempo e aduziu apenas, com calma resignada, alcoolizada e sem esperança: — De que está falando, Eilen?

— Você acha mesmo — perguntou ela, que com certeza estava de pé no meio da sala, com as mãos fechadas, muito firme e parada — que é o tipo de homem que ele deve ser, quando crescer?

E como meu pai não respondesse:

— Ele está crescendo, sabia? Já quanto a você, não posso dizer o mesmo — acrescentou com desprezo.

— Vá deitar-se, Ellen — disse meu pai, e parecia muito cansado.

Como estavam falando a meu respeito, achei que devia descer até a sala e dizer a Eilen que tudo quanto houvesse

para acertar entre meu pai e eu nós o poderíamos fazer, sem que ela se metesse. E talvez — o que parece estranho — achasse que ela estava me desrespeitando, *a mim*, pois jamais me queixara de meu pai com ela.

Ouvi as passadas pesadas e desiguais dele, a caminhar pela sala, dirigindo-se às escadas.

— Não pense — disse Ellen — que não sei onde esteve.

— Estive por aí... bebendo — retrucou ele — e agora queria dormir um pouco. Dá licença?

— Você esteve com aquela pequena, a Beatrice — desse Ellen. — É onde vai sempre, onde gasta todo o dinheiro, a virilidade e amor-próprio

também.

Ela conseguira enraivecê-lo, e meu pai começou a gaguejar.

— Se você pensa... se você *pensa*... que vou ficar... ficar... ficar aqui... e discutir com você minha vida particular... *minha* vida particular! Se pensa que vou discutir com você, ora, você está maluca!

— Pode crer que não me interesso — disse ela — pelo que faz a si próprio. Não estou preocupada à *seu* respeito. Mas você é a única pessoa com autoridade sobre David. Eu não tenho. E ele não tem mãe, só me escuta quando acha que isso agrada a você. Acha mesmo boa ideia deixar David ver você chegar bêbado todos os dias? E não se engane —

acrescentou logo, com a voz quente de veemência —, não se engane pensando que ele não sabe de onde vem, que não sabe a respeito de suas mulheres!

Ellen estava enganada. Acredito que eu não soubesse a respeito dessas mulheres — ou jamais pensara nisso. A partir daquela noite, no entanto, pensei nelas todo o tempo. Mal podia ver o rosto de uma mulher sem pensar se meu pai havia ou não, na expressão de Ellen, "interferido" com ela.

— É bem possível — respondeu meu pai — que David tenha um cérebro mais limpo do que o seu.

O silêncio seguinte, durante o qual meu pai subia as escadas, foi sem qualquer comparação o pior silêncio que eu conhecera em minha vida. Estava

imaginando o que eles pensavam, cada qual deles. Procurava imaginar-lhes a expressão fisionômica e como estaria quando os visse na manhã seguinte.

— E mais uma coisa — disse meu pai, de repente, do meio da escada, em voz que me fez medo. — Tudo quanto quero para David é que ele cresça e se torne um homem. E quando digo um homem, Eilen, não quero dizer um pastor de escola paroquial.

— Um homem não é a mesma coisa que um touro para reprodução — retrucou Ellen rispidamente. — Boa noite.

— Boa noite — disse ele, depois de uma ligeira espera.

Ouvi, então, que ele passava com passos pesados diante da porta de meu

quarto.

A partir de então, com o fervor misterioso, astuto e terrível dos que são muito jovens, desprezei meu pai e odiei Ellen. É difícil dizer por que e não sei qual o motivo. Mas isso levou todas as profecias feitas por Eilen a meu respeito à realização. Ela dissera que viria o dia quando nada e ninguém conseguiria governar-me, nem mesmo meu pai. Não resta dúvida de que esse momento chegou.

Foi depois de Joey. O incidente com ele me abalara profundamente, e seu efeito fora o de tornar-me reservado e cruel. Não podia falar do que acontecera entre nós a pessoa alguma, nem para mim próprio eu o podia reconhecer; e embora nunca pensasse no assunto, ele persistia no fundo de meu espírito, tão imóvel e

horrível quanto um cadáver putrefato. E ele transformava, adensava e azedava a atmosfera de meus pensamentos. Não tardou para que fosse eu quem chegava em casa bêbado, eu quem encontrava Ellen à espera, Eilen e eu quem travava discussão todas as noites.

A atitude de meu pai era de que isso não passava de fase inevitável de meu crescimento, e ele fingia encarar o fato com despreocupação, por baixo de seu jeitão jovial, como o de dois homens que são amigos, no entanto, ele não sabia o que fazer, estava assustado. Talvez houvesse pensado, antes, que meu crescimento nos aproximaria, e agora, que procurava descobrir alguma coisa a meu respeito, eu fugia dele, desabaladamente. Eu *não queria* que ele me conhecesse.

Não queria que pessoa alguma me conhecesse. Também acontecia estar atravessando, com meu pai, aquela fase que os jovens inevitavelmente atravessam com seus progenitores — estava começando a julgá-lo. A dureza com que se efetuava esse julgamento, que me dilacerava o coração, vinha revelar — embora eu não pudesse ou soubesse dizê-lo naquela época — o quanto eu o amara, e como aquele amor, juntamente com minha inocência, estava morrendo.

Meu pobre pai estava perplexo e assustado. Não conseguia crer que houvesse entre nós alguma coisa muito errada, e isso não era apenas porque ele não teria sabido o que fazer a respeito; era principalmente porque teria de enfrentar o reconhecimento de que deixara

de fazer alguma coisa, em algum ponto, coisa essa de máxima importância. E como nenhum dos dois fazia ideia de qual pudesse ter sido essa omissão tão importante, e como estávamos forçados a formar uma liga tácita contra Ellen, refugiamo-nos no sermos calorosos e amigos um com o outro. Não éramos como pai e filho, dizia ele às vezes, cheio de orgulho — éramos como companheiros. Acho que meu pai chegava a ponto de acreditar nisso, de vez em quando. Eu, não. Não queria ser seu companheiro, queria ser seu filho. O que se passava entre nós como confiança masculina causava-me esgotamento e pavor. Os pais deviam evitar a nudez diante dos filhos. Eu não queria saber — pelo menos, não por sua boca — que sua carne era tão

impenitente quanto a minha. O conhecimento disso não fazia com que me sentisse mais seu filho — ou companheiro - — e servia apenas para fazer- me sentir um intrometido e intruso bem assustado. Ele achava que éramos iguais, e eu não queria pensar assim. Não queria pensar que minha vida seria igual à dele, ou que meu espírito ia se tornar tão pálido, tão desprovido de pontos firmes e quedas abruptas e cruas. Ele não queria distância entre nós, desejava que o encarasse como homem igual a mim. Mas eu desejava a distância misericordiosa que existe entre pai e filho; e que me teria permitido amá-lo.

Certa noite, bêbado e em companhia de diversas pessoas, regressando de uma festa fora da cidade,

o carro que eu dirigia deu uma batida. Foi inteiramente por minha culpa. Eu já estava bêbado demais para andar, e não tinha que meter-me a dirigir automóvel, mas os outros não sabiam disso, pois sou uma dessas pessoas que não aparentam ou deixam transparecer a embriaguez, mesmo quando à beira do coiapso. Numa faixa reta e plana de estrada, aconteceu alguma coisa fantástica com todas as minhas reações, e o carro escapou-me subitamente ao controle. Um poste telefônico, branco como a espuma, partiu gritando em minha direção, saindo da treva completa. Ouvi gritos e depois um som forte, tonitruante e dilacerante. Depois disso, tudo mergulhou em rubro, logo passou a uma claridade diurna, e tombei numa escuridão como jamais

conhecera antes.

Devo ter começado a despertar quando estávamos sendo levados para o hospital. Guardo vaga recordação de movimentos e vozes, mas pareciam muito distantes, nada tendo a ver comigo. Mais tarde, acordei num lugar que parecia ser o próprio centro do inverno, de teto branco e alto, paredes brancas e uma janela dura e glacial, que se inclinava sobre mim. Devo ter tentado erguer-me, pois lembro um trovejar horrível na cabeça, e depois um peso em meu peito e um rosto enorme sobre mim. Aquele peso, aquele rosto, começaram a empurrar-me para baixo, e eu gritei por minha mãe. Depois disso, tudo ficou escuro outra vez.

Quando finalmente recobrei os sentidos, meu pai estava de pé ao lado do

leito. Eu sabia que ele estava lá, antes mesmo de poder vê-lo, antes dos olhos poderem entrar em foco, e virei a cabeça cuidadosamente. Quando ele viu que eu acordara, aproximou-se com muito cuidado, fazendo-me gesto para que não me movesse. Parecia tão velho! Eu sentia vontade de chorar, e por momentos ficamos apenas a olhar um para o outro.

— Como se sente? — perguntou ele, afinal, num sussurro.

Foi quando tentei falar que compreendi estar sentindo dor, e imediatamente fui tomado pelo medo. Ele deve ter percebido isso em meus olhos, pois disse bem baixinho, com fervor dolorido e maravilhoso:

— Não se preocupe, David. Você vai ficar bom. Você vai ficar bom.

Eu continuava incapaz de falar, e simplesmente olhava para ele.

— Vocês tiveram muita sorte — prosseguiu meu pai, fazendo esforço para sorrir. — Foi você quem mais se machucou no meio de todos.

— Estava bêbado — respondi finalmente.

Queria contar-lhe tudo, mas falar era uma agonia tremenda.

— Você não sabe — perguntou ele, com ar de absoluta perplexidade, pois para isso ele podia aceitar o espanto — que não deve dirigir quando está embriagado? Você sabia disso — acrescentou com severidade e apertando os lábios. — Ora, vocês todos podiam ter morrido! — disse ainda, com a voz

abalada.

— Sinto muito — respondi, de repente. — Sinto muito — repeti, sem saber como dizer o motivo pelo qual estava me desculpando.

— Não peça desculpas — retrucou ele. — Tenha mais cuidado, em outra vez.

Até então ele estivera batendo com a mão no lenço que tinha entre as palmas, e agora abria o lenço, estendia o braço e enxugava minha testa.

— Você é tudo quanto eu tenho — disse então, com sorriso dolorido e tímido. — Tenha cuidado.

— Papai... — disse eu, e desatei a chorar.

Se falar fora uma agonia, aquilo

era pior, e não conseguia parar o choro. E a expressão fisionômica de meu pai se transformou. Tornou-se terrivelmente velho e, ao mesmo tempo, absoluta e irresistivelmente moço. Lembro-me de ter ficado atônito, naquele centro imóvel e frio da tempestade que ocorria em mim, ao compreender que meu pai estivera sofrendo, e ainda estava.

— Não chore — disse ele. — Não chore!

Esfregou minha testa com aquele lenço absurdo, como se o mesmo possuísse algum dom de cura.

— Não há do que chorar. Tudo vai dar certo — acrescentava, ele próprio à beira das lágrimas. — Não há nada errado, há? Eu não fiz qualquer coisa

errada, fiz?

E continuava esfregando meu rosto com aquele lenço, que me sufocava.

— Estávamos bêbados — disse eu. — Estávamos bêbados — repeti, pois de algum modo aquilo parecia explicar tudo.

— Sua tia Ellen diz que foi por minha culpa — disse ele. — Ela diz que eu nunca o criei direito...

Felizmente guardava aquele lenço, e com gesto débil endireitou os ombros, perguntando então:

— Você não tem nada contra mim, tem? Diga-me se tem alguma coisa contra mim.

Minhas lágrimas começaram a secar, em meu rosto e no peito.

— Não — respondi. — Não. Não tenho nada. É verdade.

— Eu fiz o que pude — disse ele. — Fiz, mesmo, o melhor que pude.

Olhei para ele, e finalmente ele sorria e dizia:

— Você vai ficar deitado algum tempo, mas quando voltar para casa, quando estiver por lá, vamos ter uma conversa, hem? E vamos procurar saber que diabo vamos fazer com você quando estiver em pé de novo. OK?

— OK — respondi.

Pois eu sabia, no fundo do coração, que jamais havíamos conversado, e que agora não iríamos conversar coisa alguma. Compreendia que ele jamais deveria saber disso. Quando

fui para casa ele me falou a respeito de meu futuro, mas eu já resolvera o que fazer. Não ia entrar para a faculdade, não ia ficar naquela casa com ele e Ellen. E manobrei tão bem meu pai que ele chegou mesmo a crer que eu descobrir um emprego e viver por conta própria eram resultado direto de seus conselhos, e uma homenagem ao modo pelo qual me criara. Uma vez fora daquela casa, naturalmente, tornou-se muito mais fácil lidar com ele e jamais teve motivos para sentir-se fora de minha vida, pois sempre consegui lhe dizer o que ele queria ouvir, quando comentávamos o assunto. E nos dávamos muito bem, na verdade, pois a visão que proporcionava de minha vida a meu pai era exatamente a visão em que eu próprio precisava desesperadamente acreditar.

Isso porque sou — ou fui — uma dessas pessoas que se orgulham da força de vontade, de sua capacidade de tomar uma decisão e levá-la adiante. Essa virtude, como a maioria das virtudes, é a própria ambiguidade. Quem acredita ter vontade firme e ser dono de seu próprio destino somente pode continuar a crer nisso quando se torna especialista em enganar a si mesmo. As decisões de gente assim não são realmente decisões, pois para tomá-las, quando verdadeiras, sentimos estar à mercê de um número incontável de outras coisas, e não passam de complexos sistemas de evasão, ilusão, destinados a fazer com que nós e o mundo pareçamos ser o que nem um nem outro é. Tenho a certeza de que foi nisso que deu minha decisão, tomada tanto tempo antes

no leito de Joey. Eu resolvera não deixar lugar algum no universo para alguma coisa que me causasse vergonha e medo. Conseguira grande êxito — mediante o recurso de não olhar para o universo, não olhar para mim mesmo, permanecer em movimento constante. Até em movimento constante não se pode evitar, é claro, um obstáculo misterioso e ocasional, uma queda, como acontece ao aeroplano que chega a uma bolsa de ar. E houve bom número delas, todas na embriaguez, todas sórdidas e uma muito amedrontada, quando estive no exército, envolvendo um pederasta que mais tarde foi submetido à corte marcial e expulso das fileiras. O pânico causado em mim pela punição imposta a ele foi o ponto mais próximo a que cheguei, a meu próprio turno,

enfrentando os pavores que às vezes via toldando os olhos de outro homem.

O que aconteceu é que, inteiramente inconsciente do que significava todo aquele tédio, cansei-me do movimento, cansei-me dos mares de álcool onde não encontrava alegria, cansei-me das amizades abruptas, rudes, sinceras e inteiramente sem sentido, cansei-me de percorrer as florestas de mulheres sem esperança, cansei-me do trabalho que bastava apenas para me sustentar, no sentido mais brutalmente literal. Talvez, como dizemos na América, eu quisesse encontrar a mim mesmo. Trata-se de frase bastante interessante e até onde sei não tem circulação corrente na linguagem de qualquer outro povo, e que certamente não significa o que diz,

mas revela a incômoda desconfiança de que alguma coisa está fora de lugar. Acredito agora que se tivesse qualquer ideia de que o "eu" que ia encontrar se revelaria o mesmo "eu" do qual passara tanto tempo fugindo, teria ficado em meu país. Mas acredito também que sabia, no fundo do coração, exatamente o que estava fazendo, quando embarquei para a França.

2

Conheci Giovanni em meu segundo ano em Paris, quando estava sem dinheiro. Na manhã daquele dia, em que nos conhecemos, eu fora expulso de meu

quarto. Não tinha um montão de dinheiro comigo, apenas perto de seis mil francos, mas os hoteleiros parisienses têm faro aguçado para a pobreza, e quando o mesmo acusa alguma coisa, eles fazem o que faz qualquer outra pessoa que sinta um mau cheiro — atiram para fora o que esteja fedendo.

Meu pai tinha, em sua conta bancária, dinheiro que me pertencia, mas mostrava-se muito relutante em enviá-lo para mim, pois queria que eu regressasse para casa — voltasse para casa, como dizia, e me estabelecesse, e sempre que ele dizia isso eu pensava no fundo lodoso de uma lagoa estagnada. Àquela altura eu não conhecia muitas pessoas em Paris, e Hella encontrava-se na Espanha. A maioria dos que eu conhecia em Paris era,

como às vezes os parisienses dizem, gente de *le milieu*, e embora esse meio certamente estivesse pronto a me chamar, eu me encontrava decidido a provar, tanto a eles quanto a mim próprio, que não pertencia à sua companhia. Fazia isso estando em companhia deles bastante tempo e manifestando para com todos os seus componentes uma tolerância que supunha situar-me acima de qualquer desconfiança. Escrevera pedindo dinheiro a amigos, é claro, mas o oceano Atlântico é coisa bem profunda e larga, e o dinheiro não se apressa em vir da outra margem.

Assim é que percorri meu caderninho de endereços, sentado diante de uma xícara, num café de bulevar, e resolvi chamar um velho conhecido que sempre me pedia que o chamasse, um

businessman norte-americano, nascido na Bélgica, madurão e chamado Jacques. Tinha um apartamento grande e confortável, muita coisa para beber e dinheiro em quantidade. Manifestou surpresa ao receber meu telefonema, como eu sabia que ia acontecer, e antes que essa surpresa e seu sabor se dissipassem, dando-lhe tempo para acautelar-se, já me convidara para jantar. Podia estar xingando quando desligava, e pondo a mão na carteira, mas era tarde demais. Jacques não é criatura das piores. Talvez seja um idiota e um covarde, mas quase todos são uma coisa ou outra, e a maioria incorre em ambas as categorias. Por certos aspectos, eu gostava dele. Era um bobo, mas vivia muito solitário. Seja como for, compreendo agora que o

desdém que sentia por ele estava preso ao desdém que sinto por mim mesmo. Podia mostrar-se incrivelmente generoso, e sabia ser inenarravelmente sovina. Embora quisesse confiar em todos, não conseguia confiar em pessoa alguma, e para compensar isso gastava o dinheiro com os outros, seguindo-se daí que era invariavelmente esbulhado. Tendo ocorrido isso, abotoava a carteira, fechava a porta e retirava-se para aquela forte autocomiseração que talvez constituísse a única coisa realmente sua. Por muito tempo achei que ele, com seu apartamento enorme, suas promessas, de boa intenção, seu uísque, sua maconha, suas orgias, ajudara a matar Giovanni. E talvez tenha, mesmo. Mas é certo que as mãos de Jacques não estão mais

manchadas de sangue do que as minhas.

A bem da verdade, vi Jacques logo depois de Giovanni ser condenado. Estava sentado no terraço de um café, envolto em seu sobretudo, tomando um *vin chaud*, inteiramente sozinho naquele lugar. Quando passei por ali, ele me chamou.

Não tinha bom aspecto, seu rosto estava mosqueado e os olhos por trás dos óculos pareciam os de um homem à morte, que procura salvação em toda parte.

— Já soube — disse em murmúrio, quando me sentei à sua mesa — a respeito de Giovanni?

Com a cabeça, fiz que sim. Lembro-me do sol de inverno, brilhando no céu, e lembro também que me sentia tão frio e distante quanto ele.

— É terrível, terrível, terrível! — disse Jacques entre gemidos. — Terrível!

— Sim — respondi, incapaz de dizer outra coisa.

— Por que será que ele fez uma coisa dessas? — insistiu Jacques. — Por que não pediu ajuda aos amigos?

Olhou para mim, e sabíamos ambos que, na última vez em que Giovanni pedira dinheiro, Jacques o negara. Fiquei em silêncio, e ele prosseguiu:

— Dizem que ele começara a tomar ópio, que precisava de dinheiro para o ópio. Você ouviu falar nisso?

Eu ouvira, sim. Tratava-se de uma especulação apresentada em jornal, mas eu tinha motivos para crer nela,

lembrando a medida do desespero de Giovanni, sabendo até onde ele fora levado por aquele terror, tão grande que simplesmente se transformara em vácuo. "Eu quero fugir", dissera-me. *"Je veux m'evader* deste mundo sujo, deste corpo sujo. Nunca mais quero amar com outra coisa além do corpo".

Jacques aguardava minha resposta, e eu fiquei de olhos presos na rua. Estava começando a pensar em Giovanni morrendo — e onde Giovanni estivera, não haveria mais coisa alguma.

— Espero que não tenha sido por minha culpa — disse Jacques, finalmente. — Não lhe dei o dinheiro que me

pedia. Se eu soubesse... teria dado tudo quanto possuo.

Mas nós dois sabíamos que isso

não era a verdade.

— Vocês dois juntos... — sugeriu Jacques — Não eram felizes juntos?

— Não — respondi e levantei-me. — Talvez fora melhor que ele ficasse lá naquela aldeia dele, na Itália, plantasse suas oliveiras e tivesse muitos filhos, e espancasse a mulher. Ele, antes, gostava muito de cantar — recordei de repente. — Talvez pudesse ter ficado por lá e cantado por toda a vida, e morrido na cama.

Foi então que Jacques disse alguma coisa surpreendente. As pessoas estão cheias de surpresas, até para si mesmas, quando agitadas o suficiente.

— Ninguém pode ficar no jardim do Paraíso — disse Jacques, aduzindo em seguida: — Por que será?

Não respondi. Despedi-me e deixei-o ali, pois fazia tempo que Hella regressara da Espanha, já tínhamos providenciado para alugar esta casa, e estávamos com encontro marcado.

Desde então tenho pensado naquela pergunta de Jacques. Ela é banal, mas um dos problemas da vida é que ela, a vida, se mostre tão banal. Afinal de contas, todos percorrem a mesma estrada escura — e essa estrada apresenta a particularidade de ser a mais tenebrosa, a mais traiçoeira, exatamente quando parece a mais clara — e é verdade que ninguém permanece no jardim do Paraíso. O jardim de Jacques não era o mesmo de Giovanni, está claro. O de Jacques encontrava-se envolvido com jogadores de futebol, e o de Giovanni com virgens

— mas isso parece ter feito tão pouca diferença... Talvez todos tenham um jardim do Paraíso, não sei, mas mal acabaram de vê-lo e já surgiu a espada flamejante. E talvez também aconteça que a vida só proporcione a escolha de lembrar o jardim, ou esquecer-se dele. Isto, ou aquilo: é preciso energia para lembrar, é preciso outro tipo de energia para esquecer, sendo necessário um herói para fazer ambas as coisas. As pessoas que se recordam estão cortejando a loucura por meio da dor, a dor da morte perpetuamente recorrente de sua inocência; as que esquecem cortejam outro tipo de loucura, a de negar a dor e o ódio à inocência. E o mundo se encontra, em sua maior parte, dividido entre os loucos que se lembram e os loucos que se

esquecem. Os heróis são poucos.

Jacques não quisera jantar em seu apartamento porque o cozinheiro fugira. Seus cozinheiros estavam sempre fugindo, e ele sempre arranjando rapazinhos vindos das províncias, sabe Deus como, para cozinharem em seu apartamento. E eles, naturalmente, assim que aprendessem a andar pela capital, resolviam que cozinhar era a última coisa que desejavam fazer. Em geral terminavam regressando às províncias, isto é, aqueles que não terminavam nas ruas, na cadeia ou na Indochina.

Encontrei-o em restaurante muito bom, na *rue de Grenelle*, e consegui dez mil francos emprestados com ele, antes de terminarmos os aperitivos. Jacques estava bem disposto, eu também e isso queria

dizer que íamos acabar bebendo no bar favorito dele, um túnel barulhento, cheio de gente, mal iluminado e de reputação duvidosa — ou talvez não duvidosa, mas declaradamente escrachada. De vez em quando era vasculhado pela polícia, aparentemente com conivência de Guillaume, o *patron*, que nas noites de batida policial sempre conseguia avisar seus fregueses favoritos que se não estivessem com os documentos de identidade no bolso, era melhor seguirem para outra parte.

Lembro-me de que o bar naquela noite, estava mais cheio e barulhento do que o comum. Todos os *habitues* lá se encontravam, bem como muitos estranhos, alguns olhando e outros com olhar fixo. Havia três ou quatro damas parisienses,

muito chiques, sentadas a uma mesa em companhia de seus gigolôs, amantes ou talvez primos de roça, não sei. Elas pareciam extremamente animadas, os acompanhantes mostravam-se pouco à vontade, e elas é que mais bebiam. Lá estavam os cavalheiros gordos e de óculos, como de costume, com olhares ávidos e às vezes desesperançados, os rapazes magros e de calças apertadas, portadores de punhais de mola. Jamais se sabia, a respeito destes últimos, se estavam atrás de dinheiro, ou sangue, ou amor. Andavam sem parar de um para outro lado do bar, pedindo cigarros e bebidas, tendo nos olhos alguma coisa que era ao mesmo tempo terrivelmente vulnerável e terrivelmente dura. Está claro que eram *les folies*, sempre trajados

nas combinações mais absurdas, gritando como papagaios os detalhes de suas aventuras amorosas mais recentes — posto que, para eles, suas aventuras amorosas sempre pareciam motivo de hilaridade. De vez em quando um deles chegava em arranco, já bem tarde à noite, para trazer a notícia de que ele — mas sempre se chamavam "ela", uns aos outros — acabara de passar o tempo com uma famosa estrela cinematográfica, ou um boxeador. Nisso, todos Os outros se agrupavam ao seu redor e seu conjunto se assemelhava a um bando de pavões, saindo dali os ruídos que sairiam de um terreiro de aves domésticas. Sempre achei difícil acreditar que fossem para a cama com alguém, pois um homem que quisesse mulher certamente preferiria uma mulher

de verdade e um homem que quisesse outro não haveria de querer um *deles*. Talvez fosse por isso mesmo que gritavam tanto. Lá estava também o rapaz que trabalhava o dia todo, ao que se dizia, nos correios, e saía de noite usando maquilagem, brincos e o cabelo louro em penteado bem alto. Havia ocasiões em que chegava a vestir saia e sapatos de salto alto. Em geral permanecia sozinho, a menos que Guillaume o abordasse para troçar dele. Diziam que era muito educado, mas confesso que seu aspecto grotesco me causava inquietação, talvez do mesmo modo como a visão de macacos comendo suas próprias fezes faz revirar o estômago de algumas pessoas. É possível que elas não se perturbassem tanto com tal gesto dos macacos se estes — de modo

tão grotesco — não se assemelhassem a seres humanos.

Aquele bar ficava praticamente em meu *quartier* e muitas vezes eu fizera o desjejum no café próximo a ele, frequentado por trabalhadores, e para o qual todos os notívagos da vizinhança se retiravam quando os bares cerravam as portas. Às vezes eu estava em companhia de Hella, de outras, sozinho. E eu também já estivera naquele bar, duas ou três vezes. Numa delas, quando muito bêbado, fora acusado de causar uma sensação de menor porte, flertando com um soldado. Minha recordação dessa noite era muito apagada, felizmente, e adotei a atitude de que por mais bêbado que estivesse não era possível ter feito coisa assim. Mas meu rosto era conhecido, e eu tinha

pressentimento de que faziam apostas a meu respeito. Ou então era como se eles fossem os veteranos de alguma ordem sagrada e austera, observando-me para descobrir, por sinais que eu desse, mas só eles soubessem interpretar, se eu tinha ou não uma vocação verdadeira.

Jacques percebera, eu percebera também, enquanto abríamos caminho até ao bar —- era como mover-se no campo de um ímã, ou como aproximar-se de um pequeno círculo de calor — a presença de um novo *barman*. Lá estava ele de pé, insolente, moreno e leonino, o cotovelo apoiado na máquina registradora, os dedos afagando o queixo, espiando a clientela. Era como se sua posição fosse um promontório, e nós fôssemos o mar.

Jacques foi imediatamente atraído.

Senti que ele, por assim dizer, preparava-se para a conquista e senti também a necessidade de tolerância.

— Tenho a certeza — disse-lhe então — de que você quer conhecer o *barman*. Por isso, tratarei de sumir quando você quiser.

Nessa tolerância que eu demonstrava existia um fundo nada pequeno de conhecimento perverso e do qual eu me valera quando lhe telefonara para pedir dinheiro emprestado. Eu sabia que Jacques só poderia ter esperanças de conquistar o rapaz à nossa frente se o mesmo estivesse, na verdade, à venda; e se ele se apresentava com tanta arrogância numa mesa de leilão certamente poderia encontrar lances mais altos e feitos por gente mais atraente do que Jacques. Eu

sabia que Jacques sabia disso, e mais: que a afeição por ele alardeada quanto a mim estava envolta em desejo, o desejo de livrar-se de mim, de poder logo desprezar-me, como desprezara aquela legião de rapazes que viera sem amor a seu leito. Sustentei minha posição contra esse desejo, fingindo que Jacques e eu éramos amigos, forçando-o a fingir o mesmo sob pena de sofrer humilhação. Fiz de conta que não via, embora observasse, o apetite sensual nada dormente em seus olhos brilhantes e raivosos, e por meio da franqueza bruta e masculina com que lhe dava a entender que seu caso era perdido, obriguei-o a manter esperanças incessantes. E eu sabia, finalmente, que em bares como aquele eu era a proteção de Jacques. Enquanto eu ali estivesse, o

mundo podia ver e ele podia acreditar que saíra comigo, seu amigo, que não estava lá por desespero, que não se encontrava à mercê de qualquer aventureiro que a sorte, a crueldade ou as leis da pobreza, real ou emocional, poderiam atirar em sua direção.

— Você fica aqui mesmo — respondeu-me. — De vez em quando eu olharei para ele e falarei com você. Assim poupo dinheiro, e fico feliz, também.

— Onde será que Guillaume o encontrou? — perguntei.

E perguntei porquê ele era exatamente o tipo de rapaz com que Guillaume sempre sonhara, sendo difícil crer que o pudera encontrar.

— O que vão tomar? — perguntava-nos agora, e em seu tom de voz dava a entender que embora não falasse inglês, sabia que conversávamos a seu respeito, e esperava que houvéssemos acabado.

— *Une fine a l'eau — disse eu.*

— *Un cognac sec* — disse Jacques.

Falamos ambos com rapidez demasiada, de modo que corei e compreendi, por leve ponta de divertimento no rosto de Giovanni, enquanto nos servia, que ele o percebera.

Jacques, forçando propositalmente uma interpretação errada para o levíssimo sorriso de Giovanni, fez daquilo uma oportunidade, e perguntou em inglês.

— Você é novo aqui?

Com toda a certeza Giovanni compreendeu a pergunta, mas saiu-lhe melhor olhar com expressão de desentendimento, de Jacques para mim, e novamente para Jacques, que traduziu a pergunta. Ele, então, deu de ombros.

— Estou aqui há um mês.

Eu sabia para onde marchava a conversa, e mantive baixos os olhos, tomando a bebida.

— Deve parecer muito estranho para você — sugeriu Jacques, com um tipo de insistência pesada na gentileza.

— Estranho? — perguntou Giovanni. — Por quê?

E com isso Jacques deu uma risadinha, fazendo-me sentir repentina

vergonha de estar em sua companhia.

— Todos esses homens — e eu conhecia aquela voz, anelante, insinuante, mais fina do que a de qualquer moça, e quente, sugerindo de algum modo o calor absolutamente estacionário e mortal que paira sobre os pantanais em julho — todos esses homens — repetiu, estertorando — e tão poucas mulheres. Isso não lhe parece estranho?

— Ah... — disse Giovanni e voltou-se para servir outro freguês. — Certamente as mulheres estão esperando em casa.

— Com certeza há uma esperando você — insistiu Jacques, sem obter resposta de Giovanni.

— Bem, não foi preciso muito

tempo — disse depois, em parte para mim e em parte para o espaço onde Giovanni acabara de estar. — Não está satisfeito por ter ficado? Fiquei todo para você.

— Ora, você está fazendo tudo errado — respondi. — O rapaz está doido por você. Só não quer parecer ansioso demais. Pague-lhe uma bebida, descubra onde gosta de comprar roupas. Fale sobre aquela pequenina e bela Alfa Romeo que você está pronto a dar de presente a um *barman* que a saiba merecer.

— *Muito* engraçado — retrucou Jacques.

— Pois olhe que coração timorato não conquista belo atleta — insisti.

— Seja como for, tenho certeza de que ele dorme com moças. Sempre

dormem, sabia?

— Ouvi falar em rapazes que fazem isso. São uns porquinhos.

Ficamos silenciosos por algum tempo, e depois Jacques se saiu com uma sugestão.

— Por que *você* não o convida a tomar alguma coisa conosco.

Olhei para ele, a fim de responder:

— Por que *eu* não o convido? Ora, pode achar dificuldade em acreditar, mas na verdade também sou um tanto admirador das moças. Se a irmã dele fosse tão bonita quanto ele, eu a convidaria para tomar alguma coisa conosco. Não gasto dinheiro com homens.

Dava para ver Jacques lutando para não retrucar, no mesmo instante, que

eu não objetava a que os homens gastassem dinheiro *comigo*, e observei esse esforço breve com ligeiro sorriso, pois sabia que Jacques não o poderia dizer. E ele logo redarguia, com aquele sorriso valente e animado que lhe é bem próprio:

— Eu não estava sugerindo que você pusesse em risco, por um só instante, essa... — fez uma pausa — essa virilidade *imaculada* que constitui seu orgulho e alegria. Apenas sugeri que você o convidasse, pois é certo que ele recusará se *eu* o fizer.

— Mas, homem! — contestei sorrindo. — Pense na confusão que isso pode causar. Ele vai pensar que sou *eu* quem anseia por seu corpo. Como vamos

sair disso?

— Se houver alguma confusão — disse Jacques em tom de brio ofendido — terei grande prazer em desmanchá-la.

Por algum tempo encaramo-nos mutuamente, e depois eu ri.

— Espere até que ele passe por aqui. Gostaria que ele pedisse um garrafão do champanha mais caro da França.

Debruçado no bar, olhei para outro lado. Por algum motivo, sentia-me estimulado. A meu lado, Jacques ficara muito sossegado e de repente parecia muito frágil e velho, senti por ele uma piedade súbita, aguda e bem medrosa. Giovanni saíra para o salão, servindo os fregueses nas mesas, e voltava agora com

sorriso bastante cruel no rosto, trazendo uma bandeja cheia.

— Talvez fosse melhor esvaziar nossos copos — sugeri.

Terminamos a bebida, e pus o copo na mesa.

— *Barman?* — chamei em voz alta.

— O mesmo?

— Sim — respondi.

Ele começou a voltar-se para se afastar dali e eu disse rapidamente:

— *Barman*, gostaríamos de lhe oferecer uma bebida, se pudermos.

— *Eh bien!* — disse uma voz atrás de nós. — *C'est fort ça!* Não só você finalmente corrompeu, graças a

Deus, esse grande jogador de futebol norte-americano, mas agora está a usá-lo para corromper o *meu barman*. *Vraiement, Jacques!* Na sua idade!

Era Guillaume de pé atrás de nós, sorridente como astro de cinema e sacudindo aquele lenço branco e grande sem o qual jamais era visto, ao menos no bar. Jacques voltou-se, imensamente satisfeito por ter sido acusado de tão rara capacidade de sedução, e ele e Guillaume caíram nos braços um do outro, como antigas atrizes.

— *Eh bien, ma chéri, comment vas tu?*[1] *Há muito que não a vejo !*

— Tenho. estado muitíssimo ocupado —- disse Jacques.

— Não duvido. E não tem

vergonha, *vieillefolle?*[2]

— *Et toi?*'Você não parece ter perdido o tempo !

E com essa Jacques lançou um olhar encantado na direção de Giovanni, assim como se este fosse um valioso cavalo de corrida, ou peça rara de fina porcelana. Guillaume acompanhou-lhe o plhar e baixou a voz.

— *A, ça, mon cher, c'est strictement du business, comprends-tu?*[3]

Afastaram-se um pouco, o que me deixou abruptamente cercado por um silêncio desajeitado. Finalmente ergui os olhos e vi que Giovanni me observava.

— Acho que você me ofereceu uma bebida — disse ele.

— Sim — retorqui, — Ofereci-

lhe bebida.

— Não bebo álcool no trabalho, mas tomarei uma coca-cola — disse então, apanhando meu copo. — E para você é o mesmo?

— O mesmo — respondi, percebendo estar muito feliz em conversar com ele, e isso me encabulou.

Sentia-me também ameaçado, pois Jacques não estava mais à meu lado. Foi quando compreendi que, de qualquer forma, teria de pagar aquela rodada; era impossível pedir a Jacques que o fizesse, como se eu constituísse um protegido dele. Tossi e pus a nota de dez mil francos sobre o balcão.

— Você é rico — disse Giovanni, depositando a bebida à minha frente.

— Não, não. É que não tenho troco.

Ele riu, e eu não podia saber se o fazia por julgar que eu mentia, ou por saber que eu dizia a verdade. Em silêncio apanhou a nota, registrou a soma na máquina e contou cuidadosamente o troco, que pôs à minha frente no balcão. Depois disso encheu seu copo e voltou à posição inicial na registradora. Senti alguma coisa apertando meu peito.

— *A l a votre* — disse ele.

— *A la votre* — respondi, e bebemos.

— Você é americano? — perguntou finalmente.

— Sim — respondi. — De Nova

York.

— Ah! Dizem que Nova York é muito bela. Mais bela do que Paris?

— Ora, não! — respondi. — *Nenhuma* cidade pode ser mais bela do que Paris!

— A simples sugestão de que uma delas *pudesse* parece bastar para zangá-lo — comentou Giovanni, sorrindo. — Eu peço perdão. Não queria ser herético...

E depois, em tom mais sóbrio, como para me acalmar:

— Você deve gostar muito de Paris.

— Gosto também de Nova York — afirmei com noção incômoda de que minha voz tinha um tom defensivo.

— Mas Nova York é muito bela, de modo muito diferente.

— De que modo? — indagou ele, franzindo as sobrancelhas.

— Quem nunca esteve em Nova York não poderá fazer ideia. É muito alta, nova, elétrica. . . excitante — respondi, e fiz uma pausa. — Acho muito difícil descrever. É coisa bem própria do século XX.

— Então você acha que Paris *não seja* deste século?

— perguntou com um sorriso que me fez sentir um tanto bobo.

— Bem, Paris é *velha*, tem muitos séculos de existência. Em Paris sentem-se todas as eras que passaram. Não se sente

isso em Nova York...

Ele ria agora, e eu parei.

— O que sentem as pessoas em Nova York? — perguntou então.

— Talvez sintam todo o tempo que está por vir ainda. Há tanto poder e energia, tudo se move tanto! Ninguém pode deixar de imaginar... *Eu* não posso deixar de imaginar... como será aquilo, daqui a muitos anos.

— Daqui a muitos anos? Quando estivermos mortos e Nova York for velha?

— Sim — respondi. — Quando todos estivermos cansados, quando o mundo, para os americanos, não for tão novo.

— Não vejo por que o mundo

deva ser tão novo para os americanos — disse Giovanni. — Afinal de contas, vocês todos são apenas emigrantes. E não faz muito que saíram da Europa.

— O oceano é muito grande — redargui. — Nós temos levado uma vida diferente da de vocês, e a nós aconteceram algumas coisas que nunca ocorreram aqui. Certamente você pode compreender que isso tenha feito de nós um povo diferente...

— Ah! Se, ao menos, houvesse feito de vocês um povo diferente! — exclamou, dando outra risada. — Mas parece que transformou vocês numa outra espécie de seres vivos. Vocês não estão noutro planeta, estão? Digo isto porque, se vocês estivessem noutro planeta, tudo

ficaria explicado.

— Reconheço — retruquei com certa veemência na voz, pois não gosto que se riam de mim — que às vezes damos a impressão de que estamos. Mas não estamos noutro planeta, não senhor. E tampouco estão vocês, meu amigo.

Ele riu de novo, e admitiu:

— Não vou discutir esse fato, que é dos mais infortunados.

Guardamos silêncio por alguns momentos. Giovanni moveu-se para atender diversas pessoas em ambos os extremos do balcão. Guillaume e Jacques continuavam conversando, e o primeiro parecia estar narrando um de seus intermináveis casos, que invariavelmente giravam em torno dos problemas dos

negócios ou dos problemas do amor, e a boca de Jacques registrava um sorriso bastante forçado. Eu sabia que ele ansiava por voltar ao balcão.

Giovanni colocou-se novamente diante de mim e começou a limpar o balcão com um pano molhado.

— Os americanos são engraçados. Vocês têm uma noção muito engraçada do tempo, ou talvez não tenham noção do tempo, absolutamente, não sei dizer. O tempo sempre parece ser uma parada *chez vous*, uma parada *triunfal*, como a de exércitos com bandeiras desfraldadas e entrando numa cidade. É como se, havendo tempo bastante, isso não precisasse ser assim tanto para os americanos, *n'est-ce pas?* — e sorriu, fazendo uma expressão de zombaria, mas

eu me mantive calado.

— Pois bem — prosseguiu então —, é como se, havendo bastante tempo e com toda aquela energia e virtude medonhas que vocês têm, tudo ficasse resolvido, decidido, colocado em seu devido lugar. E quando digo "tudo" — acrescentou sombriamente — quero dizer todas as coisas sérias e temíveis, como a dor, a morte, o amor, coisas em que vocês, os americanos, não acreditam.

— Por que acha que não acreditamos? E, afinal de contas, em que acredita você?

— Não creio nessa bobagem a respeito do tempo. O tempo é coisa simples e comum, é como água para um peixe. Todos estão na água, ninguém sai

dela, ou se sair acontece-lhe o mesmo que sucede ao peixe; ele morre. E sabe o que acontece nessa água, que é o tempo? O peixe maior come o peixe menor. É tudo. Os peixes grandes comem os pequenos, e o oceano não se importa.

— Ora, por favor! — exclamei. — Eu não acredito *nisso!* O tempo é água quente, nós não somos peixes, e pode-se escolher ser comido e também não comer... Não comer — acrescentei depressa, corando um pouco diante do sorriso sardônico e deliciado que ele apresentava — os peixes menores, é claro.

— Escolher! — bradou Giovanni, voltando o rosto para outro lado e falando, ao que parecia, com um aliado

invisível que estivesse ouvindo nossa conversa todo o tempo. — *Escolher!*

Voltou-se novamente para mim, e aduziu:

— Ah, você é um americano de verdade! *J'adore votre enthousiasme!*[4]

— E eu adoro o de vocês — respondi educadamente embora pareça de coloração mais sombria do que o meu.

— Seja como for — disse em tom ligeiro — não sei o que se pode fazer com os peixinhos, a não ser comê-los. Eles servem para mais alguma coisa?

— Em meu país — respondi, sentindo dentro de mim um embate sutil enquanto o dizia — os peixinhos parecem ter-se juntado, e estão comendo o corpo da baleia.

— Com isso eles não se tornarão baleias — retrucou Giovanni. — O único resultado dessa comilança é que não existirá mais a grandeza em parte alguma, nem mesmo no fundo do mar.

— É *isso* o que tem contra nós? Que não somos grandes?

Ele sorriu, e o fez como alguém que, diante da incapacidade total e manifesta da oposição encontrada, está pronto a abandonar a discussão.

— *Peut-êtrè.*[5]

— Vocês são insuportáveis — afirmei. — Foram vocês que mataram a grandeza, aqui mesmo nesta cidade, com paralelepípedos nas ruas. E fala de peixinhos...

Giovanni ria, e eu parei.

— Não pare — disse ele, rindo ainda. — Estou ouvindo.

Terminei a bebida.

— Foram vocês que jogaram toda essa *merde* em cima da gente — disse em tom casmurro — e agora dizem que somos bárbaros porque fedemos.

Minha casmurrice o deliciava, e ele se manifestou em seguida.

— Você é encantador. Sempre fala assim?

— Não - respondi, e olhei para baixo. —- Quase nunca.

Havia nele alguma coisa da mulher coquete.

— Nesse caso, fico lisonjeado — disse com seriedade repentina e

desconcertante, que mesmo assim continha uma levíssima pitada de zombaria.

— E você — perguntei Finalmente —, está aqui há muito tempo? Gosta de Paris?

Giovanni hesitou por um instante e em seguida sorriu, parecendo repentinamente muito infantil e tímido.

— Faz frio no inverno — respondeu. — Não gosto disso. E os parisienses... Não acho que sejam muito amigos. Você acha?

Não esperou minha resposta, e prosseguiu:

— Não são como a gente que conheci quando era mais novo. Na Itália, somos amigos, dançamos, cantamos e amamos, mas esta gente... — e olhou para

o bar, em seguida para mim, e terminou sua coca-cola. — Esta gente... Esta gente é fria, e eu não a entendo.

— Mas os franceses dizem — trocei — que os italianos são fluidos e voláteis demais, não têm qualquer sentido de medida...

— Medida! — exclamou Giovanni. — Ah, esta gente e sua medida! Eles medem o grama, o centímetro, e continuam a empilhar todas as coisinhas que economizam, uma em cima da outra, entra ano e sai ano, tudo na meia ou debaixo do colchão... E que ganham com toda essa medida? Um país que está caindo aos pedaços, medida por medida, bem diante dos olhos deles. Medida! Eu não gosto de ofender seus ouvidos

dizendo todas as coisas que esta gente mede, com certeza, antes de permitir a si própria qualquer ato. Posso oferecer-lhe uma bebida agora — perguntou repentinamente —, antes que o velho volte? Quem é ele? É seu tio?

Eu não sabia se a palavra "tio" estava sendo usada eufemisticamente ou não. Senti o desejo urgente de tornar bem clara a minha posição, mas não sabia como fazê-lo, e ri.

— Não, ele não é meu tio. É apenas alguém que conheço.

Giovanni me encarou, e isso me fez sentir que ninguém, em toda minha vida anterior, havia olhado diretamente para mim.

— Espero que não seja pessoa

muito querida para você — disse então com um sorriso — porque acho que ele é um bobo. Não um mau sujeito, compreende? Apenas um pouco bobo.

— Talvez — respondi, e no mesmo instante senti-me como um traidor. Ele não é má pessoa — acrescentei logo.

— Na verdade, é um sujeito muito bom.

Também isso não é verdade, estava pensando. Jacques estava muito longe de ser um bom sujeito, pelo que acrescentei :

— Seja como for, não é pessoa muito cara para mim - e mais uma vez senti, no mesmo instante, aquele estranho aperto no peito e notei que mudara o som de minha voz.

Com bastante cuidado, dessa feita,

Giovanni serviu a bebida em meu copo.

— *Vive l'Amérique — disse.*

— Obrigado — respondi, erguendo o copo. *Vive le vieux continent*.

Por momentos, ficamos silenciosos.

— Você vem aqui com frequência? -— perguntou ele, de repente.

— Não, não venho muitas vezes.

— Mas passará a vir — troçou ele, com maravilhosa expressão de zombaria no rosto — de agora em diante?

— Por quê? — gaguejei.

— Ah! — exclamou ele. — Então não sabe dizer quando fez um amigo?

Devo ter ficado com expressão das mais idiotas, e minha pergunta foi no

mesmo diapasão:

— Já?

— Ora, não — retrucou ele, fazendo ar de juízo e consultando o relógio. — Podemos esperar mais uma hora, se você quiser. Depois dessa hora passada, então, poderemos ficar amigos. Ou poderemos esperar até a hora de fechar a casa. E *então*, nós nos tornaremos amigos. Também podemos esperar até amanhã, só que para isso será preciso você voltar amanhã, e talvez tenha outra coisa para fazer...

Guardou o relógio e debruçou-se no balcão, apoiado em ambos os cotovelos.

— Diga-me uma coisa — disse então. — Que negócio é esse, o tal de

tempo? Por que é melhor estar atrasado do que adiantado? As pessoas estão sempre a dizer que devemos esperar, esperar... O que estamos esperando?

— Bem... — disse eu, sentindo-me levado por Giovanni a águas profundas e perigosas. — Acho que as pessoas esperam para terem a certeza do que sentem.

— Para terem *certeza!* — exclamou ele, voltando-se mais uma vez para aquele aliado invisível, e soltando outra risada.

Eu começava a achar aquele fantasma a quem ele se dirigia um tanto amedrontador, mas o som de sua risada naquele túnel sem arejamento era o mais incrível de todos.

— Já se tornou bem claro que você é um verdadeiro filósofo — aduziu então, e apontou com o dedo para o meu coração. — E depois de ter esperado, isso vai trazer-lhe a certeza?

Para isso eu simplesmentè não consegui encontrar resposta. Do centro escuro e cheio de gente, no salão, alguém chamou — *Garçon!* — e ele se afastou de mim, sorrindo ainda.

— Pode esperar agora. E quando eu voltar, diga-me quanta certeza já conseguiu.

Saiu com sua bandeja redonda de metal e entrou no meio daquela gente. Observei-o enquanto o fazia, e depois observei os rostos daquela gente, que por sua vez o observava. E tive medo. Sabia

que eles vigiavam, que tinham-nos vigiado aos dois. Sabiam que estavam testemunhando um começo e agora não parariam de vigiar até verem o fim. Levara algum tempo, mas a situação se invertera, eu estava dentro da jaula e eles é que observavam, a mim.

Fiquei bastante tempo sozinho no balcão, pois Jacques conseguira escapar de Guillaume mas já se encontrava, coitado, envolvido com dois dos rapazes das facas de mola. Giovanni voltou ao balcão por um instante e piscou para mim.

— Já tem certeza?

— Você ganhou. Você é o filósofo.

— Ora, vai ser preciso esperar mais um pouco. Você ainda não me conhece o bastante para dizer uma coisa

dessas.

Encheu a bandeja e desapareceu outra vez.

Foi quando alguém que eu nunca vira antes emergiu das sombras em minha direção. Parecia uma múmia ou zumbi — ou foi essa a impressão primeira e esmagadora que tive — ou alguma coisa que andava depois de ter sido assassinada. E realmente andava como alguém que estivesse em estado sonambúlico, ou como aquelas figuras em câmara lenta que vemos à's vezes na tela dos cinemas. Trazia um copo na mão, andava em cima dos artelhos, e suas coxas lisas moviam-se com uma lascívia sem vida e horrível. Parecia não fazer ruído algum, mas isso era devido ao burburinho do bar, que se assemelhava ao rugir do

mar, ouvido à noite e de grande distância. Cintilava naquela luz fraca, e seu cabelo ralo e preto estava empapado em óleo, penteado para a frente, caindo em franja; suas pestanas reluziam com máscara, a boca estrugia de batom. O rosto era branco e inteiramente sem sangue, com algum tipo de creme de base. Fedia a pó de arroz e a um perfume parecido ao da gardênia. A camisa, aberta de modo coquete até o umbigo, mostrava um peito glabro e um crucifixo de prata, e estava coberta de obreias redondas, finas como papel, vermelhas, verdes, alaranjadas, amarelas e azuis, que rebrilhavam em confusão àquela luz e faziam pensar que, a qualquer momento, aquela múmia poderia desaparecer no meio de chamas. Em volta da cintura havia uma cinta vermelha, e as

calças compridas e justas eram de cinzento surpreendentemente escuro. Seus sapatos tinham fivelas grandes.

Eu não tinha certeza se ele vinha em minha direção, mas não consegui afastar os olhos daquela imagem. Ele parou à minha frente, com uma das mãos na anca, olhou-me de alto a baixo e sorriu. Estivera comendo alho, e seus dentes eram péssimos. As mãos — e notei isso com choque de incredulidade — eram muito grandes e fortes.

— *Eh bien* — disse ele —, *il te plaît?*

— *Comment?* — perguntei.

Eu realmente não tinha certeza de que o ouvira bem, embora aqueles olhos brilhantes, muito brilhantes, voltados para

mim e vendo qualquer coisa que parecia muito divertida, dentro de meu crânio, não deixassem grande dúvida.

— Você gosta dele... do *barman?*

Eu não sabia o que dizer ou fazer. Parecia impossível esmurrá-lo, impossível ficar com raiva. Não parecia coisa real, ele não parecia existir realmente. Além disso, qualquer que fosse minha resposta, aqueles olhos zombariam de mim. E respondi tão secamente quanto pude:

— E isto lhe interessa?

— Mas não me interessa, absolutamente, querido. *Je m'en fou.*

— Então, faça o favor de ir para o diabo que o carregue.

Ele não se moveu imediatamente,

mas sorriu de novo para mim.

— *II est dangereux, tu sais.*[6] E para um rapaz como você... Ele é *muito* perigoso.

Olhei para ele e quase lhe perguntei o que queria dizer, mas disse outra coisa.

— Vá para o inferno — e voltei-lhe as costas.

— Oh, não! — disse ele, e voltei a olhá-lo.

Estava rindo, mostrando todos os dentes, e não eram muitos.

— Oh, não! Eu não vou para o inferno — repetiu, segurando agora o crucifixo com sua mão grande. — Mas você, meu caro amigo. . . Receio que vai queimar-se em fogo muito quente.

Riu de novo, e tocou a cabeça, aduzindo:

— Oh, que fogo! Aqui!

Contorceu-se, como se estivesse sendo torturado.

— Por toda a parte — disse então, e tocou o coração. — E aqui.

Olhou para mim com maldade, zombaria e mais alguma coisa. Olhava para mim como se eu estivesse muito longe.

— Oh, meu pobre amigo, tão jovem, tão forte, tão belo... Vai pagar alguma coisa?

— *Va te faire foutre.*[7]

Seu rosto desmanchou-se na tristeza das crianças e dos homens muito velhos — a tristeza que também se vê em

certas atrizes que foram famosas em sua juventude por sua beleza frágil e de tipo infantil. Os olhos escuros apertaram-se em fúria, e a boca escarlate fez um esgar como a máscara da tragédia.

— *T'aura du chagrin*[8] — disse então. — Vai ser muito desgraçado. Lembre-se de que eu o avisei.

Dito isso empertigou o corpo, como se fosse uma princesa e voltou, reverberando cores, para o meio dos outros.

Foi quando Jacques falou, a meu lado:

— Todos no bar estão falando do belíssimo modo como você e o *barman* começaram a coisa.

Dito isso, brindou-me com um

sorriso radiante e vindicativo, perguntando em seguida:

— Devo crer que não tenha havido qualquer confusão?

Encarei-o com desprezo, com vontade de fazer com seu rosto alegre, nojento e mundano alguma coisa que, por todo o resto de sua vida, o impossibilitasse de rir para outra pessoa do modo como estava agora rindo para mim. Mas logo em seguida senti o desejo de sair daquele bar, para a rua, talvez o de encontrar Hella, minha pequena que estava agora tão ameaçada, de modo tão súbito.

— Não houve qualquer confusão — retruquei com brusquidão. — Não vá você ficar confuso, também.

— Acho que posso afirmar com certeza — disse Jacques — que poucas vezes estive menos confuso de que neste momento.

Já não ria mais, e olhou-me com expressão impassível, azeda e impessoal, acrescentando então:

— E com risco de perder para sempre sua amizade tão notavelmente sincera, vou dizer-lhe uma coisa. A confusão é um luxo que só os jovens, muito jovens, podem ter, e você não é mais tão jovem assim.

— Não sei do que está falando — retorqui. — Vamos tomar outra coisa.

Achei melhor embriagar-me, e agora Giovanni voltava ao balcão e piscava para mim. Os olhos de Jacques

não deixaram por um instante o meu rosto. Voltei-me rudemente e encarei o *barman*, e ele também.

— O mesmo — disse Jacques.

— Muito bem — disse Giovanni. — É assim que se faz.

Preparou nossas bebidas, e Jacques pagou. Acho que não estava com aspecto muito bom, pois Giovanni gritou para mim, em tom jocoso:

— Eh! Já está bêbado?

Ergui o olhar e sorri.

— Você sabe como os americanos bebem. Eu nem comecei, ainda.

— David está muito longe de bêbado — disse Jacques. — Ele apenas acabou de descobrir, com muita tristeza,

que está precisando de um novo par de suspensórios.

Senti vontade de matá-lo, mas somente com dificuldade pude conter meu próprio riso. Fiz, para Giovanni, uma cara dando a entender que o velho se saíra com uma piada particular, e ele desapareceu outra vez. Chegara aquela parte da noite quando grande número de pessoas se retiravam e chegava grande número de outras. Afinal de contas, todas elas encontrar-se-iam mais tarde, no último bar, ou pelo menos todas as que tivessem a sorte de continuar procurando até hora tão avançada.

Eu não conseguia olhar para Jacques, e ele sabia disso. Manteve-se à meu lado, sorrindo para ninguém e cantarolando baixinho uma melodia

qualquer. Nada havia que eu pudesse dizer e não me atrevi a falar sobre Hella. Nem sequer podia, para mim mesmo, fazer de conta que lamentava o fato de minha pequena estar na Espanha, pois sua ausência me causava satisfação. Era uma satisfação integral, completa e horrível. Eu sabia que nada podia fazer para sustar a excitação feroz que explodira dentro de mim como uma tempestade. Podia apenas beber, na débil esperança de que assim a tempestade passasse, sem causar maiores estragos em minha terra. Mas estava satisfeito, lamentando apenas que Jacques houvesse presenciado aquilo tudo. Ele me fizera sentir vergonha, e eu o odiava porque agora ele vira tudo quanto, muitas vezes com pouquíssima esperança, esperara tantos meses para ver. Na

verdade,, estivemos num jogo mortal e ele saíra ganhando. Era o vencedor, a despeito do fato de eu ter roubado para ganhar.

Ainda assim eu desejava, naquele bar, ter encontrado ern mim mesmo a força que me permitisse fazer meia volta e sair dali, ir talvez ao Montparnasse e apanhar uma pequena, qualquer pequena. Não o podia fazer. Contei a mim próprio todas as espécies de mentiras, de pé naquele bar, mas não conseguia mover-me. E em parte isso era por saber que nada mais adiantava. Nem mais importava o voltar a falar com Giovanni, pois tornaram-se visíveis, tão visíveis quanto as obreias na camisa da princesa chamejante, e irromperam com violência sobre mim as minhas possibilidades que

despertavam e insistiam.

Foi assim que conheci Giovanni. Acho que ficamos presos um ao outro, no momento em que nos vimos. E continuamos presos ainda agora, a despeito de nossa posterior *separation de corps*,[9] a despeito do fato que Giovanni logo estará apodrecendo em terreno ímpio perto de Paris. Até o instante de minha morte existirão aqueles momentos, momentos que parecem sair do chão como as feiticeiras de Macbeth, em que seu rosto virá ter à minha frente, aquele rosto com todas as suas transformações, quando o timbre exato de sua voz e os truques de sua fala farão meus ouvidos quase explodir, quando seu cheiro avassalará minhas narinas. Às vezes, nos dias que virão — e que Deus me conceda a graça

de vivê-los, no brilho da manhã nublada, com a boca amarga, olhos cansados e vermelhos, cabelos emaranhados e suados pelo sono tempestuoso, olhando sobre o café e a fumaça do cigarro o rapaz inescrutável e sem significado da última noite, que logo se erguerá e desaparecerá como a fumaça — eu verei Giovanni outra vez, como estava aquela noite, tão vivo, vencedor, tendo em volta de sua cabeça toda a luz daquele túnel sombrio.

3

Às cinco horas da manhã Guilhaume fechou a porta do bar e saímos. As ruas estavam desertas e

pardacentas. Numa esquina próxima ao bar um açougueiro já abrira seu estabelecimento e podíamos vê-lo lá dentro, salpicado de sangue e cortando a carne. Passou pesadamente por nós um dos ônibus grandes e verdes de Paris, quase vazio, com uma das setas piscando energicamente para indicar que ele ia entrar na rua mais além. Um garçom de café derramava água na calçada diante de seu estabelecimento e varria em direção à sarjeta. Na extremidade da rua comprida e curva à nossa frente estavam as árvores do bulevar e cadeiras de vime, empilhadas diante dos cafés, bem como a grande torre de pedra de St. Germain-des-Prés — a mais magnífica em Paris, como Hella e eu acreditávamos. A rua além da praça estendia-se até o rio e, oculta por

trás e ao lado de nós, seguia em curvas até o Montparnasse. Tinha o nome de um aventureiro que trouxera para a Europa uma planta que ainda hoje está sendo cultivada. Muitas vezes eu andara por aquela rua, em algumas ocasiões em companhia de Hella e dirigindo-nos ao rio, e em outras sozinho, rumando para as pequenas de Montparnasse. E isso não ocorrera há tanto tempo assim, embora parecesse ter sucedido em outra vida.

Estávamos seguindo para Les Halles a fim de fazer a primeira refeição do dia. Entramos todos os quatro num táxi, ficando incomodamente próximos uns dos outros, circunstância que levou Jacques e Guillaume a fazer uma série de especulações lascivas. Essa lascívia mostrava-se especialmente revoltante, não

apenas por estar destituída de qualquer espírito, mas por ser clara expressão de desprezo pelos outros e por si próprios e emanava aos borbotões deles, como uma nascente de água negra. Era evidente que estavam tantalizando Giovanni e eu, o que me enchia de raiva. Mas Giovanni encostou-se na janela do táxi, deixando o braço apertar de leve meu ombro, parecendo com isso dizer que logo estaríamos livres daqueles homens velhos e não devíamos ficar perturbados com os respingos de água suja — pois não seria difícil limparmo-nos dela.

— Veja! — disse enquanto atravessávamos o rio. — Essa velha prostituta, Paris, é muito comovente quando se vira na cama.

Olhei para além de seu perfil

nítido que se mostrava abatido — de cansaço e por causa da luz do céu. O rio estava cheio e amarelo, e sobre suas águas nada se movia. Barcaças encontravam-se amarradas pelas margens. A ilha da cidade ampliava-se enquanto nos distanciávamos, sustentando o peso da catedral; mais além, e de modo vago, em meio à velocidade do carro e do nevoeiro, percebiam-se os telhados de Paris, as chaminés sem número, muito belas e multicores sob o céu cor de pérola. O nevoeiro atinha-se ao rio, suavizando aquelas fileiras de árvores, suavizando as pedras, ocultando as temíveis ruelas e ruas tortuosas e sem saída, prendendo-se como maldição aos homens que dormiam debaixo das pontes — um dos quais passou lá embaixo, muito

negro e sozinho, caminhando pela beira do rio.

— Alguns ratos entraram — disse Giovanni — e agora outros vêm saindo.

Sorriu desoladamente e olhou para mim. Para minha surpresa, tomou minha mão e segurou-a.

— Você já dormiu debaixo de uma ponte? — perguntou então. — Ou existem leitos macios com cobertores bem quentes debaixo das pontes, em seu país?

Eu não sabia o que fazer com a mão que ele apanhara, e parecia melhor não fazer coisa alguma.

— Ainda não — respondi. — Mas talvez eu seja obrigado a isso agora. Meu hotel quer me expulsar.

Eu o dissera com tom leve,

fazendo-o acompanhar de um sorriso, pelo desejo de me colocar em termos de um conhecimento com as coisas melancólicas, em pé de igualdade com ele. Mas o fato de tê-lo dito enquanto ele me segurava a mão fez isso soar, a meus ouvidos, indizivelmente indefeso, gentil e pudico. Mas não conseguia dizer coisa alguma para contrabalançar essa impressão, pois acrescentar mais alguma coisa seria confirmá-lo. Tirei a mão, fazendo de conta que era para procurar um cigarro.

Jacques o acendeu para mim.

— Onde mora? — perguntou a Giovanni.

— Oh — respondeu ele. — Muito longe. Quase nem é Paris.

— Ele mora numa rua medonha, perto de *Nation* — disse Guillaume — e no meio da burguesia medonha e seus filhos que se parecem a porcos.

— Você deixou de perceber as crianças na idade certa — disse Jacques. — Elas passam por um período, breve demais, *hélas!* quando um porco talvez seja o *único* animal que não fazem lembrar.

E dirigindo-se novamente a Giovanni:

— Num hotel?

— Não — respondeu Giovanni, e pela primeira vez parecia ligeiramente inquieto. — Vivo num quarto de empregada.

— Com a empregada?

— Não — esclareceu Giovanni, e sorriu. — A empregada está em algum lugar que desconheço. Você poderia ter certeza de que não há empregada no quarto, se pudesse vê-lo.

— Adoraria ver o seu quarto — disse Jacques.

— Nesse caso, daremos uma festa em sua homenagem, algum dia — retrucou Giovanni.

Essa resposta, cortês e vazia demais para dar asa a outras perguntas, quase forçou uma de minha parte, no entanto. Guillaume olhou para Giovanni por um instante e este não correspondeu ao olhar, mas fitou a manhã, assoviando. Eu estivera elaborando algumas decisões

naquelas seis últimas horas e agora tomava mais uma: "esclarecer" aquilo tudo com Giovanni assim que o apanhasse sozinho em Les Halles. Ia dizer-lhe que ele se enganara a meu respeito, mas ainda assim poderíamos ser amigos. Mas eu não podia, na verdade, ter certeza de que o engano não fora meu, errando na interpretação de todos os sinais — e levado por necessidades vergonhosas demais para serem pronunciadas. Estava encurralado, percebendo que, para qualquer lado que me virasse, chegara para mim a hora da confissão, e dificilmente ela poderia ser evitada, a menos que eu pulasse daquele táxi em movimento, é claro, o que seria a mais terrível de todas as confissões.

A essa altura o motorista

perguntava para onde queríamos ir, pois chegáramos aos bulevares congestionados e às impassáveis ruas laterais de Les Halles. Porros, cebolas, repolhos, laranjas, maçãs, batatas, couves-flores apresentavam-se por ali aos montes, nas calçadas, nas ruas, na frente de grandes barracas de metal. Essas barracas estendiam-se por quarteirões inteiros, e debaixo delas encontravam-se pilhas de outras frutas, legumes, em algumas, peixes em outras, ou ainda queijo, e noutras viam-se animais inteiros, recém-abatidos. Parecia humanamente impossível que aquilo pudesse ser comido, mas em poucas horas estaria tudo no fim e chegariam caminhões de todos os cantos da França — abrindo caminho para o grande lucro de um cortiço de

intermediários, pela cidade de Paris — a fim de dar de comer à multidão ululante, multidão essa que estava já ululando, ao mesmo tempo ferindo e encantando os ouvi- dós, atrás, à frente e em ambos os lados de nosso táxi — enquanto seu motorista, e Giovanni também, gritavam para ela. A multidão de Paris parecia vestir-se com azul todos os dias, exceção feita para o domingo, quando em sua maior parte ela se apresentava num preto incrivelmente alegre. Ali estava aquela gente agora, disputando a cada palmo nossa passagem com seus carrinhos, carretas, caminhões, suas cestas cheias de gêneros e carregadas em ângulos extravagantemente autoconfiantes, trazidas nas costas. Uma mulher de rosto vermelho, sobrecarregada de frutas, gritou

— para Giovanni, para o motorista, para todo mundo — uma *cochonnerie*[10] particularmente vívida, ao que o motorista e Giovanni imediatamente e tão alto quanto podiam deram a resposta, embora a mulher das frutas já estivesse fora da vista e talvez nem mais se lembrasse de suas conjeturas tão determinadamente obscenas. Seguimos em frente devagar, pois ninguém dissera ao motorista para parar, e enquanto isso Giovanni e ele, que pareciam ter-se transformado em irmãos assim que entráramos em Les Halles, trocavam opiniões injuriosas ao extremo referindo-se à higiene, fala, partes privadas e hábitos dos cidadãos de Paris. (Jacques e Guillaume também trocavam opiniões, inenarravelmente menos bem-humoradas, a respeito de todos os homens

que passavam ali.) As ruas estavam cobertas de restos, em sua maior parte, folhas apodrecidas, flores, frutas e legumes em mau estado, que haviam sofrido acidente natural e lento, ou abrupto. As paredes e esquinas estavam repletas de *pis-soirs*,[{11}] braseiros de queima lenta e improvisados, cafés, restaurantes e bistrôs amarelo-fumacentos, alguns deles tão pequenos que pouco mais eram que esquinas em formato de losango, mostrando garrafas e um balcão coberto de zinco. Em todos esses pontos havia homens, jovens, velhos, maduros e vigorosos, fortes até mesmo nas formas diversas em que enfrentaram, ou enfrentavam ainda, sua ruína variada; e havia mulheres que mais do que compensavam, em astúcia e paciência, na

habilidade de contar e pesar — e gritar — tudo quanto lhes faltava em músculos, embora não lhes parecesse faltar isso. Nada daquilo me fazia lembrar de casa, embora Giovanni reconhecesse tudo e se deleitasse com tudo.

— Sei de um lugar *três bon marché*[12] — disse ao motorista, dando-lhe o endereço e verificando que se tratava de um dos pontos favoritos do homem.

— Onde fica esse lugar? — perguntou Jacques, em tom petulante. — Pensei que íamos a... — e deu o nome de outro lugar.

— Está brincando? — retorquiu Giovanni com ar de desprezo. — Esse lugar de que falou é *muito* ruim e *muito*

careiro, só serve para turistas. Nós não somos turistas!

E acrescentou, agora falando comigo:

— Quando cheguei a Paris, trabalhei em Les Halles, e por muito tempo. *Nom de Dieu, quelle boulot!*[13] Sempre rezo para nunca mais fazer isso — e olhava as ruas pelas quais passávamos, demonstrando uma tristeza que não era menos verdadeira por mostrar-se um tanto teatral e auto-comiseradora.

De seu canto do táxi Guillaume entrou na conversa.

— Diga-lhe quem o salvou.

— Ah, sim — disse Giovanni. — Eis o meu salvador, o meu *patron!*

Fez silêncio por um instante, e aduziu:

— Não está arrependido, está? Não lhe fiz mal algum, não foi? Está satisfeito com o meu trabalho?

— *Mais oui* — respondeu Guillaume.

Giovanni suspirou.

— *Bien Sûr...*[14]

Olhou novamente pela janela, assoviando de novo. Chegamos a uma esquina notavelmente limpa e o táxi parou.

— *Ici* — disse o motorista.

— *Ici* — repetiu Giovanni.

Meti a mão no bolso, mas Giovanni bruscamente a segurou, fazendo-

me entender com um piscar raivoso que o mínimo que os dois velhos sujos podiam fazer era *pagar*. Abriu a porta e saiu e como Guillaume não fizera qualquer menção de apanhar a carteira, Jacques pagou a corrida.

— Epa! — disse Guillaume, olhando para a porta do café à nossa frente. — Tenho certeza de que este lugar está infestado de parasitas. Você quer nos envenenar?

— Não é a aparência que vamos comer — respondeu Giovanni. — O perigo é muito maior, em matéria de envenenamento, naqueles lugares medonhos e chiques a que vocês sempre vão, onde eles estão sempre de cara limpa, *mais, mon Dieu, les fesses!*[15]

Sorriu e acrescentou:

— *Fais-moi confiante*. Por que haveria de envenená-lo? Nesse caso eu não teria um emprego, e acabei de descobrir que desejo viver.

Ele e Guillaume, Giovanni ainda sorrindo, trocaram um olhar que eu não teria sido capaz de entender ainda que reunisse coragem para tentar e Jacques, empurrando-nos todos à sua frente como se fôssemos suas galinhas, disse com aquele sorriso:

— Não podemos ficar aqui fora no frio e discutir. Se não pudermos comer lá dentro, poderemos beber. O álcool mata todos os micróbios.

E Guillaume, repentinamente, mudou de disposição. Era uma

transformação realmente notável que sabia efetuar, como se carregasse em alguma parte do corpo uma agulha cheia de vitaminas e que, de modo automático, descarregava-se em suas veias nas horas piores.

— *Il y a les jeunes dedans*[16] — disse então e entramos.

Realmente havia jovens lá dentro, uns seis no balcão de zinco, diante de copos com vinho vermelho e branco, juntamente com outros que não eram nada jovens. Um rapaz bexigoso e uma pequena de aspecto muito bruto estavam na máquina de jogar bolinhas, perto da janela. Havia algumas pessoas sentadas às mesas de trás, servidas por um garçom de aspecto incrivelmente limpo. Naquela penumbra de paredes sujas, serragem

cobrindo o chão, sua jaqueta branca brilhava como neve. Por trás dessas mesas tinha-se um vislumbre da cozinha e do cozinheiro, obeso e ríspido, que se movia como um dos caminhões sobrecarregados lá fora, tendo na cabeça um daqueles chapéus brancos e altos de cozinheiro, e nos lábios um charuto apagado.

Atrás do balcão estava sentada uma dessas senhoras absolutamente inimitáveis e indómitas, que existem somente na cidade de Paris, mas em grande número ali, e que seriam coisa tão espantosa e deslocada em qualquer outra cidade do mundo quanto uma sereia no alto de uma montanha. Por toda a cidade de Paris elas são encontradas, sentadas atrás dos balcões, como aves chocas em

seu ninho e olhando para as caixas registradoras como se estas fossem um ovo. Nada acontece, sob o sol, que lhes passe despercebido, e, se algum dia alguma coisa lhes causou surpresa, foi apenas em sonho — sonho que desde muito deixaram de ter. Não são criaturas bem ou mal-humoradas, embora tenham seus dias e estilos, e, assim como as outras pessoas sabem quando precisam ir ao banheiro, elas parecem saber tudo a respeito de todos que entram em seu pequeno reino. Embora algumas tenham cabelos brancos e outras não, umas sejam gordas e outras magras, algumas sejam avós e outras recém-virgens, todas apresentam exatamente o mesmo olhar astuto, vago e que percebe tudo. É difícil acreditar que, um dia, tenham chorado

para mamar, ou que tenham olhado para o sol, e parece que todas chegaram ao mundo já com fome de dinheiro, e por isso não conseguiram focalizar os olhos até se encontrarem diante de uma caixa registradora.

O cabelo desta mulher é preto e grisalho, e ela apresenta um rosto vindo da Bretanha. Como quase todos os demais ali presentes, conhece Giovanni e gosta dele, a seu jeito. Tem busto grande e macio, para o qual puxa Giovanni, e sua voz é forte e grossa.

— *Ah, mon pote!* — grita então — *Tu es revenu!* Finalmente apareceu! *Salaud!* Agora que está rico e encontrou amigos ricos, não aparece mais aqui. *Canaille!*

E ri para nós, os amigos "ricos",

com amizade deliciosa e deliberadamente vaga. Para ela não haveria problema algum em reconstruir cada instante de nossas biografias, do momento de nosso nascimento até aquela manhã. Sabe exatamente quem é rico — e quanto tem — e sabe que eu não sou. Talvez por esse motivo houvesse um quê de infinitesimal especulação dupla em seu olhar, quando me viu. Mas ela sabe que compreenderá tudo num instante.

— Você sabe como é a coisa — diz Giovanni, conseguindo soltar-se dela e jogando o cabelo para trás —, quando se trabalha, quando se fica sério. Não há mais tempo para brincadeiras.

— *Tiens* — retruca ela, zombeteira. — *Sans blague?*

— Mas eu lhe afianço — insiste Giovanni — que, mesmo para um jovem como eu, é muito cansativo — ela ri - e é preciso ir deitar cedo — ela ri outra vez — e *sozinho* - encerra ele, como se isso provasse tudo, enquanto ela bate os dentes em sinal de solidariedade e ri de novo.

— E agora — diz então — você está vindo ou indo? Veio para o desjejum, ou para o último trago da noite? *Nom de Dieu*, você não *parece* muito sério. Acho que precisa tomar alguma coisa.

— *Bien sûr* — diz alguém no bar. — Depois de tanto trabalho ele precisa de uma garrafa de vinho branco, e talvez algumas dúzias de ostras.

Caem todos na risada. Sem o parecer, estão todos olhando para nós, e

começo a sentir-me como artista de circo itinerante. E todos parecem também muito orgulhosos de Giovanni.

Ele se volta para quem falou no bar.

— Excelente ideia, amigo — responde —, e era exatamente no que estava pensando.

Volta-se então para nós, e acrescenta:

— Ainda não apresentei meus amigos.

Olha para mim, e depois para a mulher.

— Este é Monsieur Guillaume — diz à mulher, e com a mais sutil entonação aduz logo: — Meu *patron*. Ele poderá lhe dizer se sou sério.

— Ah! Mas quem me diz que *ele* seja sério? — retruca ela e encobre o atrevimento com uma risada.

Encontrando dificuldades em deixar de olhar para os rapazes no bar, Guillaume estica a mão e sorri.

— Mas está certa, Madame — diz ele. — Ele é tão mais sério do que eu, que talvez seja dono de meu bar algum dia.

"Isso acontecerá no dia em que os leões tiverem asas para voar", pensa ela, mas declara-se encantada e aperta-lhe a mão com energia.

— É Monsieur Jacques — diz Giovanni —, que é um de nossos melhores fregueses.

— *Enchanté, Madame* — diz Jacques, com seu sorriso mais

arrebatador, do que ela produz e paródia mais desconchavada ao corresponder.

— E este é *monsieur l'américain* — prossegue Giovanni —, que também é conhecido como Monsieur David. Madame Clothilde.

Dito isso, recua um pouco. Em seus olhos há alguma coisa em fogo, que lhe ilumina o rosto todo; é alegria, orgulho.

— *Je suis ravi, monsieur* — diz ela, olha para mim e aperta-me a mão, sorrindo.

Eu também sorrio, sem saber por que; dentro de mim há grande agitação, e descuidadamente Giovanni passa o braço por meu ombro.

— Que há de bom para comer? —

pergunta bem alto. — Temos fome.

— Mas precisamos beber alguma coisa antes! — brada Jacques.

— Podemos beber sentados — responde Giovanni. — Não é?

— Não — declara Guillaume, para quem deixar o bar, naquele momento, teria parecido uma expulsão da terra prometida. — Vamos tomar alguma coisa aqui no bar, com Madame.

Sua sugestão teve o efeito — mas sutil, como se um vento soprasse pelo lugar, ou uma luz passasse a brilhar um pouco mais — de criar entre aquelas pessoas do bar uma *troupe* que ia agora desempenhar os papéis já sabidos de cor. Madame Clothilde se faria rogar, como aconteceu imediatamente, mas por um

momento apenas. Em seguida aceitaria a oferta e seria alguma coisa cara. Foi champanha. Ela beberia devagar, sustentando uma conversa inteiramente banal, de modo a poder desaparecer em fração de segundos antes de Guillaume estabelecer contato com um dos rapazes do bar. Quanto a estes, vigiavam de modo invisível, tendo a essa altura calculado de quanto eles e seus *copains* necessitavam para cobrir as despesas dos dias seguintes, e já haviam avaliado Guillaume com precisão suficiente em relação a essa importância, bem como o tempo que ele duraria como nascente, e ainda por quanto tempo o conseguiriam aturar. A única questão restante era saber se seriam *vache* ou *chic* com ele, mas sabiam que provavelmente seriam *vache*. Havia

também Jacques, que poderia revelar-se um achado, ou simples prêmio de consolação. E restava eu, naturalmente, o que constituía assunto inteiramente diverso, criatura desprovida de apartamentos, camas macias, comida, e por isso candidato à afeição, mas como *môme* de Giovanni e eu achava fora de alcance deles, pelo código de honra. Seu único meio de demonstrar afeição por Giovanni e por mim estava, pelo menos praticamente, em aliviar-nos da companhia daqueles dois homens velhos. E assim surgia, para os papéis que estavam prestes a desempenhar, uma certa auréola alegre de convicção e para o interesse próprio uma outra, de altruísmo.

Pedi café forte e um conhaque bem grande. Giovanni estava longe de mim,

bebendo *marc* entre um velho que parecia o receptáculo de toda a sujeira e doença do mundo, e um mocinho ruivo, que se pareceria um dia àquele homem, se fosse possível encontrar na expressão mortiça de seu olhar alguma coisa chamada futuro. Naquele momento, entretanto, apresentava parte da beleza temível de um cavalo, bem como certo ar do guarda de assalto; disfarçadamente, observava Guillaume e sabia que tanto este quanto Jacques o estavam vigiando. Enquanto isso Guillaume batia papo com Madame Clothilde, e concordavam em que os negócios andavam muito mal, todos os padrões foram degradados pelo *nouveau riche* e o país precisava de De Gaulle. Felizmente para eles, tinham sustentado esse tipo de conversa tantas vezes antes,

com outras pessoas, que ela seguia seu rumo sozinha, por assim dizer, não requerendo qualquer esforço de concentração no que diziam. Não tardaria para que Jacques oferecesse algo de beber a um dos rapazes, mas por enquanto ele desejava fazer o papel de meu tio.

— Como se sente? — perguntou. — Este é um dia muito importante para você.

— Sinto-me muito bem — respondi. — E você?

— Eu me sinto como um homem que teve uma visão.

— Sim? — indaguei. — Pois fale dessa visão.

— Não estou brincando. Falo a

seu respeito. *Você* foi a visão. Devia ter-se visto esta noite e devia ver-se neste momento.

Olhei para ele, sem dizer coisa alguma.

— Você tem... que idade? Vinte e seis, ou vinte e sete anos? Sou quase duas vezes mais velho e vou lhe dizer, você tem muita sorte. Tem sorte, porque o que lhe está acontecendo acontece *agora* e não quando tiver quarenta anos, ou coisa assim, quando não poderia mais ter esperanças e seria simplesmente destruído.

— O que está acontecendo comigo? — perguntei com a intenção de parecer sardónico, mas sem o conseguir de forma alguma.

Jacques não respondeu, mas suspirou, olhando por instantes na direção do rapaz ruivo. Depois voltou-se para mim.

— Pretende escrever a Hella?

— Escrevo muitas vezes para ela — retruquei —, e acredito que volte a fazê-lo.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Oh. Tive a impressão de que você perguntou se eu pretendia escrever a Hella.

— Pois bem, digamos de outro modo. Você vai escrever e contar o que houve esta noite e esta manhã?

— Não consigo ver o que haja

para escrever a ela. Mas que diferença lhe faz, se escrevo ou não?

Jacques encarou-me com expressão cheia de um certo desespero que, até aquele instante, eu não sabia existir nele, e que me causou medo.

— Não é que faça diferença para *mim*. É o que representa para *você*. E para ela, também. E para aquele pobre rapaz, que está ali e que não sabe que, ao olhar para você como ele olha, está simplesmente pondo a cabeça dentro da boca do leão. Você vai tratá-lo como tratou a mim?

— *Você?* O que tem *você* a ver com tudo isso? Como foi que tratei *você?*

— Foi muito injusto comigo — respondeu ele. — Foi muito desonesto.

Desta feita, minhas palavras se mostraram sardônicas, sem dúvida alguma.

— Então, quer dizer que eu teria sido justo, teria sido honesto, se tivesse... se...

— Quero dizer que poderia ter sido justo comigo, desprezando-me um pouco menos.

— Sinto muito, mas uma vez que você próprio aborda a questão, muita coisa em sua vida é mesmo desprezível.

— Eu podia dizer o mesmo da sua — retrucou Jacques. — Há tantos modos de ser desprezível, que dão para pôr a cabeça a rodar. Mas o modo de ser-se realmente desprezível é desprezar a dor alheia. Você devia sentir alguma

apreensão, notando que o homem à seu lado já foi mais jovem ainda do que você é hoje, e chegou ao estado atual de perdição por graus imperceptíveis.

Seguiu-se um silêncio, ameaçado a distância por uma risada de Giovanni. Eu finalmente me manifestei:

— Diga uma coisa... Não existe, mesmo, um outro jeito para você, senão este? Ajoelhar-se todo o tempo diante de um exército de rapazes, por apenas cinco minutos sujos, na escuridão?

— Pense — retorquiu ele — nos homens que se ajoelharam à sua frente enquanto você pensava noutra coisa e fazia de conta que nada estava acontecendo na escuridão, lá embaixo, entre suas pernas.

Fixei o olhar no conhaque e nos círculos de umidade sobre o metal. Lá embaixo, aprisionado no metal, o esboço de meu próprio rosto olhava para mim com expressão de desespero.

— Você acha — persistiu ele — que minha vida é vergonhosa, porque meus encontros o são. E são, mesmo! Mas devia perguntar a si próprio *por que* eles o são.

— E por que são... vergonhosos? — indaguei então.

— Porque não há afeto neles, não há alegria. É como ligar um fio numa tomada sem eletricidade. Há o contato, mas não a ligação. Há o toque, mas não a ligação, nem a luz.

— Por quê?

— Isso terá de perguntar a si próprio — respondeu —, e talvez, um dia, esta manhã não seja para você apenas uma recordação amarga.

Olhei para Giovanni, que passara o braço em volta da pequena de aspecto arruinado e que poderia ter sido muito bonita, mas que nunca mais voltaria a sê-lo.

Jacques acompanhou meu olhar e comentou:

— Ele já gosta muito de você. Mas isso não faz com que você fique feliz ou orgulhoso, como devia acontecer; torna-o assustado e envergonhado. Porquê?

— É que não consigo entendê-lo — respondi finalmente. —- Não sei o que

a amizade dele quer dizer, não sei o que ele quer dizer por amizade.

Jacques deu uma risada.

— Você não sabe o que ele quer dizer por amizade, mas tem a sensação de que talvez não seja uma coisa segura. Tem medo de que o possa transformar, a você. Que tipo de amizades já teve?

Não respondi.

— Ou, mesmo, que tipo de casos de amor? — continuou ele perguntando.

Fiquei em silêncio por tanto tempo que Jacques caçoou, dizendo:

— Vamos, vamos! Saia de onde está escondido!

Eu ri, sentindo-me abalado.

— Ame-o! — disse ele então e falava com veemência. — Ame-o e deixe

que ele o ame também! Você acha que realmente possa existir qualquer outra coisa mais importante? E por quanto tempo, na melhor das hipóteses, poderá durar isso, uma vez que ambos são homens e têm ainda todo o caminho a percorrer? Apenas cinco minutos, posso lhe asseverar, apenas cinco e a maior parte deles, *hélas*, será no escuro! E se você achar que esses minutos são sujos, então eles serão mesmo sujos, sujos porque você não estará dando nada, estará desprezando o seu corpo e o dele. Mas vocês podem fazer com que o tempo passado juntos seja tudo, menos sujo, podem dar um ao outro alguma coisa que os fará melhor, para sempre, se *não* sentirem vergonha, se ao menos pararem de procurar a segurança!

Fez uma pausa, observando-me e depois voltou o olhar para seu conhaque.

— Continue a não se arriscar — falava agora em tom diferente — e terminará aprisionado em seu próprio corpo sujo, para sempre, sempre, sempre... como eu.

Terminou o conhaque e bateu o copo de leve no balcão para atrair a atenção de Madame Clothilde.

Ela veio imediatamente e satisfeitíssima. Naquele instante, Guillaume atreveu-se a sorrir para o ruivo. Madame Clothilde serviu novo conhaque a Jacques e olhou indagadoramente para mim, com a garrafa suspensa sobre meu copo, que estava pela metade. Eu hesitei.

— *Et porquoi pas?* — perguntou ela, dando-me um sorriso.

Esvaziei o copo e ela o encheu novamente. E em seguida, por um segundo apenas, ela olhou para Guilhaume, que gritou:

— *Et le rouquin là?* Que está bebendo o ruivo? Madame Clothilde voltou-se com o ar de uma atriz

que ia pronunciar as derradeiras palavras de um papel esgotante e forte.

— *On t'offre*, Pierre — disse então, com ar majestoso. — O que vai tomar?

Ao mesmo tempo em que dizia isso, suspendia ligeiramente a garrafa com o conhaque mais caro da casa.

— *Je prendrai un petit cognac*[{17}]

— murmurou Pierre após um instante e por estranho que parecesse ele enrubesceu e com isso ficou parecido a um anjo recém-caído do céu, naquela luz fraca do sol que acabara de nascer.

Madame Clothilde encheu o copo de Pierre, e, em meio a um ar de tensão que se desmanchava magnificamente, como a de luzes que diminuem, recolocou a garrafa na prateleira e dirigiu-se de volta à caixa registradora. Retirava-se do centro do palco, na verdade, e tocava para os bastidores, onde começou a recobrar-se do desgaste sorvendo os últimos goles do champanha. Suspirou e bebericou, olhando com satisfação para o raiar do dia. Guillaume murmurara um *"Je m'excuse un instant, Madame"*[1] e passava agora por trás de nós, a caminho

do ruivo. Eu sorri.

— Eis coisas que meu pai nunca me contou.

— *Alguém*, seu pai ou o meu —- disse Jacques —, devia ter dito que não são muitas as pessoas que morrem por amor. Mas multidões inteiras pereceram e estão perecendo a toda hora e nos lugares mais estranhos, por falta dele.

E em seguida aduzia:

— *Aí vem seu nenê*. *Sois sage*. *Sois chic*.

Afastou-se ligeiramente e começou a conversar com o

rapaz a seu lado.

E realmente aproximava-se o meu nenê, em meio a toda aquela luz de sol, o rosto corado e o cabelo esvoaçando, e

seus olhos pareciam-se, por incrível que fosse, a estrelas matutinas.

— Não foi muito gentil de minha parte passar tanto tempo noutro lugar — disse. — Espero que você não tenha ficado muito enjoado.

— Com certeza *você* não ficou — redargui. — Está parecendo um menino de cinco anos, acordando na manhã de Natal.

Isso causou-lhe grande satisfação e mesmo lisonja, como notei pelo modo de apertar bem-humoradamente os lábios.

— Tenho certeza de que não posso parecer isso — disse então. — Sempre fiquei desapontado, nas manhãs de Natal.

— Bem, eu quero dizer *bem cedo* pela manhã de Natal, antes de olhar debaixo da árvore...

Seus olhos, no entanto, conseguiram fazer de minha frase um dito de *double entendre*,[18] e desatamos ambos a rir.

— Está com fome? — perguntou Giovanni.

— Talvez estivesse, se ainda me restassem vida e temperança. Não sei. E você?

— Acho que devíamos comer — respondeu sem qualquer convicção nas palavras, e prorrompemos em novas risadas.

— Pois bem — disse eu. — O que vamos comer?

— Quase não me atrevo a sugerir vinho branco e ostras — disse Giovanni

—, mas seria realmente o melhor, depois de uma noite dessas.

— Está muito bom — concordei. — Vamos tratar disso enquanto conseguimos andar até o restaurante.

Olhei para além dele, até Guillaume e o ruivo, que pareciam ter encontrado algum assunto para conversa, fosse lá o que fosse e vi que Jacques mergulhara em palestra com o rapaz alto, muito jovem e bexigoso, cujo suéter negra o fazia parecer ainda mais pálido e magro. Estivera jogando na máquina de bolinhas quando entráramos, e seu nome parecia ser Yves.

— Eles vão comer agora? — perguntei a Giovanni.

— Agora, talvez não — respondeu

— mas certamente vão comer, Todos estão com fome.

Acreditei que isso se referisse mais aos rapazes do que aos nossos amigos e passamos ao refeitório, que estava vazio e sem garçom.

— Madame Clothilde! — gritou Giovanni. — *On mange ici, non?*{19}

O grito teve por resposta um outro, dado por Madame Clothilde e causou também o aparecimento do garçom, cuja jaqueta se mostrava menos impecável, vista de perto, do que parecera a distância. Serviu também para anunciar oficialmente nossa presença no refeitório a Jacques e Guillaume, e deve ter aumentado de modo definido, aos olhos dos rapazes com quem eles conversavam, uma certa intensidade de afeição.

— Vamos comer depressa e sair daqui — disse Giovanni. — Afinal de contas, tenho de trabalhar esta noite.

— Foi aqui que você conheceu o Guillaume? — indaguei.

Giovanni fez uma careta e manteve o olhar baixo.

— Não. É uma história comprida — aduziu sorrindo. —- Não, eu não o conheci aqui. Eu o conheci... — e soltou uma risada — num cinema !

Desandamos a rir, os dois.

— *C'était un film dufar-west, avec Gary Cooper.*[20] *Também isso pareceu tremendamente engraçado e continuamos às gargalhadas até chegar o garçom com nossa garrafa de vinho*

branco.

— Pois muito bem — prosseguiu Giovanni, provando o vinho e de olhos úmidos. — Depois de dispararem o último tiro, e depois de toda aquela música para celebrar o triunfo do bem, eu saí pelo corredor, esbarrei nesse homem... o Guillaume... pedi desculpas pelo esbarro e segui para a ante-sala. Ele veio atrás de mim, contando uma história comprida acerca de um xale que deixara em *minha* cadeira porque, ao que parecia, estivera sentado *atrás* de mim, tendo o capote e xale sobre o assento *à frente*. *E* quando eu me sentara, Fizera o xale cair. Pois bem, eu disse que não trabalhava para o cinema, e também o que ele podia fazer com o xale, mas não Fiquei com

raiva verdadeira, porque ele me dava vontade de rir. Ele disse que todos quantos trabalhavam para o cinema eram ladrões e tinha certeza de que ficariam com o xale assim que o descobrissem, e que era peça muito cara, presente da mãezinha dele, e... Ah! Posso afiançar que nem Greta Garbo saberia representar tão bem! Por isso eu voltei e, naturalmente, não encontrei xale algum na cadeira e quando lhe disse isso pareceu que o homem ia cair morto ali mesmo, na ante-sala. A essa altura, você compreende, todos achavam que estávamos juntos, e eu já não sabia se devia dar-lhe um pontapé no traseiro, ou nas pessoas que olhavam para nós. Mas ele estava muito bem trajado, é claro, e eu não, de modo que achei melhor sairmos. Por isso fomos a

um café e sentamos no terraço, e quando ele acabou de se lamentar pela perda do xale e de falar no que sua mãe ia dizer e assim por diante, convidou-me a cear. Está claro que recusei, pois já o aturara bastante, mas o único modo pelo qual podia impedir outra cena, ali mesmo no terraço, foi prometer cear com ele alguns dias depois.

— Eu não pretendia ir — acrescentou depois de uma pausa, com sorriso tímido —, mas quando chegou o dia, estava com uma fome tremenda, pois fazia algum tempo que não comia coisa alguma.

Olhou para mim e mais uma vez vi em seu rosto algo que notara no curso daquelas horas: debaixo de sua beleza e bravatas, havia terror e a sofreguidão por

agradar. Era uma coisa tremendamente comovente, que me fez ficar aflito, desejando estender os braços e reconfortá-lo.

Vieram nossas ostras e começamos a comer. Giovanni estava sentado sob a luz do sol, e seus cabelos negros reuniam em si o brilho amarelo do vinho e as muitas cores das ostras, onde batidas pela luz.

— O jantar — continuou narrando, enquanto comíamos — foi terrível, é claro, pois ele também sabe fazer cenas em seu apartamento. A essa altura, porém, eu sabia que ele era dono de um bar e cidadão francês. Eu não sou, não tinha emprego, nem *carte de travail*.[21] Percebi que ele podia ser útil, se eu encontrasse o meio de fazer com que ele tirasse as mãos

de cima de mim. Devo dizer — explicou então, com aquela mesma expressão de antes, olhando para mim — que não consegui ficar inteiramente livre dele, pois o homem tem mais mãos do que um polvo e vergonha nenhuma naquela cara, *mas* — acentuou, engolindo outra ostra e enchendo novamente os copos — agora eu tenho uma *carte de travail* e emprego. E que paga muito bem! — declarou sorrindo. — Parece que tenho jeito para os negócios. Por esse motivo, ele me deixa quase sempre em paz.

Olhou em direção ao bar e falava agora com tristeza e perplexidade, ao mesmo tempo infantis e velhíssimas.

— Na verdade, ele não é um homem, de modo algum. Não sei o que possa ser, senão que é horrível. Mas

ficarei com minha *carte de travail*. Já o emprego é uma outra questão mas... — bateu na madeira para afastar a má sorte — há quase três semanas que não temos qualquer problema.

— Mas você acha que os problemas vão surgir — observei.

— Oh, sim! — retrucou Giovanni, lançando-me um olhar rápido e espantado, como a querer saber se eu entendera uma só palavra do que me contara. — Certamente vamos ter algumas dificuldades, e elas não devem tardar. Não será de imediato, é claro, pois esse não é o estilo dele. Mas vai inventar e achar alguma coisa pela qual possa ficar com raiva de mim.

Depois disso ficamos ali, sentados

e em silêncio, fumando cigarros, cercados pelas conchas das ostras e terminando o vinho. Eu me sentia, repentinamente, muito cansado. Olhei para a ruazinha estreita, aquele canto desconhecido e torto onde estávamos, já agora inundado pela luz do sol e cheio de gente — gente que eu jamais conseguira entender. Assaltara-me o desejo dolorido, abrupto e intolerável de voltar para casa, não para aquele hotel, numa daquelas vielas de Paris onde o *concierge* barrava meus passos com a conta por pagar, mas para casa, no outro lado do oceano, às coisas e pessoas que eu conhecia e entendia, àquelas coisas, lugares e pessoas que eu sempre, desesperadamente e em qualquer amargura de espírito amaria acima de tudo o mais. Jamais percebera antes um

tal sentimento em mim, e isso me amedrontava. Via-me claramente, agora, como um aventureiro, um ser errante, rolando pelo mundo afora, desgarrado de tudo. Olhei para o rosto de Giovanni, mas isso não me ajudou. Ele pertencia àquela cidade estranha, que não pertencia a mim. Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. "Que vergonha! Que vergonha!", por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um

— *Viens*[{22}] — disse Giovanni.

Levantamo-nos e voltamos ao bar, onde ele pagou nossa despesa. Tinham aberto outra garrafa de champanha e Jacques e Guillaume estavam, agora, começando realmente a ficar bêbados. O espetáculo ia ser horrível e imaginei se aqueles pobres e pacientes rapazes iriam realmente conseguir alguma coisa para comer. Giovanni falou com Guillaume por um momento, concordando em abrir o bar. Jacques encontrava-se por demais ocupado com o rapaz alto e pálido para dedicar-me atenção, pelo que nos despedimos e saímos.

— Tenho de ir para casa — disse eu a Giovanni quando estávamos na rua. — Preciso pagar a conta do hotel.

Ele fixou o olhar em mim.

— *Mais tu es fou*[23] — disse com brandura. — Está claro que de nada adianta ir agora para casa, enfrentar um *concierge* feio e depois dormir naquele quarto, sozinho, para acordar mais tarde com o estômago em petição de miséria e a boca azeda, querendo suicidar-se. Venha comigo. Nós nos levantaremos em hora civilizada, tomaremos um bom aperitivo em alguma parte e depois comeremos alguma coisa. Será muito mais alegre assim — aduziu com um sorriso. — Você vai ver.

— Mas preciso apanhar minhas roupas — objetei.

Ele segurou-me pelo braço.

— *Bien sûr*. Mas não precisa apanhá-las agora.

Resisti e ele parou.

— Venha. Tenho certeza de que sou muito mais bonito do que a decoração de seu quarto, ou o seu *concierge*. Eu sorrirei para você, quando acordar, e eles não fariam uma coisa dessas.

— Ah! — foi tudo que pude dizer. — *Tu es vache.*[24] — *Vache* é você — retrucou —, querendo deixar-me sozinho nesse lugar deserto, quando sabe muito bem que estou bêbado demais para poder chegar em casa sem ajuda.

Rimos juntos, ambos empenhados num tipo ferino e trocista de brincadeira. Chegamos ao bulevar Sebastopol.

— Não vamos debater mais a questão penosa de como você pretendeu abandonar Giovanni, em hora tão

perigosa, no meio de uma cidade hostil.

Comecei a compreender que ele também estava nervoso. Mais além, naquele bulevar, vinha um táxi em nossa direção e Giovanni ergueu a mão para chamá-lo.

— Vou mostrar-lhe meu quarto — disse então. — Está mais do que claro que você teria de vê-lo um destes dias, afinal de contas.

O táxi parou à nossa frente e Giovanni, como subitamente tomado pelo medo de que eu saísse correndo, empurrou-me à sua frente para embarcar, sentou-se a meu lado e disse ao motorista:

— *Nation.*

A rua onde morava era larga, mais respeitável do que elegante e repleta de

edifícios de apartamentos relativamente novos, terminando em pequeno jardim. Seu quarto ficava na parte de trás, no andar térreo do último edifício daquela rua. Passamos pelo vestíbulo e elevador, chegando a um corredor curto e escuro, que dava para seu quarto. O aposento era pequeno e só pude divisar o aspecto geral de coisas amontoadas em desordem, e sentir o cheiro de álcool que ele usava no fogareiro. Giovanni fechou a porta depois de entrarmos e, então, por um instante, ficamos naquela penumbra a olhar um para o outro — com aflição, com alívio e arquejantes. Eu estava tremendo e pensava que se não abrisse aquela porta para sair, naquele mesmo instante, estaria perdido. Mas sabia que não o poderia fazer, pois era tarde demais; dali a pouco

seria tarde demais para fazer outra coisa senão gemer. Ele me puxou para si, pondo-se em meus braços como se entregando o corpo para eu carregar e vagamente puxou-me para baixo, para aquela cama. Enquanto tudo, em mim, gritava "Não!" ainda assim a totalidade suspirava "Sim".

Aqui, no sul da França, não é frequente nevar, mas nesta última meia hora os flocos de neve vieram caindo, de início com muita suavidade e já agora com mais força. A neve cai como se fosse transformar-se em nevasca. Tem feito frio neste inverno, embora todas as pessoas da região pareçam tomar como prova de má educação de um estranho qualquer referência feita por ele ao fato. Elas próprias, até quando seus rostos estão

ressecados naquele vento que parece soprar de todas as direções ao mesmo tempo e que penetra em tudo, mostram-se tão radiantemente alegres quanto crianças na orla do mar. *"Il fait beau bien?"*[25] — perguntam, erguendo o rosto para o céu baixo, no qual o famoso sol meridional há dias não faz qualquer aparição.

Deixo a janela do salão e percorro a casa. Enquanto me acho na cozinha, olhando para o espelho — resolvi barbear-me antes de a água esfriar —, ouço baterem à porta. Alguma esperança vaga e despropositada explode dentro de mim, por um segundo e compreendo então que se trata apenas da zeladora, que mora no outro lado da rua e que veio certificar-se de que não roubei os talheres, quebrei os pratos ou estraçalhei os móveis com

machado, para usá-los como lenha. E realmente ela bate à porta, e ouço sua voz lá fora, dizendo:

— *M'sieu! M'sieu! M'sieu l'américain!*

Impaciente, fico imaginando o motivo pelo qual ela parece tão preocupada. Mas a mulher sorri assim que abro a porta, num sorriso que irmana a coquete e a matrona. Ela já é bastante idosa e, na realidade, não é francesa. Veio para a França há muitos anos, "quando era muito novinha, senhor", cruzando a fronteira e saindo da Itália. Como a maioria das mulheres dali, parece ter entrado em luto assim que o último filho deixou de ser criança. Hella achava que eram todas viúvas, mas verificamos que a maioria tinha maridos ainda vivos. Esses

maridos pareciam seus filhos e às vezes jogavam *belote* num campo próximo à nossa casa e seus olhos, quando viam Hella, continham a vigilância orgulhosa de um pai e a especulação vigilante de um homem. Às vezes eu jogava bilhar com eles e tomávamos vinho tinto, no *tabac*. Mas sempre me punham nervoso, com sua bandalheira, boa natureza, camaradagem, tendo gravada em suas mãos, rostos e olhos toda uma vida. Tratavam-me como o filho há pouco iniciado na idade adulta, mas ao mesmo tempo com grande distância, pois eu realmente não pertencia a qualquer um deles, e eles também sentiam (ou eu achava que sim) alguma coisa em mim, coisa essa que não era de sua conta aprofundar. Isso transparecia em seus olhos quando eu passava com Hella

na rua, e eles por nós, dizendo com muito respeito *"Salut, Monsieur-dame"*. Podiam ser os filhos daquelas senhoras vestidas de preto, e que haviam voltado para casa depois de toda uma vida de acossar e conquistar o mundo, de volta às casas para descansar e receber repreensões e esperar a morte, de volta àqueles seios já secos, que os haviam nutrido em seus primeiros dias.

Os flocos de neve haviam entrado pelo xale que lhe cobre a cabeça e estão pendurados em suas pestanas e nas pontas de cabelo preto e branco não protegidas pelo xale. Ela é bem forte ainda, embora pareça agora um pouco encurvada, um pouco sem fôlego.

— *Bonsoir, Monsieur. Vous n'êtes pas malade?*

— Não — respondo. — Não estou doente. Entre.

Ela entra, fechando a porta depois de passar e deixando o xale cair da cabeça. Continuo com o copo de bebida na mão, e ela observa isso sem fazer qualquer comentário.

— *Eh bien!* — diz então. — *Tant mieux*. Mas há dias que não o vemos. Tem estado em casa?

Seus olhos examinam meu rosto. Fico embaraçado e aborrecido, mas é impossível rebater com aspereza alguma coisa ao mesmo tempo astuta e gentil, em seus olhos e voz.

— Sim — respondo. — O tempo tem estado muito ruim.

— Não estamos no meio de

agosto, isso com certeza — diz ela. — Mas o Sr. não apresenta o aspecto de inválido. Não é bom ficar sozinho dentro de casa.

— Vou embora amanhã de manhã — respondo, com desespero. — A Sra. quer examinar a casa?

— Sim — diz a mulher e tira de um bolso a lista de objetos e pertences, que eu assinara ao chegar. — Isso não demora. Vou começar pela parte de trás.

Seguimos rumo à cozinha e a caminho para lá deposito o copo de bebida na mesinha de meu dormitório.

— Não me importa que beba — diz ela, sem se voltar para trás.

Ainda assim, deixo ali o copo. Entramos na cozinha, que se mostra limpa

e arrumada a tal ponto que dá para desconfiar.

—- Onde tem comido? — pergunta ela, com rispidez.

— Estou informada de que no *tabac* há dias que não o vêem. Tem ido à cidade?

— Sim — respondo desconsoladamente. — Às vezes.

— A pé? — indaga ela. — Digo isso porque o motorista do ônibus também não o tem visto.

Por todo esse tempo ela não está olhando para mim, mas examinando a cozinha, verificando a lista de objetos e marcando os itens com um lápis pequeno e amarelo.

Não consigo achar resposta para a

investida sardônica, tendo esquecido que numa aldeia pequena quase todos os movimentos ocorrem sob o olho e ouvido coletivos do povoado.

Ela examina rapidamente o banheiro.

— Vou limpar isso esta noite — explico.

— Seria bom — diz ela. — Estava tudo limpo quando vieram.

Voltamos pela cozinha e ela deixou de reparar nos dois copos que faltam, quebrados por mim e não tenho energia suficiente para contar-lhe isso. Deixarei algum dinheiro no guarda-louça. Ela acende a luz na sala de visitas e lá estão minhas roupas sujas, espalhadas por toda parte.

— Estas vão comigo — digo então, tentando sorrir.

— O Sr. podia ter atravessado a rua — afirma ela.

— Eu teria muito prazer em lhe dar algo para comer. Um pouco de sopa, coisa nutritiva. Eu cozinho todos os dias para meu marido e que diferença faria mais um?

Isso me comove mas não sei como indicá-lo e não posso dizer, naturalmente, que comer com ela e o marido faria meus nervos chegarem ao ponto de ruptura.

Ela examina um travesseiro ornamental.

—- Vai encontrar-se com a noiva? — pergunta então.

Sei que devo mentir, mas não o

consigo. Tenho medo de seus olhos e desejaria estar com meu copo de bebida.

— Não — respondo em tom enfático. — Ela voltou para a América.

— *Tiens* — diz ela. — E o Sr.? Vai ficar na França?

Pergunta isso olhando diretamente para mim.

— Por enquanto — respondo.

Estou começando a suar. Ocorreu-me que essa mulher, uma camponesa italiana, deve parecer-se de muitos modos com a mãe de Giovanni. Procuro não ouvir-lhe os gritos de angústia, procuro não ver em seus olhos o que certamente veria neles se soubesse que seu filho estaria morto ao amanhecer, se soubesse o que eu fizera a seu filho.

Mas, é claro que aquela não é a mãe de Giovanni!

— Não é bom — diz ela. — Não está certo que um homem jovem como o Sr. fique sozinho numa casa grande, sem mulher.

Por um instante ela parece muito triste, começa a dizer mais alguma coisa e resolve interromper-se. Sei que deseja falar-me a respeito de Hella, de quem nem ela, nem qualquer das mulheres locais, havia gostado. Mas apaga a luz na sala de visitas e passamos ao grande dormitório, o dormitório principal, que Hella e eu havíamos usado e não aquele em que deixei o copo. Também essa peça se acha muito bem arrumada e limpa. Ela espia aquilo, olha para mim e sorri.

— Não tem usado este quarto ultimamente — diz então.

Percebo que o rubor me faz vermelho, e ela ri.

— Mas será feliz outra vez — afirma. — Deve sair e encontrar outra mulher, uma *boa* mulher, e casar-se com ela, e ter filhos. *Sim*, é isso mesmo o que deve fazer — diz então, como se a houvesse contraditado, e antes de ser possível dizer qualquer coisa. — Onde está sua *maman?*

— Já é morta.

— Ah! —- exclama batendo os dentes, em sinal de solidariedade. — Isso é triste. E seu *papa*, já morreu também?

— Não. Está na América.

— *Pauvre bambino!*[26]

Olha para meu rosto e eu me encontro realmente indefeso ã sua frente, e, se ela não sair logo, vai fazer com que eu prorrompa em lágrimas ou palavrões.

— Mas o Sr. não pretende andar pelo mundo como um marinheiro? Tenho certeza de que isso o faria muito infeliz. Vai formar um lar, algum dia?

— Sim, com certeza. Um dia.

Ela põe a mão forte em meu braço.

— Mesmo que sua *maman* esteja morta... E isso é muito triste!... Seu *papa* ficará muito feliz em ter filhos seus.

Faz uma pausa, seus olhos negros ficam mais suaves e está olhando para mim, mas está também olhando além de mim.

— Tivemos três filhos. Dois morreram na guerra. Também foi na guerra que perdemos nosso dinheiro todo. É triste, não é? Ter trabalhado tanto por toda a vida, para poder gozar um pouco de paz na velhice, e então ver tudo tomado da gente? Meu marido quase morreu e nunca mais foi o mesmo homem.

Percebo então que seus olhos não são apenas astutos, mas que revelam também amargura e tristeza. Ela dá de ombros e acrescenta:

— Ah! O que se pode fazer? É melhor não pensar nisso...

Sorri, então, e diz em seguida:

— Mas nosso último filho, que vive no norte, veio fazer uma visita há dois anos e trouxe o filhinho dele. O guri

tinha só quatro anos de idade. Era tão bonito! Mário, é como se chama — explica com um gesto. — É o nome de meu marido. Ficaram uns dez dias conosco e nós nos sentimos jovens outra vez.

Sorri de novo e comenta:

— Principalmente meu marido.

Fica ali um momento, parada, sorriso nos lábios. E depois pergunta de modo abrupto:

— O Sr. reza?

Fico sem saber se vou aguentar mais aquele momento.

— Não. Não rezo muitas vezes — respondo, gaguejando.

— Mas acredita em Deus?

Sorrio e nem sequer é um sorriso

condescendente, embora talvez eu desejasse que o fosse.

— Sim.

Não sei qual possa ter sido a aparência de meu sorriso, no entanto, pois não a consegui convencer.

— É preciso rezar — diz então, com muita seriedade. — Posso lhe garantir que é. Até uma oraçãozinha, de vez em quando, já serve. Acenda uma velinha. Não fosse pelas orações dos santos abençoados e não poderíamos viver neste mundo. Estou lhe falando — diz agora, empertigando-se um pouco — como se fosse sua *maman*. Não vá ficar ofendido.

— Mas eu não estou ofendido. A Sra. é muito boa em falar-me dessa

maneira.

Vejo seu sorriso de satisfação.

— Os homens... Não só as crianças, como o Sr., mas também os homens velhos... Sempre precisam de uma mulher que lhes diga a verdade. *Les hommes, ils sont impossibles*.[27]

Ela sorri, obriga-me a sorrir também dessa piada universal e apaga a luz no dormitório principal. Voltamos à sala e, graças aos céus, ao meu copo de bebida. O outro dormitório, naturalmente, está bem desarrumado, a luz acesa, meu roupão, livros, meias sujas, dois copos usados e uma xícara de café já velho, tudo está espalhado. Na cama, os lençóis encontram-se embolados.

— Vou arrumar isso antes do

amanhecer — digo então.

— *Bien sûr* — retruca ela, suspirando. — Devia mesmo aceitar meu conselho, *Monsieur*, e casar-se.

Com isso, prorrompemos ambos numa risada repentina e termino minha bebida.

O exame está quase completo. Vamos à última peça da casa, o salão onde está a garrafa diante da janela. Ela olha para a garrafa e depois para mim.

— Mas vai estar embriagado pela manhã — observa.

— Oh, não! Vou *levar* a garrafa comigo.

Vejo claramente que ela sabe não ser verdade, mas dá de ombros outra vez. Em seguida ela se torna, pelo gesto de

passar o xale em volta da cabeça, muito formal e até um pouco ressabiada. Agora que a vejo a ponto de retirar-se, queria descobrir alguma coisa que a fizesse ficar. Quando ela atravessar a rua, a noite será mais escura e comprida do que nunca. Tenho algo a dizer-lhe — a ela? —, mas é claro que jamais será dito. Sinto que quero ser perdoado, quero que *ela* me perdoe. Mas não sei como confessar meu crime.

De certo modo estranho, meu crime está em ser um homem e ela já sabe tudo a esse respeito. É terrível como me faz sentir despido, como um meninote nu diante de sua mãe.

Ela estende a mão e eu a seguro desajeitadamente.

— *Bon Voyage, Monsieur.*[28]

Espero que tenha sido feliz enquanto esteve aqui e que um dia volte a nos visitar...

Está sorrindo e seus olhos são bondosos, mas agora o sorriso é puramente social, o término gracioso de uma transação comercial.

— Obrigado — respondo. — Talvez volte no próximo ano.

Ela solta minha mão e caminhamos até a porta.

— Ah — diz então. — Por favor, não me acorde amanhã cedo. Ponha as chaves na minha caixa de correio. Não tenho mais motivos para acordar tão cedo.

— Pois não — retruco sorrindo e abrindo a porta. — Boa noite, Madame.

— *Bonsoir, Monsieur. Adieu!*

Ela sai e mergulha na escuridão, mas há luz vindo de minha casa e da casa dela, iluminando a rua que vai atravessar. As luzes da cidade brilham lá embaixo e mais uma vez ouço o ruído do mar.

Ela anda um pouco e depois se volta.

— *Souvenez-vous* — diz então. — É preciso rezar um pouco, de vez em quando.

Fecho a porta. Ela me fez compreender que tenho muitas coisas a fazer até o amanhecer. Resolvo limpar o banheiro antes de tomar outra dose de bebida e começo a fazer isso, esfregando primeiramente a banheira e depois enchendo o balde com água para esfregar o chão. O banheiro é pequeno e quadrado, com uma única janela de vidro fosco. Faz-

me lembrar aquele quarto claustrofóbico em Paris. Giovanni fizera grandes planos para remodelá-lo e houve época em que realmente iniciou o trabalho; vivíamos com massa de tijolos por toda parte e tijolos empilhados no chão. À noite levávamos embrulhos de tijolos para fora da casa, deixando-os nas ruas.

Suponho que irão apanhá-lo bem cedo pela manhã, talvez pouco antes do alvorecer, de modo que a última coisa a ser vista por Giovanni será aquele céu pardacento e sem luz, sobre Paris, debaixo do qual andamos tantas madrugadas desesperadas e embriagadas, rumando para casa, trôpegos e juntos.

SEGUNDA PARTE

1

Lembro-me de que a vida, naquele

quarto, parecia estar ocorrendo sob a superfície do mar, o tempo passava indiferentemente por cima de nós e as horas e dias não tinham qualquer significação. No início, nossa vida teve uma alegria e espanto que renasciam todos os dias. Por baixo da alegria, naturalmente, existia angústia e por baixo do espanto encontrava-se o medo, mas eles não se apresentavam no começo, até que esse nosso grande início se tornasse fel em nossas bocas. A essa altura, a angústia e o medo tornaram-se a superfície em que escorregávamos e caíamos, perdendo o equilíbrio, o amor-próprio e o orgulho. O rosto de Giovanni, que eu ficara conhecendo tão bem em tantas manhãs, dias e noites, endureceu-se diante de meus olhos, começou a ceder em

lugares secretos, começou a rachar. A luz em seus olhos tornou-se um brilho fraco, a fronte ampla e bela principiava a sugerir o crânio ósseo que tinha por baixo. Os lábios sensuais voltavam-se para dentro, levados pela tristeza que transbordava de seu coração. Tornara-se o rosto de um desconhecido — ou de tal forma fazia-me sentir culpado, que eu desejava fosse o rosto de um desconhecido. Nem todas as minhas recordações prepararam-me para a metamorfose que elas próprias ajudavam a realizar.

Nossos dias começavam antes do alvorecer, quando eu seguia até o bar de Guillaume a tempo de beber alguma coisa antes de ele fechar. Às vezes, quando Guillaume fechava o bar para o público, alguns amigos, Giovanni e eu ficávamos

para fazer o desjejum e ouvir música. De outras, Jacques se encontrava presente — desde que travamos conhecimento com Giovanni ele parecera apresentar-se com mais frequência. Se fizéssemos o desjejum com Guillaume, em geral saíamos por volta das sete da manhã. Em algumas ocasiões, quando Jacques também estava, oferecia levar-nos no automóvel que comprara, de modo repentino e inexplicável, mas quase sempre seguíamos a pé por toda a longa extensão do rio até o quarto.

A primavera aproximava-se de Paris. Esta noite, andando de um para outro lado da casa, vejo novamente o rio, o *quais*[29] pavimentado com paralelepípedos e as pontes. Barcos de pouca altura passavam por baixo e às

vezes víamos, neles, mulheres pendurando as roupas lavadas para secar. Em algumas ocasiões víamos um jovem em canoa, remando com energia e de aspecto muito indefeso, bastante ridículo. Havia iates amarrados nas margens, de vez em quando, bem como barcos-casas e barcaças. Passamos tantas vezes pelo posto de incêndio, a caminho do quarto, que os bombeiros já nos conheciam. Quando o inverno chegou novamente e Giovanni fez seu esconderijo numa daquelas barcaças, um dos bombeiros viu quando ele para ali regressava certa noite, trazendo um pão e avisou à polícia.

As árvores tornavam-se verdes naquelas manhãs, o rio baixava de nível e esmaecia a fumaça marrom de inverno, surgindo os pescadores. Giovanni tinha

razão a respeito deles, pois era certo que não pareciam estar pescando coisa alguma, mas com isso mantinham-se ocupados. Ao longo do *quais* as barracas de livros pareciam tornar-se quase festivas, aguardando a estação que permitiria aos transeuntes examinar sossegadamente os livros amarrotados e usados e que dariam ao turista o desejo apaixonado de levar para os Estados Unidos, ou Dinamarca, toda uma coleção de estampas coloridas, muito maior do que seu dinheiro o permitiria, ou com as quais não saberia o que fazer, chegado de volta ao seu país. Surgiam também as pequenas em bicicletas, acompanhadas por rapazes igualmente equipados e lá ficavam à beira do rio, quando a luz já diminuía, largando as bicicletas até o

amanhecer. Isso foi depois de Giovanni perder o emprego, quando andávamos por ali de noite. Eram noites amargas, pois ele sabia que eu ia abandoná-lo, mas não se atrevia a acusar-me com medo de ter a confirmação na mesma hora. E a mim faltava a coragem para contar. Hella já estava viajando, regressando da Espanha e meu pai concordara em mandar dinheiro, dinheiro esse que eu não ia utilizar para ajudar Giovanni, que tanto fizera em meu auxílio; ia utilizar para escapar de seu quarto.

Todas as manhãs o céu e o sol pareciam um pouco mais altos e o rio se estendia, coberto por neblina que constituía uma crescente promessa. Todos os dias os atendentes nas barracas de livros retiravam mais um agasalho, de

modo que o aspecto de seus corpos parecia estar sofrendo uma metamorfose contínua e notável. Eu ficava imaginando que forma finalmente apareceria. Pelas janelas dando para o *quais* e ruas laterais, podíamos ver que os *hoteliers* chamaram pintores para refazerem a pintura dos quartos, as mulheres nas leiterias tiraram as suéteres azuis e arregaçaram as mangas dos vestidos, pondo à mostra seus braços musculosos. A cada dia o pão parecia mais quente e mais fresco nas padarias. Os pequenos colegiais já se tinham livrado das capas e seus joelhos não estavam mais escarlates de frio. Parecia haver mais conversa — naquela linguagem curiosamente medida e veemente, que às vezes me faz pensar em clara de ovo endurecendo e de outras em

instrumentos de cordas, mas sempre recordam o lado ruim e os momentos posteriores à paixão.

Não era frequente, porém, tomarmos café no bar de Guillaume, porque ele não gostava de mim. Em geral eu ficava por perto, tão despercebidamente quanto possível, até Giovanni terminar a limpeza do bar e mudar de roupa. Despedíamo-nos então e saíamos. Os *habitues* assumiam, a nosso respeito, uma atitude curiosa, composta de maternalismo desagradável, inveja e desagrado disfarçado. Era-lhes impossível falar conosco como faziam uns com os outros e não gostavam da tensão que lhes impúnhamos ao falar de qualquer outro modo. E ficavam furiosos porque o centro de suas atenções, naquele caso, não

era absolutamente de sua conta. Isso os fazia sentir novamente sua pobreza, pelo anestésico das conversas sem consequência, sonhos de conquista e desdém mútuo.

Qualquer que fosse o lugar onde fizéssemos a primeira refeição do dia, ou por onde andássemos, ao chegarmos ao quarto estávamos sempre cansados demais para dormir em seguida. Fazíamos café, ao qual, às vezes, era adicionado conhaque, e ficávamos sentados na cama, conversando e fumando. Parecíamos ter muito o que dizer — ou, pelo menos, isso ocorria com Giovanni. Até mesmo na maior sinceridade, quando eu fazia o possível para desabafar com ele assim como se abria comigo, eu estava escondendo alguma coisa. Não lhe contei

a verdade sobre Hella, por exemplo, senão quando já morava em seu quarto por todo um mês. Falei-lhe, então, porque as cartas que recebia dela começavam a indicar que logo regressaria a Paris.

— E o que faz ela, andando sozinha pela Espanha? — perguntou-me Giovanni.

— Gosta de viajar.

— Ora! — retrucou ele. — Ninguém gosta de viajar, principalmente as mulheres. Deve haver outro motivo — disse então, arqueando as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Talvez tenha um amante espanhol e esteja com medo de contar. Talvez esteja com um *torero*.

É possível, pensei, mas contrapus:

— Ela não teria medo de me contar.

— Não entendo os americanos, de jeito algum — comentou ele, dando uma risada.

— Não vejo o que seja tão difícil para entender. Você sabe que ela e eu não somos casados.

— Mas é sua amante, não é?

— Sim.

— E ainda é sua amante?

— É claro — retorqui, encarando-o.

— Pois nesse caso — disse ele — não entendo o que faz na Espanha, enquanto você se acha em Paris.

Ocorreu-lhe outro pensamento, e indagou:

— Qual é a idade dela?

— É mais nova do que eu dois anos — respondi, observando-o. — Que tem isso?

— Ela é casada? Com outro, naturalmente...

Ri, e ele riu também.

— Claro que não.

— Bem, eu pensei que ela fosse mulher de mais idade e com um marido, em alguma parte. Por isso teria de afastar-se dele, de vez em quando, para poder continuar o caso com você. Seria um ótimo arranjo. Essas mulheres, às vezes, são *muito* interessantes e geralmente têm

algum dinheiro. Se uma mulher *dessas* estivesse na Espanha, traria de lá um presente magnífico para você. Mas uma jovem, saltitando em país estrangeiro sozinha... Não estou gostando. Você devia arranjar outra amante.

Aquilo pareceu-me tão engraçado, que não consegui parar de rir.

— E você, tem uma amante? — perguntei.

— Agora, não — respondeu. — Mas talvez, um dia...

Sua expressão era um misto de preocupação e sorriso e ele acrescentou:

— Não pareço muito interessado em mulheres, ultimamente. Não sei qual o motivo. Eu costumava interessar-me por elas. Talvez isso volte — comentou,

dando de ombros. — Pode ser porque as mulheres, agora, fossem um pouco mais do que eu poderia aguentar. *Et puis*...

Deteve-se no que ia dizer. Eu queria comentar que, a meu ver, ele tomara uma saída das mais esquisitas para seu problema, mas após um instante disse apenas com cuidado:

— Você não parece ter opinião muito favorável a respeito das mulheres.

— Ora, as mulheres! Felizmente não há necessidade de ter opinião a respeito de *mulheres!* Elas são como a água, tentadoras, traiçoeiras e insondáveis, sabe? E podem ser rasas e bem sujas...

Fez uma pausa e prosseguiu depois:

— Talvez seja verdade que eu não goste muito das mulheres. Isso não impediu de copular com muitas e de amar uma ou duas. Mas na maior parte do tempo... Na maior parte do tempo eu copulava com o corpo, apenas.

— Isso pode fazer a gente sentir-se muito só — comentei e não esperara fazê-lo.

Giovanni não esperava ouvir isso. Olhou para mim, estendeu o braço e tocou-me na face.

— Sim...

E pouco depois aduzia:

— Não estou querendo ser *méchant* quando falo das mulheres. Eu as respeito, muitíssimo, pela sua vida interior, que não é igual à vida de um

homem.

— As mulheres não parecem gostar dessa ideia — observei.

— Ora, ora! — retorquiu ele. — Essas mulheres absurdas que andam por aí hoje, cheias de ideias e de asneiras e julgando-se iguais aos homens!... *Quelle rigolade*!... Deviam levar uma boa surra, ficando meio mortas de tanta pancada, para descobrirem quem manda no mundo.

— As mulheres que você conheceu gostavam de apanhar? — perguntei com uma risada.

— Não sei se gostavam — respondeu sorrindo. — Mas é certo que uma surra nunca fez com que fossem embora.

Rimos ambos e ele prosseguiu.

— De qualquer modo, elas não eram como essa pequena boba que você tem, andando por toda a Espanha e mandando cartões postais para Paris. O que ela pensa que está fazendo? Ela quer você, ou não quer?

— Foi à Espanha — respondi — para descobrir.

Giovanni arregalou os olhos e estava indignado.

— À Espanha? E por que não foi à China? O que está fazendo essa pequena? Provando todos os espanhóis e comparando-os com você?

Fiquei um tanto amolado e procurei explicar.

— Você não entende. Ela é uma pequena muito inteligente, muito

complexa. Queria afastar-se e pensar.

— E pensar em quê? Ela parece muito boba, é preciso que se diga. Não consegue resolver em que cama vai dormir. Quer comer omelete sem quebrar os ovos.

— Se ela estivesse em Paris agora — retruquei abruptamente — eu não estaria neste quarto com você.

— Não seria possível você morar aqui — admitiu ele —, mas certamente estaríamos nos encontrando e por que não?

— Por que não? Suponhamos que ela descobrisse?

— Descobrisse? Descobrisse o *quê?*

— Ora, pare com isso! — retruquei. — Você sabe o que há para descobrir.

Giovanni encarou-me com expressão muito séria.

— Essa sua pequena parece cada vez mais impossível. O que faz ela? Segue você por toda parte? Ou vai contratar detetives para dormirem debaixo de nossa cama? E, afinal de contas, o que tem ela a ver com isso?

— Você não pode estar falando sério.

— Posso estar, com toda a certeza — retrucou ele —, e estou! Você é que se mostra incompreensível.

Deu um gemido e serviu-se de mais café, apanhando a garrafa de

conhaque que estava no chão.

— *Chez toi* — disse então — tudo parece extremamente febricitante e complicado, como uma dessas novelas inglesas onde querem descobrir quem é o assassino. Descobrir, descobrir, diz você, como se fôssemos cúmplices num crime! Nós não cometemos crime algum.

Serviu-se do conhaque e eu tentei explicar:

— É que ela ficará horrivelmente magoada se descobrir, eis tudo. As pessoas têm palavras muito fortes para... para esta situação.

Parei com a explicação e a julgar pela expressão de seu rosto meu arrazoado parecia muito fraco. Acrescentei então, de modo defensivo:

— Além disso, é mesmo um crime. . . em meu país. Afinal de contas, eu não cresci aqui, cresci *lá!*

— Se as palavras fortes e os palavrões lhe fazem medo — disse Giovanni —, realmente não entendo como possa ter conseguido viver tanto tempo. As pessoas estão repletas de palavras fortes e palavrões. A única ocasião em que não os usam, ou a maioria não usa, é quando descrevem alguma coisa suja.

Fez uma pausa e ficamos a observar-nos mutuamente. A despeito do que ele dizia, parecia bastante assustado também.

— Se seus conterrâneos acham que estar à vontade na intimidade constitui um crime, tanto pior para o seu país. E

quanto a essa pequena sua... Você está sempre ao seu lado, quando ela se encontra em Paris? O dia todo, todos os dias? Há vezes em que você sai para beber sozinho, não é? Talvez saia com ela em passeio... para pensar, como diz. Os americanos parecem pensar muito. E talvez, enquanto você está pensando e tomando uma bebida, olhe para outra pequena que passe, não? Talvez até olhe para o céu e sinta o seu próprio sangue nas veias? Ou tudo pára quando Hella vem? Nada de beber sozinho, nada de olhar as pequenas, nada de céu? Hem? Responda.

— Já lhe disse que não somos casados, mas parece impossível fazer você compreender alguma coisa esta manhã.

— Ainda assim, quando Hella está aqui você às vezes vê outras pessoas... sem Hella?

— É claro.

— E ela o obriga a contar tudo que fez enquanto esteve sozinho?

Dei um suspiro. Eu perdera o controle da conversa em algum ponto anterior e queria apenas que ela terminasse. Bebi o conhaque com rapidez demasiada e ele queimou-me a garganta.

— Claro que não.

— Pois bem. Você é um rapaz muito encantador, atraente e civilizado e, a menos que seja impotente, não vejo por que ela se possa queixar. Arrumar *la vie pratique, mon cher,*[30] é coisa muito

simples. Basta querer fazê-lo.

Refletiu um pouco, acrescentando então:

— Eu sei que há ocasiões em que as coisas não dão certo e é preciso arrumá-las de outro modo. Mas certamente não estamos no melodrama de tipo inglês, como você acredita. Se assim fosse, céus! A vida seria simplesmente intolerável.

Serviu-se de mais conhaque e sorriu para mim, como se tivesse solucionado todos os meus problemas. Era um sorriso tão franco e simples, que tive de corresponder. Giovanni gostava de acreditar que ele era sagaz e eu não, e que estava me ensinando os fatos duros da vida. Para ele, era importante sentir isso porque sabia, no fundo do coração e sem

querer sabê-lo, que eu lhe resistia com todas as forças, no fundo do meu e sem poder fazer qualquer outra coisa.

Ao correr do tempo tornávamo-nos quietos, silenciosos e dormíamos. Despertávamos por volta das três ou quatro horas da tarde, quando o sol fraco mandava sua luz aos cantos mais disparatados daquele quarto atravancado. Levantávamos, lavávamos o rosto e fazíamos a barba, esbarrando um no outro e fazendo piadas, furiosos com o desejo impronunciado de sair daquele quarto. Depois saíamos para Paris, comíamos às pressas em algum lugar e eu deixava Giovanni na porta do bar de Guillaume.

Sozinho depois, e aliviado por estar só, eu ia a um cinema, ou perambulava, ou regressava ao quarto e

lia, ou sentava-me num jardim e lia, ou num terraço de café, ou conversava com algumas pessoas, ou escrevia cartas. Escrevia a Hella, sem lhe contar coisa alguma, ou a meu pai, pedindo dinheiro. E qualquer que fosse minha ocupação, havia um outro "eu" a me perseguir, congelado de pavor quanto à questão de minha vida.

Giovanni despertara uma coceira, iniciara um tormento em mim. Compreendi isso certa tarde, quando o levava ao trabalho, passando pelo bulevar Montparnasse. Compramos um quilo de cerejas e íamos comendo pelo caminho. Estávamos ambos insuportavelmente infantis e alegres aquela tarde e o espetáculo que apresentávamos, dois homens adultos em brincadeiras um com o outro, em plena calçada e jogando os

caroços de cereja, como se fossem bolinhas, na cara um do outro, deve ter sido alguma coisa horrenda. E compreendi que tal infantilidade era fantástica em minha idade e ainda mais fantástica a felicidade da qual advinha. Por aquele momento, eu realmente amei Giovanni, que jamais parecera mais belo do que naquela tarde. E observando-lhe o rosto, compreendi que era muito importante para mim torná-lo tão radioso de alegria. Notei que estaria pronto a dar muita coisa para não perder esse poder. E senti-me arrastado para ele, como um rio que marcha depois de o gelo romper-se. Mas naquele próprio instante passou pela calçada, entre nós, um outro rapaz, um desconhecido e eu transferi imediatamente para ele a beleza de Giovanni e o que

sentia por Giovanni senti também por aquele rapaz. Giovanni notou isso, viu minha expressão e riu ainda mais. Corei e ele continuou rindo e o bulevar, a luz, o som de suas risadas, tudo se transformou no cenário de um pesadelo. Fiquei olhando as árvores, a luz que descia pelas folhas. Senti tristeza, vergonha, pânico e uma grande amargura. Ao mesmo tempo — era parte de minha agitação e estava também fora dela — senti os músculos no pescoço retesarem-se com o esforço que fazia para não virar a cabeça e observar aquele rapaz que seguia andando pela avenida iluminada. O animal que Giovanni despertara em mim jamais voltaria a dormir, mas um dia eu não mais estaria com Giovanni. E ficaria então, como todos os outros, a voltar e

acompanhar todos os tipos de rapazes, rumando para avenidas escuras e ignotas, indo a lugares escuros e desconhecidos?

Com essa percepção apavorante formou-se em mim um ódio por Giovanni, tão poderoso quanto meu amor, alimentando-se pelas mesmas raízes.

2

Nem sei como descrever aquele quarto. De um certo modo, ele se transformara em todos os quartos nos quais eu já estivera; e em todos nos quais eu me ache, daqui para a frente, lembrar-me-ei do quarto de Giovanni. Não fiquei nele muito tempo — pois conhecemo-nos

no início da primavera e saí durante o verão —, mas ainda assim parece-me ter passado toda uma vida lá dentro. Como disse, a vida naquele quarto parecia transcorrer sob a superfície das águas, sendo certo que ali dentro sofri uma transformação.

Para começar, o quarto não era suficientemente grande para os dois e dava para um pequeno quintal, isto é, tinha duas janelas contra as quais o quintal se comprimia com maldade, apertando cada vez mais, como se se houvesse confundido com uma selva. Nós, ou melhor, Giovanni mantinha as janelas fechadas a maior parte do tempo. Nunca comprara cortinas e tampouco o fizemos enquanto estive ali, mas para assegurar a tranquilidade Giovanni cobrira as

vidraças com uma substância branca e grossa, destinada a dar polimento em vidros. Às vezes ouvíamos crianças brincando no lado de fora de nossa janela e em outras ocasiões vultos estranhos ali apareciam. Nesses momentos Giovanni, que estaria trabalhando no quarto ou deitado na cama, endurecia o corpo como um cão de caça e permanecia em absoluto silêncio até afastar- se o que parecera ameaçar nossa segurança.

Ele sempre tivera grandes planos de remodelar o quarto e antes de minha chegada já os iniciara. Uma das paredes era de branco sujo e manchado, pois ele retirara o papel de cobertura. A outra parede, em frente, jamais seria descoberta e ali se via uma senhora de saia-balão e um homem de culotes, andando

eternamente juntos e circundados por rosas. O papel de parede estava no chão, em grandes folhas e rolos, em meio à poeira. Também no chão se encontravam nossas roupas sujas, juntamente com as ferramentas de Giovanni e os pincéis e garrafas de óleo e terebentina. Nossas malas ficavam em cima de alguma coisa, em posição precária, de modo que tínhamos pavor de abri-las, passando às vezes dias inteiros sem determinados objetos, como um par de meias limpas.

Ninguém vinha visitar-nos, com exceção de Jacques e este aparecia poucas vezes. Estávamos muito longe do centro da cidade e não tínhamos telefone.

Lembro-me da primeira tarde em que acordei naquele quarto, tendo Giovanni a dormir pesadamente a meu

lado. O sol entrava tão de leve no quarto que fiquei preocupado, sem saber qual era a hora. Acendi furtivamente um cigarro, pois não queria despertar Giovanni e não sabia ainda como iria encará-lo. Examinei ao redor. No táxi, Giovanni dissera alguma coisa a respeito de seu quarto estar muito sujo. "Com certeza", eu replicara com leveza e me voltara para o outro lado, espiando pela janela do veículo. Depois disso ficamos em silêncio e quando despertei naquele quarto lembrei que houvera alguma coisa constrangida e penosa na qualidade desse silêncio, rompido quando Giovanni dissera, com sorriso amargo e tímido: "Preciso encontrar alguma figura poética".

Dizendo isso, abrira os dedos das mãos no ar, como se uma metáfora fosse

coisa tangível, enquanto eu o observava.

— Veja o lixo desta cidade — dissera finalmente, indicando com os dedos a cidade que passava pelas janelas do táxi. — Vê o lixo desta cidade? Para onde o levam? Não sei para onde vai, mas é bem possível que seja para o meu quarto.

— É muito mais provável — repliquei — que o atirem ao Sena.

Ao despertar e olhar ao redor, no entanto, eu percebera a bravata e a covardia de sua figura de expressão. Aquilo não era o lixo de Paris, que teria sido anônimo, mas a vida vomitada de Giovanni.

Diante de mim, nos lados e por toda parte do quarto, empilhadas como paredes, havia caixas de papelão e couro,

algumas amarradas com barbante, outras fechadas, algumas quase estourando, e da que estava em cima de todas, à minha frente, saíam algumas partituras de música para violino. Havia um violino no quarto, colocado sobre a mesa em seu estojo torto e rachado, sendo impossível adivinhar, por seu aspecto, se fora posto ali na véspera ou cem anos antes. A mesa encontrava-se cheia de jornais amarelados, garrafas vazias e havia também uma batata murcha na qual até a brotação já apodrecera. Caíra vinho tinto no chão e ali ficara até secar, tornando doce e pesado o ar que se respirava. Mas não era a desordem do quarto o que metia medo e sim o fato de que, ao procurar a chave para entendê-la, percebia-se que não estava em qualquer dos lugares

comuns. Não se tratava de uma questão de hábito, circunstância ou temperamento — mas de uma questão de castigo e remorso. Não sei como notei isso, mas foi instantâneo e talvez o notasse porque desejava viver. Examinei o quarto com a mesma extensão nervosa e calculista da inteligência e de todas as forças de que dispomos, que se usa ao medir um perigo mortal e inevitável: as paredes silenciosas, com seus amantes distantes e anacrônicos, presos em interminável jardim de rosas, as janelas que olhavam como dois grandes olhos de gelo e fogo e o teto que se abaixava como aquelas nuvens das quais às vezes demônios falavam e que obscureciam, mas não suavizavam, sua malignidade por trás da luz suspensa como sexo doente e

indefinível em seu centro. Sob aquela flecha aguda, aquela flor esmagada de luz, encontravam-se os terrores que envolviam a alma de Giovanni. Compreendi o motivo pelo qual ele me quisera e me trouxera a seu último reduto. Eu devia destruir aquele quarto e dar a Giovanni uma vida nova e melhor. Essa vida só podia ser a minha própria, e, para transformar a de Giovanni, tinha primeiramente de tornar-se uma parte de seu quarto.

De início, porque os motivos que me levaram ao quarto de Giovanni eram tão mistos, tinham tão pouco a ver com suas esperanças e desejos e faziam parte tão profunda de meu próprio desespero, inventei um tipo de prazer, fazendo o papel de dona de casa depois de Giovanni sair para trabalhar. Joguei fora o papel, as

garrafas, o acúmulo fantástico de bugigangas, examinei o conteúdo daquelas caixas e malas tão numerosas e lhes dei fim. Mas eu não sou uma dona de casa — os homens nunca podem sê-lo. E o prazer nunca era verdadeiro ou profundo, embora Giovanni exibisse seu sorriso humilde e reconhecido e me dissesse de todas as maneiras que encontrava que era maravilhoso eu estar ali, e como eu me apresentava, com meu amor e engenho entre ele e a treva. Todos os dias me convidava a observar como ele mudara, como o amor o transformara, como ele trabalhava, cantava e me prezava. Eu me encontrava em terrível confusão. Às vezes pensava — mas *esta* é a sua vida! Pare de lutar contra ela, pare de lutar! Ou então achava — eu sou feliz, ele me ama, estou

seguro. De outras feitas, quando ele não estava por perto, achava que jamais o deixaria tocar-me novamente. E então, quando ele o fazia, eu achava que não tinha importância, é só o corpo e logo vai terminar. E quando terminava eu ficava deitado no escuro e ouvia sua respiração e sonhava com o toque de mãos, as mãos de Giovanni, as de qualquer pessoa, que tivessem o poder de esmagar-me e tornar-me completo outra vez.

Às vezes eu deixava Giovanni diante de nossa refeição vespertina, com a fumaça azul de um cigarro a rodear-lhe a cabeça e saía até o escritório do *American Express*, na Ópera, onde estaria minha correspondência, se houvesse alguma. Eram raras as vezes em que Giovanni ia comigo, pois dizia que não

suportava estar em meio a número tão grande de americanos. Dizia que eles todos tinham o mesmo aspecto — e tenho certeza de que realmente os via assim. Mas não pareciam os mesmos para mim. Eu percebia que todos tinham, em comum, alguma coisa que fazia deles americanos, mas nunca consegui descobrir do que se tratava. Sabia que, qualquer que fosse essa qualidade comum, eu a partilhava e sabia que Giovanni fora atraído por mim parcialmente por causa dela. Quando Giovanni queria fazer-me saber que não estava satisfeito comigo, dizia que eu era um "*vrai américain*". De modo oposto, quando satisfeito, afirmava que eu absolutamente não era americano e em ambas as ocasiões fazia pulsar bem dentro de mim uma corda que não vibrava nele.

E eu não gostava disso, não gostava de ser chamado americano (e ficava com raiva por não gostar) porque parecia transformar-me em nada mais do que isso, fosse lá o que fosse; e não gostava de ser proclamado *não* americano, pois parecia que me transformava em nada.

Ainda assim, dirigindo-me ao *American Express* numa tarde de verão cheia de claridade, fui forçado a reconhecer que essa horda enérgica e tão inquietantemente bem disposta surgiu a meus olhos, de repente, como se fosse uma unidade. Nos Estados Unidos eu poderia distinguir os padrões, hábitos, sotaques, sem esforço algum. Mas agora todos pareciam, a menos que aguçasse bem os ouvidos, estar chegando naquele exato momento de Nebrasca. Nos Estados

Unidos eu poderia notar as roupas que usavam, mas ali eu só via malas, máquinas fotográficas, cintos e chapéus, tudo isso claramente comprado na mesma loja. Nos Estados Unidos eu teria percebido alguma coisa da feminilidade individual da mulher à minha frente, mas ali a mais feminina parecia estar envolvida num travesti regelado ou estorricado pelo sol, e até as avós não davam qualquer impressão de que houvessem, um dia, tido qualquer função carnal. E o que distinguia os homens era o parecerem incapazes de envelhecer; cheiravam a sabonete, que na verdade parecia ser o seu dispositivo de defesa contra os perigos e exigências de qualquer odor mais íntimo e os meninos que já foram brilhavam, limpinhos, intocados,

nos olhos dos homens de sessenta anos, reservando passagens para Roma em companhia das sorridentes esposas. Estas poderiam ser suas mães, obrigando-os a comer mingau de aveia e Roma podia ser o cinema ao qual elas tinham prometido levá-los depois. Ainda assim eu desconfiava que aquilo não fosse mais do que uma parte da verdade e talvez nem fosse a parte mais importante; por baixo daqueles rostos, roupas, sotaques, rudeza, havia poder e tristeza, ambos inconfessados, incompreendidos, o poder dos inventores e a tristeza dos desligados.

Tomei meu lugar na fila para receber a correspondência, atrás de duas pequenas que resolveram ficar definitivamente na Europa e contavam encontrar emprego com ajuda do governo

americano na Alemanha. Uma delas se apaixonara por um rapaz suíço, ou foi o que percebi da conversa em voz baixa, fervorosa e perturbada que mantinha com a amiga. Esta instava para que ela "se mantivesse firme", não sei em qual princípio e a moça apaixonada continuava dizendo que sim, com a cabeça, porém mais de perplexidade do que por estar concordando. Tinha aquele ar engasgado e intermitente de quem tem mais alguma coisa a dizer, mas não acha o meio de fazê-lo.

— Você não deve ser boba — dizia a amiga.

— Eu sei, eu sei — retrucava ela.

Tinha-se a impressão de que embora não quisesse ser uma boba, ela se

desfizera de uma das definições para o adjetivo e jamais conseguiria encontrar outra para colocar em seu lugar.

Encontrei duas cartas para mim, uma de meu pai e a outra de Hella. Por bastante tempo ela só me enviara cartões postais, e, com medo de que a carta fosse importante, não a quis ler na mesma hora. Abri a de meu pai e li, em pé, à sombra, ao lado das portas giratórias que não paravam de rodar. Dizia:

Meu caro Butch, não vem mais para casa? Não pense que estou apenas sendo egoísta, mas é verdade que gostaria de revê-lo. Acho que já esteve longe o tempo bastante. Deus sabe que eu ignoro o que está fazendo por aí e você não escreve o suficiente para que

eu forme sequer uma ideia. Mas acredito que um destes dias você vá se arrepender de ter ficado por aí, olhando o umbigo enquanto o mundo o deixa de lado. Aí nada existe para você. Você é tão americano quanto o toucinho com feijão, embora talvez não queira reconhecê-lo mais. E talvez não se incomode se eu disser que está um pouco velho demais para estudar, afinal de contas, se é isso o que está fazendo. Já vai chegar aos trinta. Eu também vou tocando e você é tudo que me resta. Gostaria de vê-lo.

Você continua pedindo que lhe mande seu dinheiro e talvez pense que eu estou sendo um cachorrão. Não estou procurando matá-lo de fome e você sabe que se precisar de alguma coisa serei eu

o primeiro a ajudar, mas não acho que lhe esteja fazendo algum favor deixando que gaste o pouco dinheiro que tem e depois voltar para casa sem um tostão. Que diabo está fazendo? Conte ao seu velho, sim? Talvez não acredite nisso, mas houve época em que eu também fui rapaz!

E passava a falar sobre minha madrasta e o quanto esta queria me ver e sobre alguns amigos nossos e o que estavam fazendo. Tornava-se claro que minha ausência começava a causar-lhe medo. Ele não sabia o que aquilo significava, mas era claro que vivia num mar de desconfianças, a cada dia mais escuras e vagas. Meu pai não saberia exprimi-lo em palavras, ainda que tivesse

coragem para tanto. A pergunta que ansiava fazer não estava na carta, e tampouco a oferta: *"É uma mulher, David? Traga-a para casa. Não me importa quem seja. Traga-a para casa, eu os ajudarei a se estabelecerem "*. Não podia arriscar-se a essa pergunta, porque não aguentaria uma resposta negativa. Uma resposta negativa revelaria os desconhecidos que tínhamos passado a ser, um para o outro. Dobrei a carta e guardei-a no bolso de trás, olhei por alguns instantes a avenida ampla, ensolarada e estrangeira.

Havia um marinheiro em uniforme inteiramente branco, que vinha atravessando o bulevar, andando com aquela ginga engraçada de marujos e aquele ar, esperançoso e decidido, de

quem tem de fazer muita coisa acontecer e bem depressa. Sem o perceber, eu o olhava fixamente e desejava ser ele. De algum modo parecia mais jovem do que eu jamais fora, mais louro e mais belo, exibindo sua masculinidade de modo tão inequívoco quanto a pele. Fez-me pensar em minha casa e talvez o lar não seja um lugar, mas apenas uma condição irrevogável. Eu sabia como ele bebia e como se portava com os amigos, como a dor e as mulheres o deixavam perplexo. Fiquei pensando se meu pai já fora assim, ou eu — embora fosse difícil de imaginar quaisquer antecedentes, quaisquer ligações para aquele rapaz, que atravessava a rua como se fosse a própria luz. Ficamos frente a frente, como se houvesse percebido algum pânico

revelador em meus olhos, encarou-me com expressão desdenhosamente lasciva e entendedora, idêntica à que teria feito algumas horas antes para a ninfomaníaca desesperadamente bem vestida, ou à prostituta que procurava fazê-lo crer que ela era uma dama. E com mais um segundo que perdurasse nossa ligação, eu tinha certeza de que surgiria em palavras, de toda aquela luz e beleza, alguma variação brutal de: *"Olhe, nenê. Eu conheço você"*. Senti o rosto pegar fogo, o coração endurecer e estremecer enquanto passei às pressas por ele, procurando olhar duramente para além. Ele me apanhara de surpresa, pois de algum modo eu não estivera realmente pensando nele, mas na carta que guardara no bolso, em Hella e em Giovanni. Fui

para o outro lado do bulevar, sem me atrever a olhar para trás e fiquei imaginando o que pudera ver em mim para sair-se com desdém tão instantâneo. Eu era maduro demais para achar que fosse alguma coisa no modo de andar, ou no modo de manter as mãos, ou em minha voz — que ele não ouvira. Fora alguma outra coisa e eu jamais a veria. Jamais teria coragem para vê-la, pois seria como encarar o sol nu, sem proteção para os olhos. Apressando os passos, no entanto, e sem coragem para olhar qualquer outra pessoa, homem ou mulher, que passasse por mim nas calçadas largas, eu sabia que o marujo vira em meus olhos desprevenidos a inveja e o desejo: já percebera isso nos olhos de Jacques e minha reação e a do marinheiro tinham

sido as mesmas. Mas se eu ainda pudesse sentir afeição e se ele a percebera em meus olhos, isso não teria ajudado, pois a afeição, para os rapazes que eu estava condenado a olhar, mostrava-se imensamente mais assustadora do que o desejo.

Andei mais do que pretendera fazer, pois não me atrevia a parar enquanto o marinheiro pudesse ainda estar olhando. Perto do rio, na *rue des Pyramides*, sentei-me a uma mesa de café e abri a carta de Hella. Dizia:

Mon cher, a Espanha é meu país predileto, mais ça n'empêche que Paris est toujours ma ville preferée.[31] *Anseio por estar novamente em meio a essa gente boba, que corre para os metrôs e*

salta dos ônibus, sai da frente das motocicletas e arranja engarrafamentos de tráfego e por admirar toda aquela estatuária doida, em todos esses parques absurdos. Choro pelas senhoras suspeitas da place de la Concorde. A Espanha não é assim, de modo algum. Seja lá o que for, a Espanha não é frívola. Eu acho, mesmo, que ficaria para sempre aqui, se jamais houvesse posto os pés em Paris. A Espanha é muito bonita, cheia de pedras e sol, e solitária. Mas pouco a pouco a gente se cansa de azeite, peixe, castanholas e pandeiros — ou, pelo menos, eu me cansei. Quero voltar para casa, para casa em Paris. É engraçado, nunca achei que um lugar fosse minha casa, antes.

Nada me aconteceu aqui. Suponho que isso lhe agrade e confesso que agrada a mim, e bastante. Os espanhóis são bons, mas, é claro, a maioria é muito pobre e os que não são pobres mostram-se impossíveis, não gosto dos turistas, em sua maior parte dipsomaníacos ingleses e americanos, e que são pagos meu caro, por seus parentes, para que fiquem longe deles (Que bom seria ter uma família, parentes!). Encontro-me agora em Maiorca, que seria ótimo lugar se jogassem todas as viúvas pensionistas ao mar e proibissem a venda de martini seco. Nunca vi coisa assim! Como essas bruxas velhas bebem e reviram os olhos para tudo quanto estiver de calças compridas, principalmente o que tiver

uns dezoito anos! Bem, disse a mim mesma — Hella, menina, dê uma boa espiada, pois pode ser que esteja vendo o que vai lhe acontecer no futuro! O problema é que gosto demasiadamente de mim própria, de modo que resolvi deixar que dois façam uma tentativa nesse sentido, nessa história de amarrar-me a alguém, quer dizer, e ver o resultado que dá. (Sinto-me muito bem, depois de tomada essa decisão, e espero que você também se sinta, caro cavaleiro andante.)

Fui arrastada a uma expedição absurda a Sevilha, em companhia de uma família inglesa que conheci em Barcelona. Eles adoram a Espanha e querem que eu assista a uma tourada,

coisa que ainda não pude ver durante todo o tempo em que passei por aqui. A família de que falo é gente realmente muito boa. O camarada faz poesias e trabalha para a BBC, e ela é sua esposa eficiente e devotada. São gente muito boa, mesmo. Têm um filho doidinho, que pensa estar loucamente apaixonado por mim, mas o mocinho é britânico além da conta e insaciavelmente jovem demais. Partiremos amanhã e ficaremos por lá uns dias. Depois disso, eles seguirão para a Inglaterra e eu — para você!

Dobrei a carta, percebendo então que a estivera aguardando por muitos dias e noites e o garçom veio perguntar o que eu desejava beber. Eu pensara num

aperitivo, mas agora, tomado por algum espírito grotesco de comemorar as notícias recebidas, pedi um *scotch and soda*. E diante dessa bebida, que nunca me parecera tão americana quanto naquele momento, fiquei olhando para aquela Paris absurda, que estava agora tão cheia de movimento sob o sol escaldante, tão agitada quanto meu coração e pensando no que iria fazer.

Não posso dizer que sentisse medo, ou seria mais justo se dissesse que não sentia medo algum — assim como, ao que ouço dizer, os homens baleados não sentem dor, por algum tempo após levarem um tiro. Percebo um certo alívio, parecendo que a necessidade de decidir fora tirada de mim. Disse a mim próprio que sempre soubéramos, Giovanni e eu,

que nosso idílio não poderia durar sempre. E eu não deixaria de ser sincero com ele, pois Giovanni sabia tudo a respeito de Hella, e que um dia minha pequena regressaria a Paris. Pois ela o faria agora, dando fim a meu convívio com Giovanni. Era algo que me acontecera antes e seria coisa que acontece com muitos homens, pelo menos uma vez. Paguei a bebida e saí atravessando o rio em direção ao Montparnasse.

Sentia-me animado, mas, ao descer a *Raspail* em direção aos cafés de Montparnasse, não conseguia deixar de lembrar que Hella e eu andamos por ali, Giovanni e eu fizemos aquele percurso. E a cada passo, o rosto que surgia com maior insistência em minha lembrança não

era o dela, mas o de Giovanni. Eu começava a imaginar como ele receberia a notícia. Não achei que iria brigar comigo, mas receava o que iria ver em seu rosto, tinha medo da dor que ali se espelharia. Mas o medo maior não era esse — o meu verdadeiro medo encontrava-se bem oculto e fazia com que me dirigisse a Montparnasse. Eu queria achar uma pequena, qualquer pequena.

Os terraços, no entanto, pareciam abandonados. Andei devagar por ali, em ambos os lados da rua, olhando as mesas e não vi qualquer conhecido. Fui até a *Closerie des Lilás*, onde bebi alguma coisa, sozinho. Reli as cartas recebidas e pensei em procurar Giovanni naquele mesmo instante e dizer que ia abandoná-lo, mas sabia que ele ainda não teria

aberto o bar e podia estar em qualquer parte de Paris àquela hora. Andei vagarosamente de volta pelo bulevar e vi então duas pequenas, prostitutas francesas, mas não eram atraentes, disse a mim próprio que podia arranjar coisa melhor do que *aquilo*. Fui ao *Select* e ali estive sentado, observando quem passava e bebendo alguma coisa. Por bastante tempo não apareceu, no bulevar, qualquer pessoa minha conhecida.

Quem apareceu e que eu não conhecia muito bem, foi uma pequena chamada Sue, loura, e bastante robusta, apresentando aquela qualidade que, a despeito de não ser beleza, possuem as pequenas escolhidas anualmente como "Miss Ouro do Reno", exemplos de robustez jovem da terra alemã. Ela usava

o cabelo louro e ondulado bem curto, tinha seios pequenos e um grande traseiro, e, certamente, para indicar ao mundo quão pouco se importava com a aparência ou sensualidade, estava quase sempre de calças compridas e justas. Acho que Sue viera de Filadélfia e que sua família era muito rica. Às vezes, quando embriagada, ela falava muito mal dos parentes e de outras, embriagada de outro modo, exaltava-lhes as virtudes de trabalho e fidelidade. Fiquei ao mesmo tempo desanimado e aliviado ao vê-la e no momento em que surgiu comecei, mentalmente, a tirar-lhe toda a roupa.

— Sente-se! — ofereci. — Tome alguma coisa comigo.

— Que bom ver você! — gritou

Sue, sentando-se e olhando ao redor para achar o garçom. — Você parece ter sumido. Onde tem estado? — acrescentou depois, desistindo de procurar o garçom e inclinando-se em minha direção, com sorriso amistoso.

— Tenho andado muito bem. E você?

— Ora, *eu!* Nada me acontece, nunca!

Dizendo isso, contraiu os cantos da boca bastante gulosa e também muito vulnerável, para indicar que estava, ao mesmo tempo, brincando e falando sério.

— Eu sou como uma parede! — disse então e rimos ambos. — Dizem que você está morando lá num extremo de Paris, perto do Jardim Zoológico —

acrescentou, lançando-me olhar desconfiado.

— Encontrei um quarto de empregada — confirmei. — muito barato.

— E mora sozinho?

Eu não sabia se ela estava informada sobre Giovanni, senti algumas gotas de suor brotando na fronte.

— Mais ou menos — respondi.

— Mais ou menos? Que diabo quer dizer isso? Você está em companhia de um macaco, ou coisa parecida?

— Não, — respondi sorrindo. — Mas esse rapaz francês que conheço mora com a amante, eles brigam muito e o quarto é mesmo *dela*, de modo que quando a amante o expulsa, ele fica

comigo por alguns dias.

— Ah! — exclamou Sue. — *Chagrin d 'amour.*[32]

— Ele se diverte muito com o *chagrin* — retorqui. — Adora essas brigas. Você não gosta de brigas de amor? — perguntei então, encarando-a.

— As paredes, como eu, são impenetráveis.

Chegou o garçom, mas eu persisti:

— Isso não é coisa que dependa da arma usada para tentar penetrar?

— O que você está pagando? — perguntou ela.

— O que quer beber? — contrapus.

O garçom mantinha-se a nosso

lado, manifestando certo tipo de *joie de vivre*[33] bem azeda.

— Acho que vou tomar — disse ela, piscando com seus olhos azuis e apertados — *un ricard*. Com gelo pra cachorro!

— *Deux ricards* — *eu disse ao garçom* — *avec beaucoup de la glace.*[34]

— *Oui*, *Monsieur*.

Tenho certeza de que o garçom estava cheio de desdém por nós. Pensei em Giovanni e em quantas vezes, durante uma noite, a expressão *Oui*, *Monsieur*, era pronunciada por ele. Com esse pensamento fugidio veio outro, igualmente ligeiro: um novo sentimento de Giovanni, sua vida e dor pessoais, e tudo quanto se movia como uma inundação nele, quando

estávamos deitados.

— Continuando... — disse então.

— Continuando? — respondeu ela, arregalando os olhos e sem apresentar expressão alguma. — Onde estávamos?

Sue procurava ser coquete e astuta e senti que estava cometendo uma grande crueldade com ela. Mas não podia parar.

— Estávamos falando sobre paredes e como podem ser penetradas.

— Eu nunca soube — retorquiu ela, em tom lamurioso — que você se interessava por paredes.

— Há muita coisa a meu respeito que você ignora. Não acha divertido descobrir?

O garçom voltara, trazendo a

bebida e Sue olhou para o copo com desagrado. Depois disso, olhando-me novamente, teve uma resposta curta:

— Francamente, não.

— Ora, você é muito nova para pensar assim. *Tudo* devia constituir uma descoberta.

Por momentos ela se manteve silenciosa, tomou um gole de bebida e finalmente se manifestou:

— Já fiz todas as descobertas que posso aguentar.

Eu notava, no entanto, o modo pelo qual suas coxas se moviam, dentro das calças compridas e justas.

— Mas você não pode continuar sendo uma parede para sempre.

— Não sei por que não possa — retrucou Sue — e tampouco vejo *como* deixar de ser.

— Nenê, eu estou a fazer-lhe uma proposta...

Ela apanhou novamente o copo e bebeu, olhando diretamente para o bulevar.

— E qual é a proposta?

— Convide-me para tomar alguma coisa. *Chez toi*.

— Acho — disse ela, voltando-se para mim — que não tenho bebida alguma na casa.

— Podemos levar, comprar a caminho.

Sue olhou-me por bastante tempo,

fiz um esforço para não baixar os olhos.

— Acho que não devo — disse ela, finalmente.

— Por que não?

— Não sei — respondeu, fazendo um pequeno movimento na cadeira de vime. — Não sei o que você pretende.

— Se me convidar para tomar alguma coisa em sua casa — retorqui com uma risada — eu lhe mostrarei.

— Acho que você está sendo impossível — redarguiu ela e pela primeira vez havia alguma coisa genuína no olhar e na voz.

— Pois eu acho que *você* é impossível — disse eu, olhando-a com sorriso que esperava parecer, ao mesmo

tempo, juvenil e insistente. — Não sei o que disse de tão impossível assim. Pus todas as minhas cartas na mesa, mas você continua escondendo as suas. Não sei por que acha um homem impossível, por ele se declarar atraído por você.

— Ora, vamos! — retrucou ela, e terminou a bebida. — Com certeza foi afetado pelo sol de verão.

— O sol de verão — insisti — nada tem a ver com isso.

E como Sue não dissesse coisa alguma, prossegui com desespero:

— Tudo quanto tem a fazer é resolver se vamos tomar outra bebida aqui, ou em sua casa.

Ela estalou os dedos de repente, mas sem conseguir parecer

desembaraçada.

— Pois então, vamos! Tenho certeza de que vou me arrepender. Mas falo sério, quando digo que não tenho coisa alguma para beber. Vai ser preciso você comprar, e assim — acrescentou depois de ligeira pausa — sairei ganhando *alguma coisa* com o negócio.

Foi quando me senti tomado por tremenda vontade de voltar atrás. Para evitar encará-la, fingi dar toda atenção à tarefa de chamar o garçom. Ele veio, azedo como sempre; paguei a conta, levantamo-nos e saímos andando para a *rue de Sèvre*, onde Sue tinha seu pequeno apartamento.

O apartamento estava às escuras, e cheio de móveis. Sue foi logo explicando:

— Nada disso é meu. Tudo pertence à senhora francesa, já de alguma idade, de quem aluguei o lugar. Ela está em monte Carlo, tratando dos nervos.

Também Sue se mostrava nervosa e vi que por algum tempo esse nervosismo podia valer-me de muito. Eu comprara uma pequena garrafa de conhaque, que depositei na mesa com tampa de mármore, tomando Sue nos braços em seguida. Por algum motivo eu estava com noção terrivelmente clara de que já passava das sete horas da noite, logo o sol desapareceria do rio, estava começando a noite de Paris e Giovanni já estaria trabalhando.

Sue era muito grande e inquietantemente fluida — mas de uma fluidez que não conseguia soltar-se. Senti

nela uma dureza e constrangimento, uma séria desconfiança, criada nela por um número demasiado de homens como eu, para que pudessem ser vencidos naquele momento. O que estávamos por fazer não seria bonito. E, como a perceber isso, ela afastou-se de mim.

— Vamos tomar alguma coisa — disse então. — A menos, é claro, que você esteja com pressa. Vou procurar não prender você mais do que o absolutamente necessário.

Ela sorria e eu também. Estávamos tão próximos, intimamente, quanto o conseguiríamos estar em qualquer outro momento — como dois ladrões a encarar-se.

— Vamos tomar um bom número

de doses — retruquei.

— Mas não *demais* — disse ela, outra vez lamuriosa, de modo sugestivo, como uma ex-rainha do cinema que se defronta outra vez com as câmaras, depois de longo eclipse.

Tomou o conhaque e desapareceu na minúscula cozinha.

— Ponha-se à vontade —- gritou de lá para mim. — Tire os sapatos, tire as meias. Dê uma espiada nos meus livros. Muitas vezes fico sem saber o que faria, se não houvesse livros neste mundo.

Tirei os sapatos e fiquei deitado no sofá, procurando não pensar em coisa alguma. Mas pensava, achando que tudo quanto eu fazia com Giovanni não poderia, de modo algum, ser mais imoral

do que o que estava perto de fazer com Sue.

Ela voltou, trazendo dois copos médios de *brandy*. Sentou-se perto de mim no sofá, encostamos os copos, bebemos um pouco. Por todo esse tempo ela me observava e foi quando toquei em seus seios. Sue entreabriu os lábios, pôs o copo na mesa com absoluta falta de jeito e jogou-se para mim. Era um gesto de grande desespero e eu sabia que ela estava se entregando, não a mim, mas àquele amante que jamais viria.

Quanto a mim, pensava em muitas coisas, deitado sobre Sue naquele lugar escuro. Imaginava se ela fizera qualquer coisa para impedir uma gravidez e o pensamento de um filho meu e dela, de que eu assim me visse encurralado — no

próprio ato, por assim dizer, de procurar escapar — quase me causou um acesso de gargalhadas. Imaginei se as calças compridas que Sue usava tinham sido atiradas sobre o cigarro que ela estivera fumando. Imaginei se outra pessoa possuía a chave do apartamento, ou se podíamos ser ouvidos por aquelas paredes finas e o quanto, dentro em breve, estaríamos a nos odiar mutuamente. E também me aproximei de Sue como se ela fosse um tipo de tarefa que eu precisava executar de modo inesquecível. Em alguma parte de meu íntimo, compreendi que lhe estava fazendo algo de horrível, tornando-se questão de minha honra não deixar que o fato se tornasse por demais patente. Tentei transmitir, por aquele horrendo ato de amor, a noção de que não era ela, pelo

menos, não era a carne *dela* o que eu desprezava — não seria ela quem eu não poderia olhar, quando ficássemos em pé outra vez. E em alguma parte de meu íntimo, percebi que meus receios foram excessivos e infundados, na verdade uma mentira, pois a cada momento se tornava mais claro que o motivo de meu medo nada tinha a ver com o meu corpo. Sue não era Hella e não diminuía o meu pavor do que iria acontecer quando Hella chegasse — ao contrário, fazia com que aumentasse, tornando-se muito mais real do que fora antes. Ao mesmo tempo, notei que minha atuação com Sue estava boa até demais e procurei não desprezá-la por sentir tão pouco o que eu sentia. Percorri um emaranhado de gritos de Sue, de seus punhos a bater em minhas costas e por

meio de suas coxas e pernas calculei em quanto tempo estaria livre. Depois disso pensei — *já vem o final.* Seus soluços tornaram se mais altos e roucos, eu sentia com aflição que o suor prorrompia em meu dorso, e pensei: *Pois bem, solte a coisa nela, por Deus! Acabe com isso!* E aí terminávamos, sentindo ódio dela e de mim e voltava a achar que aquele quartinho escuro me rodeava. Tudo quanto desejava, agora, era sair dali.

Ela ficou imóvel por bastante tempo. Senti que, lá fora, a noite me chamava. Levantei-me finalmente, e procurei um cigarro.

— Talvez — disse ela — devamos terminar a bebida.

Sentou-se e acendeu a luz ao lado de sua cama. Eu

estivera receando aquele momento, mas Sue nada viu em meus olhos — e encarava-me como se achasse que eu fizera uma longa viagem, montado num cavalo todo branco, até chegar à prisão onde ela se encontrava. Ergueu então o copo, e eu falei antes.

— *À la votre.*

— *À la votre? — retrucou com uma risadinha. —À la tienne, cheri!*

Veio para mim e beijou-me na boca. Foi então que, por um instante, notou alguma coisa. Voltou à posição de antes e olhou fixamente para mim, ainda sem apertar os olhos e disse em tom leve:

— Você acha que podemos fazer isso outra vez, noutra ocasião?

— Não vejo motivos contra —

respondi, procurando sorrir. — Trazemos no corpo tudo quanto é preciso.

Sue ficou silenciosa por algum tempo e depois indagou:

— Podemos jantar juntos... esta noite?

— Sinto muito. Sinto muitíssimo, Sue, mas tenho um compromisso.

— Oh! Amanhã, talvez?

— Escute, Sue. Eu não suporto marcar encontros. Aparecerei de surpresa.

Ela terminou a bebida.

— Duvido — disse então e saiu da cama, afastando-se de mim. — Vou vestir alguma coisa e descer com você.

Desapareceu em seguida e ouvi água corrente no banheiro. Fiquei sentado,

nu mas de meias, reenchi o copo com *brandy*. Tinha medo, agora, de sair para aquela noite que poucos momentos antes parecera chamar-me.

Quando ela voltou, estava com vestido e sapatos de verdade e afofara um pouco o cabelo. Tive de reconhecer que assim seu aspecto era melhor, parecendo-se mais com uma pequena, com uma colegial. Levantei-me e comecei a me vestir.

— Você está bonita — disse então.

Havia muitas coisas que Sue desejava dizer, mas impôs a si própria o silêncio. Eu mal conseguia aguentar a observação da luta que ocorria em sua expressão, pois me sentia envergonhadíssimo.

— Talvez você se sinta sozinho outra vez — disse ela, finalmente. — Acho que não me incomodarei se você vier me procurar.

Exibia nos lábios o sorriso mais estranho que eu já vira até então. Era um sorriso penoso, vindicativo e humilhado, mas Sue conseguia perpassá-lo com uma alegria brilhante e juvenil, tão rígida quanto o esqueleto que tinha por dentro do corpo flácido. Se o destino permitisse a Sue o alcançar-me outra vez, bastaria aquele sorriso dela para me matar.

— Pode esperar — disse eu.

Ela abriu a porta e saímos para a rua.

3

Deixei-a na esquina mais próxima, enquanto balbuciava alguma desculpa esfarrapada e fiquei observando sua figura lerda a atravessar o bulevar, dirigindo-se aos cafés.

Eu não sabia para onde caminhar. Finalmente dei cobro de mim na beira do rio, seguindo vagarosamente para casa.

E talvez tenha sido essa a primeira vez, em minha vida, que a morte se me apresentou como uma realidade. Pensei nas pessoas à minha frente, que haviam dado uma espiada no rio e descido para dormir sob suas águas. Fiquei pensando nessa gente, imaginando como o tinham feito — a coisa, o ato físico de fazê-lo. Eu

pensara em suicídio quando muito mais jovem, como talvez aconteça com todos, mas nessa ocasião teria sido por vingança, teria sido o meu meio de mostrar ao mundo quanto ele me fizera sofrer. Mas o silêncio da noite, enquanto seguia para casa, nada tinha a ver com aquele menino agitado e já distante no tempo. Estava pensando nos mortos somente porque os dias deles acabaram e eu não sabia como percorreria os meus.

A cidade, Paris, que eu tanto amava, mostrava-se absolutamente silenciosa. Parecia não haver pessoa alguma nas ruas, embora fosse muito cedo ainda. Mesmo assim, lá embaixo — pela margem do rio, sob as pontes, na sombra das paredes, era quase possível ouvir o suspiro coletivo e trêmulo —, amantes e

gente arruinada, dormindo, abraçando-se, copulando, bebendo, olhando para a noite que chegara. Por trás das paredes das casas pelas quais passava, a nação francesa limpava os pratos, punha os pequeninos Jean-Pierre e Marie na cama, fechava a cara para os eternos problemas do dinheiro, da mercearia, da igreja, do Estado nada firme. Aquelas paredes, aquelas janelas fechadas, continham aquela gente e a protegiam contra a escuridão e o longo gemido da noite comprida. Em dez anos os pequeninos Jean-Pierre e Marie encontrar-se-iam naquela beira-rio, imaginando — do mesmo modo pelo qual eu imaginava agora — como haviam saído daquela faixa de segurança. Que longo caminho, pensava eu, percorri para ser destruído!

Voltando-me do rio para a comprida rua que dava para casa, recordei então que queria filhos. Queria estar novamente lá dentro, na luz e na segurança, com a virilidade inquestionada, observando a mulher pôr os filhos a dormir. Queria a mesma cama à noite, os mesmos braços, queria acordar de manhã sabendo onde me achava. Queria uma mulher que fosse para mim, um chão firme como a própria terra, na qual sempre pudesse me renovar. Fora assim uma vez, quase fora assim certa feita e eu poderia consegui-lo de novo, poderia tornar aquilo uma realidade. Precisava apenas de alguma energia para poder voltar a ser o mesmo.

Vi a luz acesa por baixo de nossa porta, enquanto atravessava o corredor e

antes de pôr a chave na fechadura a porta foi aberta por dentro. Lá estava Giovanni com o cabelo a cobrir-lhe os olhos, rindo. Tinha na mão um copo de conhaque e de início fiquei espantado pelo que parecia ser divertimento em sua expressão. Depois percebi que não era divertimento, mas histeria e desespero.

Comecei a perguntar o que estava fazendo em casa, mas ele me puxou para o quarto, segurando-me com força, tendo um braço passado por meu pescoço. Estava trêmulo.

— Onde esteve? — perguntou então.

Olhei para seu rosto, afastando-me ligeiramente e ele acrescentou:

— Procurei você por toda parte.

— Não foi trabalhar? — indaguei.

— Não — respondeu. — Tome alguma coisa comigo. Comprei uma garrafa de conhaque para comemorar minha liberdade.

Serviu-me uma dose de conhaque, mas eu parecia incapacitado de mover-me. Giovanni veio outra vez, enfiando o copo em minha mão.

— Giovanni... O que aconteceu?

Ele não respondeu. Sentou-se repentinamente na beira da cama, dobrado para a frente. Percebi então que ele também estava com um acesso de raiva.

— *Ils sont sâles, les gens, tu sais?*

Olhou para mim enquanto o dizia, com os olhos cheios de lágrimas e

prosseguiu:

— São simplesmente sujos, todos eles, gente baixa, que não vale nada, suja!

Estendeu a mão e puxou-me para o chão a seu lado.

— Todos, menos você. *Tous, sauf toi*.

Dizia isso segurando meu rosto com suas mãos e acredito que tal ternura poucas vezes tenha causado em mim tamanho terror quanto o desse momento.

— *Ne me laisse pas tomber, je t'en prie*[35] — disse-me então e beijou-me na boca, com doçura insistente e estranha.

O seu contato jamais deixava de me despertar desejo, mas seu hálito quente e doce me fez ter vontade de

vomitar.

Afastei-me com tanta gentileza quanto pude e tomei meu conhaque.

— Giovanni — disse em seguida —, conte-me, por favor, o que aconteceu. O que houve?

— Ele me despediu — respondeu. — O Guillaume. II *m'a mis à la porte*.

Depois de dizê-lo ele riu, levantou-se e começou a andar de um para outro lado no quarto. — Disse para eu não aparecer nunca mais no bar dele. Disse que eu era um *gangster*, um ladrão e moleque sujo da rua e o único motivo pelo qual eu o procurei... *eu* o procurei!... foi porque pretendia roubá-lo uma destas noites. *Après 1'amour. Merde!*

Riu de novo e não consegui

encontrar o que dizer. Parecia-me que as paredes do quarto se estreitavam cada vez mais ao meu redor.

Giovanni ficou em pé, diante de nossas janelas cobertas de polidor, de costas para mim.

— Ele disse tudo isso na presença de muita gente, bem no meio do bar. Esperou até que as pessoas chegassem. Senti vontade de matá-lo, queria matar todos eles.

Voltou ao centro do quarto e encheu novamente o copo, esvaziando-o de um só gole e de repente o atirou contra a parede, com toda a força que tinha. Houve o estalo, depois voaram mil fragmentos por cima de nossa cama, por todo o chão. Eu não conseguia mexer-me no mesmo instante, mas depois, sentindo

as pernas bambas mas também percebendo que agia muito depressa, agarrei-o pelos ombros. Giovanni começou a chorar e eu o apertei nos braços. E enquanto sentia sua angústia infiltrar-se em mim, como ácido em seu suor, percebendo que meu coração estava dilacerado por sua causa, fiquei também pensando com desprezo involuntário e incrível como, por algum tempo, eu o pudera julgar criatura forte.

Giovanni livrou-se de mim e foi sentar-se de costas para a parede sem papel e ficamos frente a frente.

— Cheguei à hora de sempre — disse ele. — Eu me sentia muito bem, hoje. Ele não estava quando cheguei lá, limpei o bar, como sempre, bebi alguma coisa e comi um pouco. Foi quando ele chegou e pude notar que seu ar era perigoso. Talvez algum rapaz o houvesse humilhado. É engraçado — disse e sorriu. — Pode-se dizer quando Guillaume está perigoso, pois nesses momentos ele se faz tão respeitável! Quando aconteceu alguma coisa que o humilha e o faz ver, ainda que por um instante, o nojento que é, e como está sozinho, ele se lembra de que é membro de uma das melhores e mais antigas famílias da França. Mas talvez se lembre, também, de que seu nome vai morrer com ele. Nesse momento, precisa fazer alguma coisa, depressa, para

afugentar o pensamento. Tem de fazer muito barulho, ou arranjar um rapaz *muito* bonito, ou embebedar-se, ou procurar uma briga, ou examinar suas fotografias sujas.

Fez uma pausa, levantou-se e recomeçou a andar pelo quarto.

— Não sei o que aconteceu hoje com ele, mas quando chegou procurou ser muito comercial. Procurava alguma coisa errada em meu trabalho. Não achou e subiu para o apartamento. Dali a pouco estava chamando. Eu detesto subir àquele pequeno *pied-à-terre*[36] em cima do bar, porque isso sempre representa uma cena feia. Mas tinha de ir e fui encontrá-lo de *robe*, cheio de perfume. Não sei por que, mas no instante em que o vi assim, comecei a ficar com raiva. Ele me

encarou como se fosse alguma coquete fabulosa... e como é feio, feio! O corpo dele parece leite azedo!... e então perguntou como você estava. Fiquei espantado, pois ele nunca fala a seu respeito. Respondi que você ia muito bem e ele quis saber se ainda moramos juntos. Talvez eu devesse mentir, mas não vi motivo para mentir a um pederasta velho e nojento, de modo que respondi: *Bien sûr*. Eu estava procurando ficar calmo, mas ele fez perguntas terríveis e comecei a enjoar de olhar para ele e escutá-lo. Achei melhor terminar logo aquela conversa e disse que perguntas assim não são feitas, nem por padre, nem por médico e que ele devia ter vergonha. Talvez ele estivesse esperando eu dizer coisa assim, pois ficou furioso e relembrou que ele me tirara das

ruas, *et il a fait ceci et il a fait cela*, tudo por mim, porque me achava adorável, *parce qu'il m'adorait*, e assim por diante, sem parar e que eu não tinha qualquer gratidão ou decência para com ele. Talvez eu tenha feito mal e sei como agiria alguns meses atrás: eu o faria gritar, eu o faria beijar-me os pés, *je te jure!* Mas não quis fazer isso, não queria mesmo ser sujo com ele. Procurei ser sério e disse que nunca lhe pregara mentiras, sempre dissera que não queria ser amante dele e mesmo assim ele me dera o emprego. Disse também que trabalhava bastante, era muito honesto com ele e que não me cabia culpa se... se... se não sentia por ele o mesmo que sentia por mim. Então ele lembrou que uma vez... uma vez... e eu não quis dizer que sim, mas estava fraco de fome e fora

muito difícil não vomitar. Eu ainda procurava ficar calmo e contornar a situação. Por isso eu lhe disse: *"Mais à ce moment là je n'avais pas un copain.*" Não estou mais sozinho, *je suis avec un gars maintenant*. Achei que ele compreenderia isso, pois gosta muito de romance e do sonho de fidelidade. Mas dessa vez não! Deu uma gargalhada e disse mais algumas coisas horríveis a seu respeito, que você é apenas um garoto americano, afinal de contas, fazendo na França o que não teria coragem de fazer em sua terra e que não tardaria a me abandonar. Nesse ponto, eu não aguentei mais, disse que ele não me pagava um ordenado para ouvir infâmias e tendo notado que alguém chegara ao bar lá embaixo, voltei-me sem dizer mais coisa

alguma e saí dali.

Parou à minha frente e perguntou sorrindo:

— Quer dar-me um pouco de conhaque? Desta vez não vou partir o copo.

Dei-lhe o meu, que esvaziou e devolveu. Observava- me agora e disse então:

— Não se preocupe. Nós nos arranjaremos. Não estou com medo.

Dito isso, olhou novamente para as janelas, com expressão sombria no semblante.

— Bem, eu fiquei na esperança de que aquilo fosse o fim da cena. Trabalhei no bar e procurei não pensar em Guillaume, ou no que ele pensava ou fazia

lá em cima. Era hora de aperitivos, sabe? E eu estava muito ocupado. De repente, ouvi a porta bater com força lá em cima e percebi que acontecera, acontecera a coisa pior. Ele veio para o bar, já todo vestido, como um comerciante francês, e dirigiu-se a mim. Não falou com pessoa alguma ao entrar, estava pálido e raivoso e, naturalmente, isso chamou atenção. Todos estavam esperando para ver o que ele ia fazer. E devo dizer que julguei que ele ia me bater, ou talvez ficara doido e trouxera uma pistola no bolso. Por isso, tenho certeza de que fiz ar de medo e também isso não ajudou. Ele foi para trás do balcão e começou a dizer que eu era um *tapette*, um ladrão e que fosse embora na mesma hora, ou chamaria a polícia para me levar à prisão Fiquei tão atônito

que não consegui falar e em todo esse tempo a voz dele se fazia mais alta, as pessoas começavam a ouvir, e, de repente, *mon cher*, achei que estava caindo, caindo de uma grande altura. Por bastante tempo não consegui ficar com raiva e podia sentir as lágrimas, quentes como fogo. Não conseguia recuperar o fôlego, não podia *acreditar* que ele pudesse fazer aquilo comigo. Continuei dizendo: "O que fiz? O que fiz?" E ele não respondia e gritava já, muito alto, como uma arma disparando: *"Mais tu le sais, salop!* Você sabe muito bem!" E ninguém sabia o que ele queria dizer, mas era como se estivéssemos naquela ante-sala de cinema outra vez, você se lembra do que contei? Todos sabiam que Guillaume estava certo e eu errado, que eu fizera alguma coisa

horrível. E ele foi para a caixa registradora e tirou algum dinheiro... mas ele sabia que não havia grande coisa na caixa, àquela hora... e o empurrou para mim, dizendo: "Tome! Tome! É melhor dar de presente do que você roubar de mim à noite! E vá-se embora!" E então... Aquelas caras no bar... Você devia ter visto. Estavam tão cheias da expressão de quem sabe e entende o que se passa, tão trágicas e *agora* aquela gente achava que sabia de tudo, estavam todos muito satisfeitos de nada terem tido comigo. Ah! *Les encules!* Os filhos da puta! *Les gonzesses!*

Giovanni voltara a chorar de raiva, mas prosseguiu:

— Finalmente, eu lhe dei um murro e foi quando muitas mãos me agarraram e

logo não soube o que aconteceu, mas dali a pouco estava na rua, com todas estas notas rasgadas na mão e as pessoas a olhar para mim. Eu não sabia o que fazer, não suportava a ideia de me afastar dali, mas sabia que se acontecesse mais alguma coisa a polícia viria e Guillaume faria com que me levasse preso. Mas eu o verei de novo, juro, e nesse dia!...

Parou e sentou-se, olhando para a parede. Depois disso voltou-se para mim, olhou-me por bastante tempo sem dizer coisa alguma. E após essa pausa:

— Se você não estivesse aqui — disse bem devagar — isso seria o fim de Giovanni.

Levantei-me e retruquei:

— Deixe de bobagem. A coisa

não é tão trágica assim.

Fiz uma pausa e acrescentei em seguida:

— Guillaume é nojento. Todos eles são. Mas isso não foi a pior coisa que aconteceu a você até hoje, foi?

— Talvez tudo de mau que nos acontece vá enfraquecendo a gente — respondeu Giovanni, como se não houvesse escutado minhas palavras — e por isso a gente aguenta cada vez menos.

E depois, olhando para mim:

— Não. O pior aconteceu há bastante tempo e desde aquele dia minha vida tem sido horrível. Você não vai me abandonar, vai?

— Claro que não — respondi rindo e comecei a sacudir o cobertor para

jogar ao chão os fragmentos de vidro do copo.

— Você não sabe o que eu faria, se você fosse embora — disse então e pela primeira vez notei um tom de ameaça, ou eu o coloquei em suas palavras. — Tenho estado sozinho há tanto tempo... Acho que não conseguiria mais viver, se tivesse de voltar à solidão.

— Você não está sozinho agora — retruquei e logo em seguida aduzia, pois naquele instante não teria suportado o seu contato: — Vamos dar uma volta? Venha, vamos sair deste quarto por alguns momentos.

Eu sorria ao dizer isso e bati-lhe com força no pescoço. Logo nos abraçamos, por um instante, e o afastei de

mim com um empurrão.

— Vou pagar-lhe uma bebida — prometi.

— E vai trazer-me para casa outra vez? — perguntou Giovanni.

— Sim. Eu o trarei para casa de novo.

— *Je t'aime, tu sais?*[37]

— *Je le sais, mon vieux.*[38]

Foi à pia e começou a lavar o rosto, penteando depois o cabelo. Eu o observava e Giovanni riu para mim no espelho. Tornara-se, repentinamente, belo e feliz. E jovem... Nunca, em minha vida anterior, eu me sentira tão perdido e tão velho.

— Nós daremos um jeito ! —

gritou ele. — *N'est-ce pas?*

— Certamente — respondi.

Ele deixou o espelho, estava sério outra vez.

— Mas, você sabe... Não sei quanto tempo vai passar até eu achar outro emprego. E temos pouco dinheiro. Você tem algum? Recebeu algum dinheiro de Nova York hoje?

— Não recebi dinheiro algum de lá — respondi calmamente — mas tenho alguma coisa no bolso.

Tirei tudo e coloquei sobre a mesa.

— Uns quatro mil francos.

— E eu... — disse ele, revistando os bolsos, espalhando notas e moedas pelo chão.

Logo em seguida dava de ombros e sorria, com aquele sorriso fantasticamente doce, desanimado e comovedor.

— *Je m'excuse*. Fiquei um pouco doido...

Ficou de quatro, no chão, apanhou o dinheiro e o depositou sobre a mesa, ao lado do que eu ali depusera. Uns três mil francos, em notas rasgadas, tinham de ser coladas e os deixamos de lado, para tratar deles depois. O resto que tínhamos sobre a mesa somava uns nove mil francos.

— Não estamos ricos — comentou Giovanni — mas dá para comer amanhã.

Eu não queria vê-lo preocupado e não podia suportar aquela expressão em seu semblante.

— Vou escrever a meu pai amanhã. Conto-lhe alguma mentira em que acredite e o *obrigarei* a mandar algum dinheiro — disse então, e caminhei para Giovanni como se alguma coisa me impelisse a isso, pondo as mãos em seus ombros e obrigando-me a olhar em seus olhos.

Sorri e realmente senti, naquele momento, que tanto Judas quanto o Salvador haviam-se reunido em mim.

— Não tenha medo. Não se preocupe — disse-lhe então.

E senti também, tão perto dele, sentindo tamanho desejo de afastá-lo do terror, que uma decisão — outra vez! — fora tirada de mim, pois nem meu pai, nem Hella, constituíam qualquer realidade

naquele momento. E, no entanto, até aquilo não era tão real quanto meu sentimento desesperado de que nada era verdadeiro para mim, nada jamais seria verdadeiro para mim, outra vez — a menos que essa sensação de queda fosse a realidade.

As horas da noite começam a minguar e agora, a cada segundo que transcorre no relógio, o sangue no íntimo de meu coração começa a ferver, a borbulhar e sei que não adianta fazer coisa alguma para impedir que a angústia me assalte nesta casa, tão nua e prateada quanto a grande lâmina que Giovanni logo terá diante de si. Meus carrascos encontram-se aqui comigo, andando em minha companhia de um para outro lado, lavando as coisas, arrumando as malas e

bebendo na mesma garrafa. Eles estão por toda parte para onde eu me dirija. Paredes, janelas, espelhos, água, a noite lá fora — eles estão por toda parte. Eu poderia chamá-los — como Giovanni, deitado neste momento em sua cela, poderia chamá-los também. Mas ninguém escutará. Eu poderia tentar explicar tudo. Giovanni tentou explicar. Eu poderia pedir-lhes perdão — se fosse possível descrever e enfrentar o meu crime, se houvesse alguma coisa, pessoa ou lugar, com o poder de perdoar.

Não. Ajudaria muito se eu conseguisse sentir-me culpado, mas o fim da inocência é, também, o fim da culpa.

Seja lá como possa parecer agora, tenho de confessar: eu o amava. Não creio que possa vir a amar outra pessoa tanto

quanto a ele. E isso poderia constituir um grande alívio, se eu também não soubesse que, quando a lâmina houver caído, Giovanni sentirá alívio, se puder sentir alguma coisa.

Ando de um para outro lado da casa, de um para outro lado. Penso na prisão e há muito tempo, antes de conhecer Giovanni, travei conhecimento com um homem, em festa dada na casa de Jacques, que se tornara famoso por ter passado metade da vida na prisão. Durante esse tempo ele escrevera um livro a respeito de sua vida, livro esse que desagradara as autoridades e lhe granjeara um prêmio literário. Mas a vida daquele homem estava acabada e ele gostava de dizer que, como estar preso era simplesmente deixar de viver, a pena

de morte constituía o único veredicto misericordioso que qualquer corpo de jurados poderia emitir. Lembro-me de ter pensado que ele, na verdade, jamais deixara a prisão e que esta era tudo quanto se mostrava verdadeiro para ele, que não sabia falar sobre outra coisa. Todos os seus movimentos, até o acender um cigarro, eram furtivos e para todos os lados que olhasse via-se aparecer uma muralha. Seu rosto, a cor de suas faces, faziam pensar em escuridão e umidade e eu achara que, se alguém o retalhasse, sua carne seria a de cogumelos. E ele descrevera para nós com detalhes ávidos e nostálgicos as janelas de grade, as portas trancadas, os judas, os guardas postados nas extremidades dos corredores, debaixo das lâmpadas. São

três fileiras superpostas dentro da prisão e tudo apresenta a cor do metal oxidado. Tudo é frio e escuro, a não ser naqueles pontos de luz em que se postam em pé os representantes da autoridade. Paira no ar uma lembrança perpétua de punhos batendo contra o metal, uma possibilidade de sons como o de tambores abafados, como também a de loucura. Os guardas andam, murmuram e percorrem os corredores e continuam com ruído surdo a subir e descer escadas. Estão de preto, portam armas, sempre cheios de medo e raramente se atrevem a demonstrar bondade. Três carreiras para baixo, no centro da prisão, no grande e frio coração do presídio, há sempre atividade e ali os prisioneiros merecedores de confiança transportam coisas em carrinho, entram e

saem dos gabinetes, procurando agradar aos guardas mediante privilégios em cigarros, álcool e sexo. A noite se aprofunda na prisão, há murmúrios por toda parte e todos sabem — de algum modo — que a morte estará entrando bem cedo pela manhã no pátio daquele conjunto. Bem cedo pela manhã, antes dos presidiários encarregados dos serviços começarem a transportar grandes latas de lixo cheias de comida pelos corredores, três homens de preto virão sem ruído pelo corredor, um deles abrirá a fechadura da cela. Agarrarão alguém e sairão com ele pelo corredor, às pressas, levando-o primeiramente ao padre e depois a uma porta que somente se abrirá para ele e que lhe permitirá, talvez, um vislumbre do amanhecer antes de ser atirado à frente de

bruços, numa tábua e a lâmina da guilhotina cair sobre seu pescoço.

Fico imaginando qual seja o tamanho da cela de Giovanni. Será maior do que o desta sala? Sei que será mais fria. Tento adivinhar se ele está sozinho, ou com dois ou três outros condenados, se talvez se encontre jogando cartas, ou fumando, ou conversando, ou escrevendo uma carta — a quem iria escrever? — ou andando de um para outro lado. Fico imaginando se sabe que a manhã próxima é a última de sua vida. (Isso porque o prisioneiro condenado, via de regra, não sabe; seu advogado sabe e avisa à família, mas não ao prisioneiro.) Imagino, também, se ele se importa em saber quando será executado, ou não. Quer saiba, quer ignore, quer se importe ou

não, é certo que esteja com medo e tendo ou não a companhia de outros, é certo que se sinta sozinho. Esforço-me por vê-lo, de costas para mim, de pé em frente à janela da cela. De onde está, talvez só consiga ver a ala oposta da prisão e talvez, esforçando-se um pouco, acima da muralha alta, possa ver uma faixa pequena da rua lá fora. Não sei se cortaram seu cabelo, se fez a barba. E, agora, um milhão de detalhes, prova e fruto de nossa intimidade, invadem meu espírito. Imagino, por exemplo, se ele sente a necessidade de ir ao banheiro, se pôde comer alguma coisa hoje, se está suando ou não. Imagino se alguém o amou na prisão e nisso alguma coisa eclode dentro de mim; sinto que sou energicamente abalado e transformado em coisa dura e

seca, como algo morto no deserto e sei que alimento a esperança de que Giovanni possa estar protegido nos braços de alguém, esta noite. Eu gostaria que alguém estivesse aqui comigo. Eu me entregaria ao amor com qualquer pessoa presente e me entregaria ao amor com Giovanni por toda a noite.

Naqueles dias seguintes ao desemprego de Giovanni ficamos mandriando, da mesma forma como se pode dizer que alpinistas condenados vadiam acima do abismo, seguros apenas por uma corda fina. Não escrevi a meu pai — e fui adiando essa providência de um para outro dia. Fazê-lo teria sido gesto por demais definitivo e eu sabia qual mentira contar-lhe e que a mesma daria resultado, mas não tinha certeza de que se

trataria de uma mentira. Dia após dia permanecíamos no quarto e Giovanni recomeçou seu trabalho de reformar o aposento. Tinha alguma ideia estrambótica de que seria bom fazer uma estante para livros na parede, e cavou o emboço até chegar aos tijolos, começando então a martelá-los. Era trabalho duro, alucinado, mas eu não dispunha de energia ou coragem para detê-lo. De certo modo ele fazia aquilo para mim, para provar-me seu amor. Queria que eu ficasse no quarto com ele e talvez estivesse procurando, mediante sua própria força física, arredar as paredes que pareciam esmagar-nos, mas sem fazer com que elas caíssem.

Agora... Agora, naturalmente, vejo algo de muito belo naqueles dias, que na ocasião constituíam uma tortura enorme.

Naquela época eu achava que Giovanni me arrastava consigo para o fundo do mar. Ele não arranjava emprego e eu sabia que, na verdade, não estava procurando, não podia fazê-lo. Ele, por assim dizer, fora ferido com tamanha intensidade que o simples olhar de pessoas estranhas o laceravam como sal. Não suportava estar longe de mim por muito tempo. Eu era a única pessoa, neste frio mundo de Deus, que se importava com ele, conhecia seus silêncios e suas palavras, seus braços e não se aproximava dele com um punhal na mão. O encargo de sua salvação parecia estar confiado a mim e eu não aguentava.

O dinheiro minguou, ou melhor, foi-se embora e bem depressa. Giovanni procurava não deixar transparecer o pânico na voz, quando perguntava todas as

manhãs:

— *Você vai hoje ao American Express?*

— É claro.

— Acha que seu dinheiro estará lá hoje?

— Não sei.

— Afinal de contas, o que estão fazendo com o seu dinheiro em Nova York?

Ainda assim, eu não conseguia agir. Fui novamente ter com Jacques e apanhei outros dez mil francos emprestados. Disse-lhe que Giovanni e eu estávamos atravessando dificuldades temporárias, mas que logo terminariam.

— Ele foi muito bom em

emprestar o dinheiro — comentou Giovanni.

— Jacques, às vezes, *pode* ser muito bom — respondi.

Estávamos sentados num terraço, perto do *Odeon*. Olhei para Giovanni e pensei, por um instante, como seria bom se Jacques o tirasse de minhas mãos.

— Em que está pensando? — perguntou ele.

Por um momento, fiquei confuso e envergonhado.

— Pensava que seria bom sair de Paris — respondi então.

— Para onde você gostaria de ir?

— Ora, não sei. A qualquer lugar. Estou enojado desta cidade — desabafei

de repente e com veemência que nos surpreendeu a ambos. — Estou farto desta pilha antiga de pedras, e de toda essa maldita gente deslambida. Aqui, tudo em que se põe a mão logo acaba.

— Isso — disse Giovanni, com ar sério — é verdade.

Olhava-me com muita atenção e forcei-me a encará-lo e sorrir.

— Você não gostaria de sair daqui por algum tempo? — perguntei então.

— Ah! — exclamou Giovanni, erguendo as mãos por um instante, com palmas para fora, num tipo de resignação fingida. — Eu gostaria de ir a qualquer lugar para onde você fosse. Não fiquei tão enojado de Paris quanto você e tão subitamente. Nunca apreciei muito esta

cidade.

— Talvez... — e eu mal sabia o que estava dizendo — pudéssemos ir para o interior. Ou à Espanha.

— Ah — disse ele, com leveza. — Você tem saudade de sua amante.

Fiquei, ao mesmo tempo, cheio de sentimento de culpa e de irritação, de amor e de dor. Queria dar-lhe um pontapé e também queria apanhá-lo nos braços.

— Isso não é motivo para ir à Espanha — retorqui de modo taciturno. — É somente que gostaria de ver o país. Esta cidade é muito cara.

— Bem, vamos à Espanha! — disse ele, com ar alegre. — Talvez me faça relembrar a Itália.

— Você preferiria ir à Itália? Prefere visitar sua casa?

— Acho que não tenho mais uma casa por lá — respondeu com sorriso e acrescentou logo: — Não. Eu não gostaria de ir à Itália. . .Talvez devido ao mesmo motivo pelo qual você não quer ir para os Estados Unidos.

— Mas eu *vou* para os Estados Unidos! — redargui logo e ele olhou para mim. — Quer dizer, certamente vou voltar para lá um destes dias.

— Um destes dias... — disse ele. — Tudo de ruim acontecerá, um destes dias...

— Ruim por quê?

— Ora — respondeu sorrindo. —

Porque você voltará para casa e verificará que ela já não é mais sua. Aí é que você vai estar em má situação. Enquanto permanecer aqui, pode sempre pensar que um dia voltará para casa.

Brincou com meu polegar e perguntou, sorrindo:

— *N'est-ce pas?*

— Belíssima lógica — retorqui. — Você quer dizer que só temos uma casa enquanto não formos até lá?

— E não é verdade? — perguntou com uma risada.

—- Não se tem uma casa até o momento de deixá-la e quando se faz isso não se pode mais regressar.

— Parece-me que já ouvi antes essa canção.

— Ah, *sim!* E certamente vai ouvir de novo. É uma dessas canções que alguém, em alguma parte, estará sempre cantando.

Levantamo-nos e saímos andando.

— E que aconteceria — perguntei despreocupadamente — se eu tampasse os ouvidos?

Giovanni ficou bastante tempo sem responder e finalmente o fez.

— Há vezes em que você me faz pensar no homem que sente vontade de ir para a prisão, a fim de evitar que o atropelem com um automóvel.

— Isso — redargui com aspereza — parece aplicar- se muito mais a você do que a mim.

— O que quer dizer?

— Estou falando daquele quarto, daquele quarto horrível. Por que você se enterrou nele por tanto tempo?

— Enterrei-me! Perdão, *mon cher américain*, mas Paris não é como Nova York, não está cheia de palácios para rapazes como eu. Acha que devia morar em Versalhes, por acaso?

— Deve haver... Deve haver outros quartos.

—- *Ça ne manque pas, les chambres*. O mundo se acha cheio de quartos, quartos grandes, pequenos, redondos e quadrados, quartos altos e baixos, todos os tipos de quarto! Que tipo de quarto você acha que Giovanni devia

ter conseguido? Quanto tempo acha que precisei para descobrir o que tenho? E desde quando... desde quando — parou de andar e bateu com o indicador em meu peito — você tem odiado tanto aquele quarto? Desde quando? Desde ontem, desde sempre? *Dis-moi*. Encarando-o, titubeei.

— Eu não o odeio. Eu... Eu não quis magoá-lo. Giovanni deixou os braços caírem e arregalou os olhos, enquanto dava uma risada.

— Magoa-me! E agora passei a ser um estranho para você falar desse jeito, com tanta educação americana?

— O que quero dizer, nenê, é que seria bom mudar dali.

— Podemos mudar! Amanhã

mesmo! Vamos para um hotel. É isso o que deseja? *Le Crillon, peut-être?*

Suspirei, incapaz de falar e recomeçamos a andar.

— Eu sei! — exclamou ele após um instante. — Eu sei! Você quer deixar Paris, quer deixar o quarto... Ah! Você é mau. *Comme tu es méchant!*

— Você não entendeu — retorqui. — Não entendeu o que eu quis dizer.

— *J'espère bien* — disse ele com um sorriso sombrio, para si próprio.

Mais tarde, quando estávamos de volta ao quarto, pondo dentro de um saco os tijolos que ele retirara da parede, Giovanni perguntou:

— Essa sua pequena... Você tem tido notícias recentes dela?

— Recentes, não — respondi, sem olhá-lo. — Mas em qualquer um destes dias ela estará chegando a Paris.

Giovanni levantou-se no centro do quarto, debaixo da lâmpada, olhando para mim. Também eu me ergui, sorrindo um pouco, mas um tanto assustado, com estranho e impreciso medo.

— *Vien mtembrasser*[39] — *disse ele.*

Eu tinha plena ciência de que ele segurava um tijolo na mão e eu outro. Por um instante pareceu realmente que, se eu não fosse ter com ele, usaríamos aqueles tijolos para matar-nos um ao outro.

Ainda assim, não consegui mover-me naquele instante. Ficamos a olhar um para o outro e o pequeno espaço que nos

separava encontrava-se prenhe de perigo, que parecia estrugir como labaredas.

— Venha — disse ele.

Deixei cair meu tijolo e fui ter com ele. Num momento, ouvi que também Giovanni deixara cair o tijolo que tivera na mão. Em momentos como aquele eu sentia que estávamos apenas sofrendo e cometendo o assassinato mais prolongado, o menor e o mais perpétuo.

4

Finalmente veio o aviso que eu aguardava, mandado por Hella e informando dia e hora de sua chegada a

Paris. Não informei Giovanni a esse respeito, mas sozinho saí naquele dia e fui à estação encontrá-la.

Eu alimentara esperanças de que, ao vê-la, acontecesse comigo alguma coisa instantânea, definitiva, algo que me fizesse ver onde devia estar e onde estava. Mas nada disso ocorreu. Reconheci-a imediatamente, antes que me visse; ela estava de verde, o cabelo um pouco mais claro, o rosto queimado de sol e, nos lábios, o mesmo sorriso brilhante. Senti que a amava tanto quanto sempre, mas ainda assim não sabia em que medida.

Vendo-me, Hella parou na plataforma, juntou as mãos diante do corpo e ficou sorrindo, com sua posição juvenil, de pernas distanciadas uma da

outra. Por alguns instantes ficamos apenas a olhar um para o outro.

— *Eh bien!* — disse ela. — *T'embrasse pas ta femme?*

Tomei-a nos braços e foi quando aconteceu alguma coisa dentro de mim. Sentia-me tremendamente satisfeito por vê-la e parecia, tendo Hella nos braços, que estes eram nossa casa e eu a recebia de volta ao nosso lar. Ela se ajustava a meus braços, sempre fora assim, e o impacto de segurá-la fez-me sentir que eles estiveram vazios, desde sua partida.

Apertei-a com força, naquela estação alta e escura, com grande confusão e movimento ao redor, bem ao lado do trem resfolegante. Ela trazia cheiro de vento, mar e espaço e senti em seu corpo maravilhosamente vivo a

possibilidade da verdadeira entrega.

Foi quando ela afastou-se um pouco de mim, de olhos úmidos.

— Deixe-me olhá-lo — disse então, e segurou-me com o braço esticado, examinando meu rosto. — Ah. Você está com ótimo aspecto. Estou tão feliz em revê-lo!

Beijei-a de leve no nariz e percebi que passara pelo primeiro exame. Apanhei suas malas e andamos em direção à saída.

— Fez boa viagem? Que achou de Sevilha? Gostou das touradas? Conheceu algum toureiro? Conte-me tudo.

Ela riu.

— Tudo é muita coisa. A viagem foi horrível. Eu não suporto trens e devia

ter vindo de avião, mas já estive antes num avião espanhol e jurei nunca mais fazer isso. O avião parecia estar com as peças soltas, meu caro, bem em vôo! Era uma barulheira igual à de um Ford de bigode! Talvez até fosse mesmo um Ford de bigode que alguém transformou em avião e lá estava a coitadinha de mim, rezando e tomando *brandy* pra criar coragem. Tinha certeza de que nunca mais poria os pés no chão...

Atravessamos os portões e chegamos à rua. Hella olhou ao redor, extasiada, vendo aquilo tudo, os cafés, aquela gente reservada, o rugido violento do tráfego, o policial de capa azul e bastão branco e brilhante.

— É sempre tão bom voltar a Paris, seja lá de onde for... — disse então,

após um instante.

Embarcamos num táxi e nosso motorista fez uma manobra ampla e imprudente para entrar no meio do tráfego.

— Acho que quem volta para cá muito triste conseguiria... Bem, conseguiria melhorar,

— Vamos esperar — retruquei — que nunca seja preciso, para nós, pôr à prova essa qualidade de Paris.

Seu sorriso era, ao mesmo tempo, alegre e melancólico.

— Vamos esperar...

E, de repente, segurou-me pela face e me beijou. Havia em seus olhos uma pergunta ansiosa e eu sabia que ela ardia em desejo de vê-la respondida. Mas

eu ainda não podia fazê-lo. Segurei-a bem contra mim e a beijei, fechando os olhos. Tudo estava como sempre estivera entre nós e ao mesmo tempo tudo se modificara.

Eu disse a mim próprio que não ia pensar em Giovanni ainda, não me preocuparia com ele por enquanto. Aquela noite, de qualquer modo, Hella e eu estaríamos juntos sem coisa alguma a nos separar. Mas eu sabia muito bem que isso não era realmente possível, que ele já nos separara. Procurei não pensar em Giovanni, sentado sozinho no quarto, imaginando o motivo pelo qual eu tardava tanto a chegar.

Depois disso, estávamos sentados no quarto de Hella, na *rue de Tournon* e tomando *Fundador*.

— Doce demais — comentei. —

É o que bebem na Espanha?

— Nunca vi espanhóis bebendo isso — disse em resposta e deu uma risada. — *Eles* tomam vinho, *eu* tomava *gin-fizz*. Não sei por que na Espanha achei que era uma bebida saudável — e riu de novo.

Continuei a beijá-la e abraçá-la, procurando descobrir mais uma vez o caminho, como se ela fosse um quarto conhecido, mas às escuras, no qual eu tateava para encontrar o interruptor. E com meus beijos eu também procurava retardar o momento que me prenderia a ela, ou deixaria de prender. Mas acredito que Hella julgasse que o constrangimento indefinido entre nós era por sua causa e todo por sua culpa. Lembrava-se de que eu lhe escrevera cada vez menos, quando

estivera fora. Na Espanha, até a proximidade do final de sua estadia, isso provavelmente não lhe causara preocupação e até ela própria chegar a uma decisão, não receara que também eu poderia ter chegado a outra, oposta à sua. Talvez houvesse demorado demais para decidir.

De natureza franca e impaciente, ela sofria quando as coisas não estavam bem esclarecidas, mas ainda assim forçou-se a esperar alguma palavra ou sinal meu e mantinha firmes nas mãos as rédeas de seu grande desejo.

Eu queria forçá-la a soltar as rédeas. Sem saber por que, eu não conseguiria falar até que a possuísse novamente. Eu esperava poder queimar, por intermédio de Hella, a imagem que

possuía de Giovanni e a realidade de seu contato, contando expulsar o fogo com fogo. Ainda assim, a percepção do que fazia criava pensamentos duplos em mim e finalmente ela perguntou sorrindo:

— Fiquei fora tempo demais?

— Não sei. Foi muito tempo.

— E de solidão — disse ela, sem que eu o esperasse. Afastou-se um pouco de mim, deitada de lado e olhando para a janela. — Eu me senti tão sem objetivo... Era como uma bola de tênis, pulando de um para outro lado. Comecei a imaginar onde ia bater no chão. Comecei a achar que, de algum modo, perdera a barca...

Olhou para mim e explicou: — Você sabe de que barca estou falando. Eles fazem filmes sobre ela, lá em minha

terra. É a barca que quem perde chama de barca, mas quando chega é navio...

Observei-lhe o rosto. Estava mais tranquilo do que eu já pudera perceber, em qualquer ocasião anterior.

— Você, então, não gostou da Espanha? — perguntei, nervosamente.

Ela passou a mão pelo cabelo, em gesto de impaciência.

— Ora, é claro que gostei da Espanha. Por que não haveria de gostar? É um país muito bonito. Mas eu não sabia o que estava fazendo por lá e comecei a me cansar de me encontrar neste ou naquele lugar, sem motivo determinado.

Acendi um cigarro e sorri.

— Você foi para lá a fim de se afastar de mim, recorda-se?

Ela sorriu e esfregou meu rosto.

— Não fui muito boazinha para você, fui?

— Foi muito sincera — respondi e me levantei, afastando-me um pouco. — Você pensou bastante, Hella?

— Já lhe disse, em minha carta. Você *esqueceu?*

Por um instante pareceu que tudo parara e até os ruídos distantes, vindos da rua, cessaram por completo. Eu me encontrava de costas para ela, mas podia sentir a expressão de seu olhar e notava que ela estava esperando — tudo parecia à espera.

— Não fiquei muito certo a respeito de sua carta — respondi, e estava pensando: *Talvez consiga sair disto sem*

ter de contar-lhe coisa alguma. — Você foi um pouco... espontânea e eu não podia ter certeza de que estivesse satisfeita ou lamentando por unir-se a mim.

— Oh! — retrucou ela. — Mas sempre fomos espontâneos e era o único modo pelo qual eu o conseguiria dizer. Tinha medo de causar-lhe embaraço... Você não compreendeu isso?

O que eu desejava sugerir era que ela estava a tirar-me do desespero, menos por me desejar do que por eu estar presente. Mas não podia dizer isso e percebi que, embora pudesse ser verdade, ela não mais sabia disso.

— Mas, talvez — disse ela, medindo as palavras, cautelosamente — você pense de outro modo agora. Por

favor, diga se é assim.

Esperou algum tempo por minha resposta e depois acrescentou:

— Você sabe? Na verdade, eu não sou a moça emancipada que procuro ser, de modo algum. Acho que apenas desejo um homem que venha para casa e para mim, todas as noites. Quero poder dormir com um homem sem o receio de que ele me acerte. Com os diabos, eu quero que me acertem! Quero ter filhos e de certo modo só presto é para isso mesmo.

Seguiu-se outro silêncio e ela indagou:

— É isso o que você quer?

— Sim — respondi. — É o que sempre desejei.

Voltei-me para ela, muito depressa,

ou como se mãos fortes em meus ombros me levassem a fazê-lo. O quarto escurecia e ela estava deitada na cama, observando-me, a boca entreaberta e os olhos brilhando. Assaltou-me a mais viva noção de seu corpo e do meu. Andei para lá e pus a cabeça em seu peito. Queria ficar ali escondido e quieto, mas lá no fundo senti que ela se movia, que corria a abrir as portas de sua cidade forte e amurada para deixar entrar um rei glorioso.

Caro pai — escrevi —, não vou mais guardar segredos. Conheci uma moça e desejo casar-me com ela e o caso é que não estava fazendo segredo, mas não sabia se ela queria casar-se comigo. Agora, porém, ela concordou em arriscar-se, a pobrezinha desmiolada, e estamos

pensando em fazê-lo aqui na França e voltar para casa em etapas descansadas. Ela não é francesa, é bom dizer (sei que você não desgosta dos franceses, mas acha que não possuem as nossas virtudes e posso acrescentar que não têm mesmo). Seja como for, Hella — chama-se Hella Lincoln, é de Minneapolis, pai e mãe ainda moram lá, ele é advogado de uma companhia e ela dona de casa — gostaria que fizéssemos a lua-de-mel aqui, não sendo preciso dizer que o gosto dela tem meu apoio. E agora, quer fazer o favor de mandar ao querido filho algum dinheiro dele, que tanto trabalhou para ganhar? Tout de suite, sim? É a expressão francesa para dizer — agora mesmo!

Hella — o retrato que mando não é dos melhores — veio para a França há

uns dois anos, a fim de estudar pintura. Mais tarde descobriu que não era pintora e mais ou menos quando pensava em jogar-se ao rio Sena nós nos conhecemos e o resto, como se diz, faz parte da história universal. Sei que vai gostar muito dela, papai, e ela de você. Já fez de mim um homem muito feliz.

Hella e Giovanni encontraram-se por acidente, três dias após seu regresso a Paris. Durante esses três dias eu não o vi, nem falara a seu respeito com ela.

Perambulávamos pela cidade o dia todo e nessa ocasião Hella discorria sobre um assunto que eu nunca vira merecer tanta atenção de sua parte: as mulheres. Ela dizia que era muito difícil

ser mulher.

— Não vejo por que seja tão difícil assim. Pelo menos, não será difícil quando ela tem um homem.

— Pois é isso mesmo! — retrucou. — Já não lhe ocorreu que se trata de um tipo de necessidade humilhante?

Ora, por favor! Nunca pareceu humilhar qualquer das mulheres que conheci.

— Bem, com certeza, você nunca pensou em qualquer uma delas desse modo.

— É certo que não. E espero que também elas não tenham pensado. E por que *você* pensa? Qual é a *sua* queixa?

— Não tenho uma *queixa* — respondeu Hella, cantarolando baixinho alguma melodia mozartina e alegre. — Não tenho queixa alguma. Mas parece... Bem, um tanto difícil... estar à mercê de algum estranho grosso e barbudo, antes de se poder ser quem realmente somos.

— Não sei se vou poder gostar *disso* — observei. — Desde quando eu sou grosso? Ou um estranho? Pode ser que esteja precisando fazer a barba, mas a culpa disso é *sua*, pois não me deixa arredar um só momento — disse sorrindo e a beijei.

— Bem, você pode não ser um estranho *agora*. Mas já foi antes e tenho a certeza de que voltará a ser... muitas vezes.

— Se chegarmos a esse ponto — retruquei — você também será para mim.

Ela encarou-me com um sorriso rápido e animado.

— Será?

E logo em seguida:

— Mas o que quero dizer a respeito de ser mulher é que podíamos casar-nos agora e permanecer casados cinquenta anos e eu poderia ser uma estranha para você a cada momento de todo esse tempo, sem que você soubesse.

— Mas se o estranho fosse eu, *você* saberia?

— Para uma mulher — respondeu — acho que o homem é sempre um estranho. E há alguma coisa muito ruim

em estar à mercê de estranhos.

— Mas os homens também estão à mercê das mulheres! Ainda não pensou nisso?

— Ah! — exclamou. — Os homens podem estar à mercê das mulheres. Acho que os homens gostam dessa ideia, porque agrada ao que têm de misóginos. Mas se um determinado *homem* estiver à mercê de uma determinada *mulher*, ora! Nesse caso, ele deixou de ser homem. E a coitada, numa situação assim está ainda mais presa do que nunca.

— Você quer dizer que não posso estar à sua mercê? Mas que você pode estar à minha? — perguntei com uma risada. — Gostaria de ver você à mercê

de alguém, Hella.

— Pode rir! — respondeu com bom humor. — Mas existe alguma coisa no que eu digo. Comecei a compreender quando estava na Espanha. Comecei a ver que não era livre, que não seria livre enquanto não me ligasse... Não, ligasse não! Enquanto não me *achasse presa* a alguém.

— A alguém, ou a alguma coisa?

Ela guardou silêncio por momentos e finalmente respondeu.

— Não sei, mas começo a crer que as mulheres se prendem a alguma *coisa* mais por desistência. Elas desistiriam a qualquer momento, se pudessem, por um homem. Está claro que não podem reconhecer isso e tampouco a

maioria pode dar o que tem. Mas acho que isso as aniquila... Talvez eu queira apenas dizer — acrescentou, depois de ligeira hesitação — que teria aniquilado a *mim*.

— O que você quer, Hella? O que tem agora, que faça tanta diferença assim?

Ela riu.

— Não é o que eu *tenha*. Nem mesmo, é o que eu *queira*. É que *você* me tem *a mim*. Por isso eu posso, agora, ser sua serva obediente e adoradora.

Senti frio e sacudi a cabeça, fingindo estar confuso.

— Não sei do que está falando.

— Ora! Falo de minha vida. Tenho você para cuidar, dar de comer, atormentar, tapear e amar... Tenho você

para aturar. A partir de agora, posso divertir-me à grande, queixando-me de ser mulher. Mas não vou ficar apavorada por *não ser* mulher!

Olhou para mim e riu.

— Oh, estarei fazendo outras *coisas* — disse bem alto. —- Não vou parar de ser inteligente, de ler e discutir e pensar e tudo o mais. E farei questão de pensar pela *minha* cabeça! E você ficará satisfeito, porque com certeza a confusão resultante disso vai levá-lo a ver que, afinal de contas, tenho apenas a mente limitada de uma mulher. E se Deus for bom, você me amará cada vez mais e seremos muito felizes.

Riu de novo e acrescentou:

— Não dê tratos à bola sobre o que lhe digo, meu anjo. Deixe isso

comigo.

Seu divertimento era contagioso e balancei de novo a cabeça, rindo com ela.

— Você é adorável — afirmei. — Não a compreendo, de jeito nenhum.

Hella riu outra vez.

— Isso! Assim mesmo. Estamos marchando para a coisa, como dois patinhos para a lagoa.

Passávamos por uma livraria e ela parou.

— Podemos entrar por um instante? — perguntou. — Há um livro que desejo comprar. Livro bem trivial — aduziu, enquanto entrávamos na loja.

Observei-a, divertido, enquanto ela foi falar com a mulher que dirigia a loja e passei a andar despreocupadamente

ao longo da prateleira mais distante, onde havia um homem, de costas para mim, folheando uma revista. Quando cheguei a seu lado ele fechou a revista e a depositou na prateleira, voltando-se para mim. Reconhecemo-nos no mesmo instante. Era Jacques.

— *Tiens!* — gritou ele. — Está aqui! Começávamos a pensar que voltara para a América.

— Eu? — retruquei rindo. — Nada disso. Ainda estou em Paris. É que tenho estado ocupado...

E em seguida, tomado por desconfiança terrível, indaguei:

— "Começávamos?" *Quem* começava?

— Ora, ora! — respondeu

Jacques, com sorriso duro e insistente. — o seu nenê. Parece que você o deixou sozinho naquele quarto, sem comida, sem dinheiro e até sem cigarros. Ele finalmente persuadiu a *concierge* a deixá-lo telefonar e falou comigo. O pobre rapaz estava como se houvesse posto a cabeça no forno de gás. Isso — acrescentou rindo — *se* tivesse algum fogão de gás.

Encaramo-nos e ele, deliberadamente, não disse coisa alguma. Eu não sabia o que dizer.

— Pus alguns mantimentos no carro — prosseguiu ele, então — e fui às pressas acudi-lo. Ele achava que devíamos vasculhar o rio à sua procura, mas eu lhe asseverei que não conhecia os americanos tanto quanto eu e que você não se afogara. Tinha apenas desaparecido

para... poder pensar. E já vi que tinha razão. Você pensou tanto, que deve agora descobrir o que outros já pensaram, antes de você. Um livro — disse afinal — que certamente não precisa ler é o do Marquês de Sade.

— Onde está Giovanni agora? — perguntei.

— Eu finalmente lembrei o nome do hotel de Hella — disse Jacques. — Giovanni disse que você estava mais ou menos à espera dela, de modo que lhe dei a grande ideia de telefonar para lá à sua procura. Ele acaba de sair para fazer exatamente isso mesmo, telefonar-lhe. E voltará daqui a pouco.

Hella já regressava, trazendo o livro.

— Vocês dois já foram apresentados antes — disse eu, embaraçado. — Hella, você se lembra de Jacques.

Ela se lembrava e também do fato de que não gostava dele. Sorriu educadamente e estendeu a mão.

— Como está passando?

— *Je suis ravi, mademoiselle*[{40}] — *disse Jacques.*

Sabia que ela não gostava dele e isso lhe causava divertimento. E para corroborar o desagrado dela e também porque, naquele momento, sentia ódio por mim, ele se curvou bastante sobre a mão estendida e se tornou, num instante, afrontosa e ofensivamente afeminado. Observei-o como se estivesse assistindo a

um desastre iminente, vindo de grande distância e Jacques se voltou para mim, em tom de brincadeira.

— David tem-se escondido de nós — disse em murmúrio — agora que a srta. voltou.

— Oh? — disse Hella e veio para junto de mim, segurando minha mão. — Foi muito feio, da parte dele. Eu não teria deixado que fizesse uma coisa dessas, se soubesse que estávamos escondidos...

Riu e acrescentou:

— Mas David nunca me conta coisa alguma.

— Certamente — disse Jacques, encarando-a — ele encontra assuntos mais fascinantes, quando os dois estão juntos, do que o motivo pelo qual se esconde dos

velhos amigos.

Senti uma grande necessidade de sair dali antes de Giovanni regressar.

— Ainda não jantamos — disse então, procurando sorrir. — Talvez possamos nos encontrar mais tarde, então?

Eu sabia que meu sorriso suplicava a Jacques para que fosse bondoso comigo. Mas naquele exato instante a pequena campainha que anunciava a entrada de qualquer pessoa vibrou, e Jacques disse:

— Ah, aí vem Giovanni.

E realmente pude sentir que Giovanni estava atrás de mim, imóvel e em pé, olhando fixamente e senti na mão de Hella, em todo seu corpo, uma espécie de encolhimento, ao mesmo tempo em que nem toda sua compostura conseguiu

impedir que isso surgisse em seu rosto. Quando Giovanni falou, sua voz estava carregada de fúria, alívio e lágrimas guardadas.

— Onde tem estado? — gritou. — Pensei que estava morto. Pensei que tivesse sido apanhado por um carro, ou atirado ao rio! O que tem feito todos estes dias?

Por estranho que parecesse, consegui sorrir e eu próprio fiquei atônito com minha calma.

— Giovanni — disse então —, quero apresentar minha noiva, *Mlle*. Hella. *Monsieur* Giovanni.

Ele já a vira antes de terminar sua explosão de sentimentos e agora dava-lhe a mão com uma polidez quieta e

espantada, e olhava para ela com seus olhos negros e firmes, como se nunca houvesse visto antes uma mulher.

— *Enchanté*, *mademoiselle* — disse então e sua voz era morta e fria.

Olhou rapidamente para mim e depois voltou para ela e, por um instante, ficamos os quatro ali parados e silenciosos, como se estivéssemos posando para um pintor.

— Na verdade — disse Jacques —, agora que estamos todos juntos, acho que devemos beber alguma coisa. Será bem rápido — disse para Hella, atalhando-lhe a tentativa de recusa polida e segurando-a pelo braço. — Não é todos os dias que velhos amigos se reúnem — disse em seguida.

Obrigou-nos a andar, ele e Hella juntos, Giovanni e eu à frente. A campainha da porta tilintou raivosamente quando Giovanni a abriu e o ar da noite atingiu-nos como um tufão. Começamos a andar no sentido contrário ao do rio, rumando para o bulevar.

— Quando resolvo deixar um lugar — disse Giovanni — falo com a *concierge*, de modo que ela saiba, ao menos, para onde enviar minhas cartas.

Tive um impulso curto e infeliz de raiva. Já observara que ele estava barbeado e de camisa branca e limpa, com gravata — que com certeza pertencia a Jacques.

— Não vejo o que tenha para se queixar — retorqui.

— Você sabia muito bem para onde ir.

Mas ao olhar que ele me lançou, minha raiva sumiu e fiquei com vontade de chorar.

— Você não é bom — disse ele então. — *Tu n'est pas chic du tout*.

Depois disso não falou mais e caminhamos em silêncio para o bulevar. Atrás de nós, eu ouvia o murmúrio da voz de Jacques e na esquina paramos e esperamos por eles.

— Querido — disse-me Hella quando nos reunimos - você fica e bebe se quiser, mas eu não posso. Realmente não posso, porque não me sinto bem.

Voltou-se para Giovanni e pediu:

— Por favor, desculpe-me, mas

acabo de voltar da Espanha e quase nem me sentei ainda, desde que saltei do trem. Em outra ocasião, com certeza, mas *preciso* dormir mais esta noite.

Sorria e estendeu-lhe a mão, mas parecia que Giovanni não via isso.

— Levarei Hella até a casa dela — disse eu — e depois voltarei se vocês disserem onde vão estar.

Giovanni deu uma risada repentina.

— Ora, vamos estar no quarteirão. Não seremos difíceis de encontrar — disse.

— Sinto muito — disse Jacques a Hella — que não esteja passando bem. Um outro dia, talvez...

Inclinou-se sobre a mão de Hella, que continuava estendida com hesitação e

beijou-a pela segunda vez. Depois disso, empertigou-se e olhou para mim.

— Deve levar Hella para jantar em minha casa uma noite destas — disse então, fazendo carranca. — Não há necessidade de esconder sua noiva de nós.

— Necessidade nenhuma — disse Giovanni. — Ela é muito encantadora e nós — aduziu com um sorriso, falando com ela — tentaremos ser encantadores também.

— Pois bem — disse eu, tomando Hella pelo braço —, até mais tarde.

— Se eu não estiver aqui — disse Giovanni, ao mesmo tempo vingativo e próximo às lágrimas — quando você voltar, estarei em casa. Lembra-se de

onde é? Fica perto de um jardim zoológico.

— Eu lembro — respondi e comecei a recuar, como se estivesse saindo de uma jaula. — Até logo. *A tout à l'heure*, - *À la prochaine — disse ele*.

Senti que eles nos olhavam enquanto seguíamos e por bastante tempo Hella guardou silêncio — talvez porque, como eu, tivesse medo de dizer alguma coisa. Depois disso, comentou:

— Não posso mesmo suportar aquele homem. Ele me faz sentir mal!

E depois de um momento:

— Eu não sabia que você esteve tanto com ele enquanto eu viajava.

— E não estive — respondi.

Para fazer alguma coisa com as

mãos, para dar a mim próprio um instante de recolhimento, parei e acendi um cigarro. Sabia que ela me observava, mas Hella não estava desconfiada, apenas perturbada.

— E quem é Giovanni — perguntou, quando voltamos a andar e deu uma risada curta. — Acabo de ver que nem sequer perguntei onde você está morando. É com ele?

— Temos partilhado um quarto de empregada, nos confins de Paris.

— Nesse caso, não foi muito bonito de sua parte, sair por tanto tempo sem avisá-lo.

— Ora, meu Deus! — retruquei. — Ele é apenas meu companheiro de quarto. Como podia saber que ele queria

vasculhar o rio, só porque fiquei fora de lá duas noites?

— Jacques disse que você o deixou sem dinheiro, cigarros ou coisa alguma e nem sequer avisou que ia estar em minha companhia.

— Há muitas coisas que não contei a Giovanni. Mas ele nunca fez antes uma cena como a de agora. Acho que deve estar embriagado. Mais tarde falarei com ele.

— Você vai voltar mais tarde para lá?

— Bem — respondi —, se não voltar depois, irei até o quarto. Aliás, tenho pretendido fazer isso. Preciso barbear-me — expliquei, sorrindo.

Hella suspirou.

— Eu não queria fazer seus amigos ficarem com raiva de você — disse então. — Você devia voltar e beber com eles. Chegou a dizer que ia fazê-lo.

— Pode ser que sim, ou que não. Não estou casado com eles, você sabe.

— Bem, o fato de que vá casar-se *comigo* não significa que tenha de faltar à palavra com seus amigos. Nem sequer significa — acrescentou — que eu *tenha* de gostar deles.

— Hella, eu compreendo isso perfeitamente — retruquei.

Saímos do bulevar, seguindo em direção ao seu hotel.

— Ele é muito agitado, não é? — perguntou-me então, enquanto eu olhava o

vulto escuro do Senado, no final de nossa rua escura e de ligeiro aclive.

— Quem é agitado?

— Giovanni. E não há dúvida de que gosta muito de você.

— Ele é italiano e os italianos são muito teatrais.

— Bem, esse que acabei de ver — disse ela, rindo — deve ser alguma coisa de especial, em matéria de teatralidade, até mesmo na Itália! Há quanto tempo você mora com ele?

— Dois meses — respondi, jogando fora o cigarro. — Meu dinheiro acabou enquanto você estava fora. Você sabe que continuo esperando dinheiro. Por isso mudei-me para morar com ele, porque era mais barato. Naquela ocasião

ele tinha um emprego e morava com a amante a maior parte do tempo.

— Ah! — disse ela. — Ele tem uma amante?

— Teve — respondi. — Também teve um emprego. Perdeu os dois.

— Coitado! Não admira que pareça tão desesperado. —- Ele se arrumará — afirmei com brevidade. Estávamos em frente à porta do hotel e ela apertou a campainha noturna.

— Ele é muito amigo de Jacques? — perguntou então.

— Talvez não o suficiente para agradar Jacques — respondi.

Hella riu.

— Sempre sinto um vento frio

quando me encontro na presença de um homem que tem tanto desagrado pelas mulheres quanto Jacques.

— Bem, nesse caso, trataremos de mantê-lo afastado de você. Não queremos ventos frios soprando nesta pequena...

Beijei-a na ponta do nariz e naquele mesmo momento ouvimos um ruído lá dentro do hotel e a porta abriu-se com estremecimento pequeno e violento. Hella olhou para a escuridão, cheia de bom humor.

— Todas as vezes em que estou aqui — comentou — fico pensando se tenho coragem bastante para entrar...

Olhou para mim e perguntou:

— Bem, quer tomar alguma coisa lá em cima antes de voltar para seus

amigos?

— Claro! — respondi.

Entramos no hotel, pisando nas pontas dos dedos e fechando a porta de leve. Com os dedos, encontrei finalmente a *minuterie* e sua luzinha amarelada nos iluminou. Uma voz, inteiramente ininteligível, gritou para nós e Hella respondeu com outro grito, dizendo seu nome e procurando pronunciá-lo com sotaque francês. Quando começávamos a subir as escadas, a luz se apagou e Hella e eu começamos a rir como duas crianças. Não conseguíamos encontrar o pequenino interruptor em qualquer dos pavimentos e não sei por que motivo achamos isso tão divertido, mas ficamos a nos amparar mutuamente e a rir a bandeiras despregadas por todo o caminho até seu

quarto, no último andar.

— Fale-me a respeito de Giovanni — pediu ela muito tempo depois, quando estávamos deitados e eu observava a noite escura a brincar com suas cortinas brancas e engomadas. — Ele me interessa.

— Que coisa mais sem tato, dizer isso neste momento! — retorqui. — Que diabo quer dizer com isso, que ele a interessa?

— Bem, quero saber quem é ele, como pensa. E como arranjou aquele rosto.

— O que há com o rosto dele?

— Nada. É muitíssimo bonito, a bem da verdade. Mas há naquele rosto

uma coisa... tão antiga...

— Vá dormir — retruquei. — Você está falando sem nexo.

— Como foi que você o conheceu?

— Oh. Foi numa noite de bebedeira, num bar, no meio de muita gente.

— Jacques estava presente?

— Não me lembro. Sim, acho que estava. Acho que ele conheceu Giovanni na mesma ocasião.

— Por que você foi morar com ele?

— Já lhe disse. Estava sem dinheiro e ele tinha esse quarto...

— Mas não pode ter sido esse o *único* motivo!

— Ora, bem! — retruquei. — Gostei dele.

— E não gosta mais?

— Gosto muito de Giovanni. Você não o viu em bom estado hoje, mas ele é um sujeito muito bom.

Ri ao dizer isso e acobertado pela noite, fortalecido pelo corpo de Hella e pelo meu próprio, protegido pelo tom de minha voz, achei grande alívio em acrescentar:

— Eu o amo, de certo modo. É verdade.

— Ele parece achar que você tem um modo engraçado de demonstrar isso.

— Ora, ora! — retruquei. — Essa gente tem outro feitio, diferente do nosso. Eles são muito mais demonstrativos. Já eu não consigo fazer o mesmo.

— Sim — disse ela, em tom pensativo. — Eu notei.

— Notou o quê?

— Os rapazes daqui... Não vêem coisa alguma de errado no demonstrarem muita afeição um pelo outro. De começo, para nós, isso é como um choque. Depois a gente começa a achar que é mais ou menos bonito.

— E é bonito, mais ou menos!

— Bem — disse Hella —, acho que devemos levar Giovanni a um jantar, ou coisa parecida, num destes dias. Afinal

de contas, foi ele quem salvou você.

— É uma boa ideia. Não sei o que ele anda fazendo, mas suponho que tenha uma noite disponível.

— Ele anda muito em companhia de Jacques?

— Não... Penso que não. Deve ter encontrado Jacques esta noite, casualmente.

Fiz uma pausa e depois aduzi, cautelosamente:

— Estou começando a ver que os rapazes como Giovanni se encontram em posição bem difícil. Esta aqui não é a terra da oportunidade, você sabe e não há possibilidades para eles. Giovanni é pobre, quer dizer, vem de gente pobre e não há mesmo grande coisa que possa

fazer. E no que ele *sabe* fazer, a competição é tremenda. Além disso, ganha-se pouco e não basta para que eles possam pensar em construir qualquer futuro. É por isso que tantos ficam por aí, andando pelas ruas e se tornam gigolôs, *gangsters* e Deus sabe o que mais.

— Faz frio — disse ela — aqui no Velho Mundo.

— Eu acho que também faz frio no Novo — repliquei. — Faz frio em toda parte.

Hella riu.

— Mas nós... Nós temos nosso amor para nos aquecer.

— Não somos os primeiros que pensaram nisso enquanto estavam na cama — observei, mas permanecemos em

silêncio e tranquilos nos braços um do outro, por algum tempo. Finalmente eu comecei: — Hella?

— Sim?

— Hella, quando o dinheiro chegar, vamos apanhá-lo e sair de Paris.

— Sair de Paris? Para onde quer ir?

— Não me importa. Sair daqui, é tudo. Estou farto de Paris e quero sair por algum tempo. Vamos para o sul da França. Talvez haja algum sol por lá.

— Vamos casar-nos no sul?

— Hella... Você precisa acreditar em mim, quando digo que não posso fazer ou resolver coisa alguma. Nem sequer consigo enxergar direito, até poder sair

desta cidade. Não quero casar-me aqui e nem quero pensar nisso. Vamos embora!

— Não sabia que você se sentia assim — disse ela.

— Há meses que tenho morado no quarto de Giovanni — expliquei — e não consigo mais aguentar aquilo lá. Preciso sair de Paris. Por favor!

Ela riu nervosamente e afastou-se um pouco de mim.

— Bem, não vejo por que sair do quarto de Giovanni signifique sair de Paris.

— Por favor, Hella — insisti, suspirando. — Não tenho disposição para dar longas explicações agora. Talvez seja porque, se ficar em Paris, continuarei encontrando Giovanni e... — parei.

— E por que isso haveria de perturbar você?

— Bem... Não há coisa alguma que eu possa fazer para ajudá-lo e não aguento que ele fique olhando para mim como se... Eu sou americano, Hella e ele pensa que sou *rico!*

Fiz uma pausa e me sentei, olhando para fora do quarto. Ela me observava com atenção.

— Ele é um homem muito bom, como lhe disse, mas é muito persistente também... E tem essa *coisa* comigo, acha que eu sou Deus. E aquele quarto é tão fedorento e sujo! Logo chegará o inverno e vai fazer frio...

Voltei-me para ela outra vez, abraçando-a então.

— Escute! Vamos sair daqui. Eu lhe explicarei muitas coisas depois... Depois, quando sairmos.

Formou-se um prolongado silêncio.

— E você quer sair agora mesmo? — perguntou então.

— Sim. Assim que o dinheiro chegar, vamos alugar uma casa.

— Você tem certeza de que não está com vontade de voltar aos Estados Unidos?

— Não, não! — respondi com um gemido. — Não é isso!

Hella beijou-me e disse então:

— Não importa para onde vamos, desde que estejamos juntos.

Em seguida, empurrou-me para longe de si, dizendo:

— Está quase amanhecendo. É melhor dormirmos um pouco.

Cheguei bem tarde ao quarto de Giovanni, na noite seguinte. Eu estivera bebendo com Hella, na beira do rio e depois disso bebera demais, em diversos bistrôs. Quando entrei no quarto a luz se acendeu e Giovanni sentou-se na cama, gritando com pavor:

—*Qui est là? Qui est là?*[41]

Parei na porta e respondi, oscilando um pouco sobre as pernas:

— Sou eu, Giovanni. Cale-se!

Ele olhou para mim e depois voltou o rosto para a parede, desatando a chorar.

"Bom Jesus!" pensei e fechei cuidadosamente a porta.

Tirei os cigarros do bolso da jaqueta e pendurei-a na cadeira. Com cigarros na mão, fui até a cama e me debrucei sobre ele.

— Por favor, nenê, pare de chorar.

Giovanni voltou-se, olhando para mim. Seus olhos estavam vermelhos e úmidos, mas exibia um sorriso estranho, composto de crueldade, vergonha e prazer. Estendeu os braços e me abaixei, afastando o cabelo de seus olhos.

— Você está com cheiro de vinho — disse ele.

— Não bebi vinho algum. Foi isso o que assustou você? É por isso que está chorando?

— Não.

— O que houve então?

— Por que você me abandonou?

Eu não sabia o que dizer e Giovanni voltou-se novamente para a parede. Eu alimentara a esperança de que não sentiria coisa alguma, mas nesse momento percebi uma constrição no coração, como se alguém o houvesse tocado com o dedo.

— Nunca pude alcançar você — disse ele. — Na verdade, você nunca esteve aqui. Não acho que tenha mentido para mim, mas sei que nunca contou a verdade. Por quê? Havia vezes em que você ficava o dia todo e lia, ou abria a janela, ou cozinhava alguma coisa... Eu o vigiava e você nunca dizia coisa alguma...

Olhava para mim com a expressão de quem não estava enxergando. O dia todo, enquanto eu trabalhava, para fazer este quarto para você!

Faltava-me o que dizer e olhei além da cabeça de Giovanni, para as janelas quadradas que mantinham lá fora a luz fraca do luar.

— O que está fazendo todo o tempo? E por que não diz alguma coisa? Você é mau, sabe disso? Às vezes, quando sorria para mim, eu sentia ódio, queria esmurrá-lo. Queria tirar-lhe sangue! Você sorria para mim como sorria para todos e não conta outra coisa senão mentiras. O que está sempre escondendo? Acha que eu não sabia, que quando estava no amor comigo, não amava ninguém? *Ninguém!* Ou a todos, mas não *a mim*, com certeza.

Eu não sou nada para você, nada! E você me traz calor, mas não prazer!

Fiz um movimento, procurando um cigarro. O maço estava em minha mão. Acendi um, pensando que num momento ia dizer alguma coisa. Diria alguma coisa e sairia daquele quarto, para sempre.

— Você sabe que não posso viver sozinho. Eu já lhe falei. O que há? Jamais poderemos ter uma vida juntos?

Recomeçou a chorar, e vi que as lágrimas rolavam de seus olhos para o travesseiro sujo.

— Se não pode amar-me, eu morrerei. Antes de você vir, eu queria morrer. Já lhe contei muitas vezes. É cruel fazer-me querer viver, só para tornar minha morte mais sangrenta!

Eu queria, agora, dizer muitas coisas, mas quando abri a boca não consegui emitir som algum. E mesmo então não sei o que sentia por Giovanni. Não sentia coisa alguma por ele, só terror, piedade e um desejo sensual crescente.

Ele tirou o cigarro de meus lábios e o sugou com força, sentado na cama, tendo novamente o cabelo sobre os olhos.

— Eu nunca conheci alguém como você. Nunca estive assim, como agora, antes de você chegar. Escute! Na Itália eu tinha uma mulher e ela era muito boa para mim. Ela me amava, amava *a mim* e tomava conta de mim e estava sempre lá quando eu voltava do trabalho, dos vinhedos e nunca houve desentendimento entre nós, nunca! Eu era moço e não conhecia as coisas que aprendi depois, ou

as coisas terríveis que você me ensinou. Achava que todas as mulheres eram daquele jeito, que todos os homens eram como eu... Achava que eu era igual a todos os homens. Naquele tempo eu não era infeliz e não estava sozinho, porque ela se encontrava comigo e não queria morrer. Eu queria ficar para sempre em nossa aldeia e trabalhar nos vinhedos e beber o vinho que fazíamos e amar minha pequena. Já lhe falei de minha aldeia?... É muito antiga e fica no sul da Itália, num morro. À noite, quando andávamos pela muralha, o mundo parecia cair à nossa frente, o mundo distante e sujo. Eu nunca desejei vê-lo. Uma vez, nós nos amamos ao lado da muralha.

— Sim, eu queria ficar ali para sempre, e comer muito espaguete, beber

muito vinho e fazer muitos filhos e engordar. Você não teria gostado de mim, se eu ficasse lá. Posso imaginar você, daqui a muitos anos, passando por nossa aldeia no automóvel americano, feio e grandão, que com certeza teria comprado e olhando para mim e para todos nós e bebendo nosso vinho e cagando em cima da gente com esses sorrisos vazios que os americanos usam por toda parte, que *você* usa todo o tempo e depois saindo com grande ruído de motores e pneumáticos raspando o chão e dizendo a todos os outros americanos que deviam ir ver nossa aldeia, pois era *tão* pitoresca! E não fariam a menor ideia da vida ali, arrastando-se e explodindo, bela e terrível, assim como não faz ideia de minha vida agora. Mas acho que teria sido

mais feliz lá e não teria ligado para seus sorrisos. Teria a minha vida. Muitas noites fiquei aqui deitado, esperando que você voltasse para casa e pensando na distância enorme entre nós e minha aldeia e como é terrível estar nesta cidade fria, entre pessoas que detesto, onde faz frio e umidade e nunca se tem o calor e ar seco de lá, onde Giovanni não tem com quem conversar, ninguém para fazer-lhe companhia e onde achou um amante que não é homem, nem mulher, nada que eu possa conhecer e atingir. Você não sabe o que seja ficar acordado na cama, de noite, esperando que alguém volte para casa! Tenho certeza de que não sabe. Você não sabe de coisa nenhuma! Não conhece as coisas terríveis... É por isso que sorri e dança desse jeito, achando que a comédia

representada com a mocinha de cara redonda seja amor.

Deixou o cigarro cair no chão, onde ficou queimando de leve e recomeçou a chorar. Eu olhei para o quarto pensando: *Não aguento mais*.

— Deixei minha aldeia num dia horrível e belo. Jamais esquecerei esse dia. Foi o de minha morte... Que bom seria, se eu houvesse morrido então! Lembro-me de que o sol era forte e queimava-me a nuca enquanto eu seguia pela estrada, deixando a aldeia e a estrada subia, eu caminhava inclinado para a frente. Lembro-me de tudo, da poeira marrom a meus pés, as pedrinhas no chão, as árvores pequenas à beira da estrada e todas as casas e suas cores brilhando ao sol. Lembro-me de que chorava, mas não

como estou chorando agora. Era muito pior, mais terrível... Desde que estou com você, nem sequer consigo chorar como chorei nessa ocasião. Foi a primeira vez em minha vida que eu desejei morrer. Acabara de enterrar meu filho no cemitério da igreja, onde estavam meu pai e os pais de meu pai e deixara minha mulher gritando na casa de minha mãe. Sim, eu fizera um filho, mas ele nasceu morto. Estava todo cinzento e torcido quando o vi e não emitia som algum. Nós lhe demos palmadas, o molhamos com água benta e rezamos, mas não emitiu som algum, estava morto. Era um menino e teria sido um homem formidável e forte, talvez o tipo de homem que *você*, Jacques e Guillaume e toda sua turma nojenta de pederastas passam dias e noites

procurando e acalentando no sonho... Mas estava morto, era meu filho e eu o fizera, minha pequena e eu, e estava morto. Quando vi que não vivia, tirei nosso crucifixo da parede e cuspi nele e joguei-o ao chão. Minha mãe e minha pequena gritaram e eu saí dali. Nós o enterramos logo, no dia seguinte e então deixei minha aldeia e vim para esta cidade, onde certamente Deus me castigou por todos os meus pecados e por ter cuspido em Seu santo Filho e onde vou morrer, com toda certeza. Jamais poderei rever minha aldeia.

Levantei-me; a cabeça girava, a boca estava salgada. O quarto parecia oscilar, como acontecera na primeira vez em que ali estivera, muitos séculos antes. Atrás de mim, ouvi os gemidos de

Giovanni:

— *Cheri. Mon três cher.* Não me abandone. Por favor, não me abandone.

Voltei-me e segurei-o nos braços, olhando por cima de sua cabeça, para aquela parede onde estavam o homem e a mulher, andando no meio de rosas. Giovanni soluçava como se seu coração fosse partir-se, mas senti que era o meu que se rompera. Alguma coisa fora destruída dentro de mim, para que eu pudesse me tornar tão frio, tão inteiramente imóvel e distante.

Ainda assim, era preciso dizer alguma coisa.

— Giovanni... — disse então. — Giovanni...

Ele começou a serenar; estava

ouvindo e contra minha vontade percebi, mais uma vez, a astúcia dos desesperados.

— Giovanni, você sempre soube que, um dia, eu iria embora. Você sabia que minha noiva ia regressar a Paris.

— Você não está me abandonando por causa dela! Está me deixando por algum outro motivo. Mente tanto, que passou a crer em todas as suas próprias mentiras. Mas eu, *eu* vejo a verdade! Você não está me deixando por uma *mulher*. Se realmente estivesse apaixonado por essa meninazinha, não teria de ser tão cruel comigo.

— Ela não é uma meninazinha — repliquei. — É uma mulher e pense como quiser, mas eu a amo, sim...

— Você — gritou Giovanni,

sentando-se — não ama ninguém! Jamais amou e tenho a certeza de que nunca amará! Você ama sua pureza, seu espelho! É igual a uma virgenzinha, andando com as mãos a tapar a frente, como se tivesse algum metal precioso, ouro, prata, rubis ou até *diamantes* aí, entre as pernas! Você jamais o dará a pessoa alguma, jamais deixará que alguém o *toque*, homem *ou* mulher. Quer ficar *limpo!* Você acha que chegou aqui coberto de sabonete e que vai sair coberto de sabonete. E não quer *feder*, nem mesmo por cinco minutos!

Agarrou-me pelo colarinho, lutando e acariciando ao mesmo tempo, simultaneamente mole e férreo. Dos lábios escorria saliva, os olhos estavam marejados de lágrimas, mas os ossos do rosto apareciam e os músculos retesavam-

se nos braços e pescoço.

-— Você quer deixar Giovanni porque ele faz você cheirar mal. Quer desprezar Giovanni porque ele não tem medo do fedor do amor. Quer *matá-lo*, em nome de todas as suas pequeninas e hipócritas moralidades. E você... Você é *imoral*. Sem comparação é o homem mais imoral que conheci em minha vida. Olhe, *olhe* o que fez de mim! Acha que poderia ter conseguido isto se eu não o amasse? É *isto* o que deve fazer ao amor?

— Giovanni, pare! Pelo amor de Deus, *pare com isso!* Que posso fazer? Não tenho culpa do meu modo de sentir!

— E você *sabe* como se sente? Você *sente? O que* você sente?

— Nada, neste momento —

respondi. — Nada! Quero sair deste quarto, quero afastar-me de você, quero terminar esta cena horrível.

— Quer afastar-se de mim!

Dizendo isso ele riu, observando-me e a expressão em seus olhos era tão insondavelmente amarga que se tornava quase benevolente.

— Finalmente, está começando a ser sincero. E sabe por *que* você deseja se afastar de mim?

Dentro de mim, uma trava se fechou.

— Eu... Eu não posso ter uma vida com você — respondi.

— Mas pode ter com Hella. Com aquela meninazinha de cara redonda, que supõe virem os bebês de couves, ou

geladeiras... Não estou familiarizado com a mitologia de seu país. Você pode ter uma vida com Hella.

— Sim — respondi cansado —, posso ter uma vida com Hella.

Levantei-me, tremendo.

— E que tipo de vida — acrescentei — poderia ter neste quarto... neste quartinho imundo? Que tipo de vida podem dois homens ter juntos, afinal? Todo esse amor de que fala... não é apenas o que deseja, para sentir-se forte? Você quer sair e fazer o papel do grande trabalhador, que traz o dinheiro para casa e deseja que eu fique aqui lavando os pratos, fazendo a comida e limpando este cubículo miserável e que me deite em sua companhia à noite, seja sua *menina*. É o

que quer! É o que quer dizer e *só isso*, quando diz que me ama. Disse que eu quero matá-lo, *a você*. E que pensa ter feito comigo?

— Não estou querendo fazê-lo de menina. Se quisesse uma, eu *estaria* com uma menina.

— E por que não está? Não é exatamente isso o que receia? E então apanha *a mim*, por não ter coragem de apanhar uma mulher, como você *realmente* deseja?

Giovanni estava pálido.

— Você é quem está falando *do que* eu quero. Mas eu só falei *de quem* eu quero.

— Mas eu sou homem! — gritei.

— Um homem! Que pode *acontecer* entre nós?

— Você sabe muito bem — replicou ele, lentamente — o que pode acontecer entre nós. É por isso que está me deixando.

Levantou-se e foi até a janela, abrindo-a. Disse então:

— *Bon* — e desferiu um golpe no peitoril da janela, com o punho fechado. — *Se* eu pudesse fazer você ficar, eu o faria! — gritou. — Se fosse preciso bater-lhe, amarrá-lo, matá-lo de fome, *se* pudesse fazer você ficar, eu o faria!

Voltou-se para o quarto. O vento levantava e espalhava seu cabelo e ele sacudiu o indicador para mim, num gesto de brincadeira grotesca, dizendo então:

— Talvez, um dia, você deseje que eu o tivesse obrigado a ficar.

— Está fazendo frio — retruquei. — Feche a janela.

Giovanni sorriu.

— Agora que vai me deixar, quer as janelas fechadas... *Bien sûr*...

Fechou-a e ficamos a encarar-nos mutuamente, no centro do quarto.

— Não vamos discutir mais — disse então. — Discutir não fará você ficar comigo. Em francês temos o que se chama *une separation de corps*. Não é divórcio, entendeu? Apenas uma separação. Pois muito bem! Nós nos separaremos. Mas eu sei que seu lugar é comigo. Eu acredito... devo acreditar que você regressará.

— Giovanni — repliquei —, eu não vou voltar. Você sabe que não voltarei.

Ele rebateu o que eu dissera, fazendo com a mão um gesto negativo.

— Já disse que não vamos discutir mais. Os americanos não têm qualquer capacidade de perceber o destino. Não reconhecem o destino, mesmo estando à sua frente.

Tirou uma garrafa guardada embaixo da pia.

— Jacques deixou uma garrafa de conhaque aqui.

Vamos tomar um trago... para a viagem, como acredito que vocês digam algumas vezes.

Observei-o enquanto servia

cuidadosamente os dois copos e vi que ele tremia — com raiva, ou dor, ou ambos.

Estendeu-me um copo.

— *À la tienne* — disse então.

— *À la tienne*.

Bebemos e não consegui deixar de perguntar:

— Giovanni, o que vai fazer agora?

— Oh! — exclamou. — Eu tenho amigos. Pensarei no que vou fazer. Esta noite, por exemplo, jantarei com Jacques. Amanhã certamente jantarei com ele, também. Ficou muito meu amigo e acha que você é um monstro.

— Giovanni —- disse eu,

desalentado —, tenha cuidado. Por favor, tenha cuidado.

Brindou-me com um sorriso irônico.

— Obrigado — disse em seguida. — Mas você devia ter-me prevenido na noite em que nos conhecemos.

Foi a última vez que falamos um com o outro. Fiquei com ele até o amanhecer, e então pus minhas coisas numa sacola e levei-as comigo para o quarto de Hella.

Não conseguirei esquecer a última vez que ele olhou para mim. A luz da manhã enchia o quarto, fazendo-me recordar tantas outras e aquela em que estivera ali pela primeira vez. Giovanni estava sentado na cama, inteiramente nu, segurando um copo de conhaque com as

duas mãos. Seu corpo estava branquíssimo, o rosto molhado e cinzento. Eu me achava na porta, com a sacola, e tendo a mão na maçaneta olhei para ele. Depois desejei suplicar-lhe que me perdoasse, mas isso teria sido uma confissão grande demais e qualquer fraqueza naquele instante faria com que ficasse para sempre trancado naquele quarto, com ele. E, de certo modo, era exatamente o que eu queria. Senti um estremecimento percorrer o corpo, como o início de um terremoto e, por um instante, que estava a afogar-me em seus olhos. Seu corpo, que eu passara a conhecer tão bem, brilhava na luz, adensando e dando carga ao ar entre nós. Nisso, aconteceu alguma coisa em meu cérebro, abriu-se nele uma porta

silenciosa, assustando-me — não me ocorrera, até aquele momento, que ao fugir de seu corpo eu confirmava e perpetuava o poder do mesmo sobre mim. Agora, como se tivesse sido marcado a fogo, seu corpo estava impresso em minha mente e nos meus sonhos. E por todo aquele tempo ele não deixou de me olhar. Parecia achar meu rosto mais transparente do que uma vitrina. Não sorriu e não estava sério, vindicativo ou triste: estava parado. Esperava, suponho, que eu atravessasse aquele espaço e o retomasse nos braços — esperando, como alguém espera no leito de morte o milagre em que não nos atrevemos a descrer e que não acontecerá. Eu tinha de sair dali, porque meu rosto revelava coisas demais, a guerra em meu corpo estava a derrubar-

me. Meus pés recusaram-se a levar-me mais uma vez para ele. O vento de minha vida soprava, afastando-me dali.

— *Au revoir, Giovanni*.

— *Au revoir, mon cher.*

Voltei-me e abri a porta. A exalação de seu hálito pareceu sacudir meu cabelo e passar por minha testa como o próprio vento da loucura. Atravessei o corredor curto, esperando a cada momento ouvir sua voz a chamar, passei pelo vestíbulo, pela *loge* da *concierge* que ainda dormia e cheguei à rua iluminada pela manhã. A cada passo que dava, tornava-se mais impossível voltar. Tinha a mente vazia, ou era como se houvesse passado a ser um ferimento enorme e anestesiado. Meu único

pensamento era: *Um dia chorarei por isto. Um destes dias vou começar a chorar.*

Na esquina, numa pequena faixa onde incidia o sol matutino, examinei a carteira para contar meus passes de ônibus. Encontrei trezentos francos, apanhados com Hella, minha *carte d'identité* meu endereço nos Estados Unidos e papéis, papeizinhos, cartões, fotografias. Em cada pedacinho de papel havia um endereço, números de telefone, lembretes de diversos encontros marcados e atendidos — ou talvez esquecidos — de gente que conhecera e de quem me lembrara, ou talvez não me lembrasse, esperanças que possivelmente não se concretizaram. Era certo que não, pois nesse caso eu não estaria ali, naquela

esquina.

Encontrei quatro passes de ônibus na carteira e segui até a parada. Lá estava um policial, de capa azul com pesos na orla para ter caimento, tombada nas costas e o bastão branco brilhando. Ele olhou para mim e gritou sorridente.

— *Ça va?*

— *Oui, merci*. *Et vous?*

— *Toujours*. Belo dia, não?

— Sim — respondi, mas a voz tremia. — O outono está começando.

— *C'est ça* — retrucou e voltou a contemplar o bulevar. Alisei o cabelo com a mão, sentindo-me ridículo por estar abalado. Observei uma mulher que passava, vinda do mercado e trazendo

uma bolsa de malhas, lotada de coisas; por cima dos demais gêneros e em equilíbrio precário, havia um litro de vinho tinto. Ela não era jovem, mas seu rosto não tinha rugas e parecia despreocupado e corajoso, seu corpo era forte e robusto e as mãos eram fortes. O policial gritou-lhe alguma coisa e ela respondeu ao grito com outro, dizendo alguma coisa picante e bem-humorada. Ele riu, mas não voltou a olhar-me. Observei a mulher que seguia pela rua — dirigia-se para casa, imaginei; ia estar com o marido, vestido em roupa azul suja de trabalho, e os filhos. Passava agora pela esquina onde batia a faixa de luz do sol e cruzou a rua. Veio o ônibus e o policial e eu, únicos na parada, embarcamos no veículo. Ele se manteve

na plataforma, longe de mim. Também não era jovem, mas demonstrava uma boa disposição que eu admirava. Olhei pela janela, vendo as ruas passarem. Em épocas remotas, em outra cidade e noutro ônibus, eu estivera sentado às janelas, olhando para fora, inventando para cada rosto que visse passando rapidamente uma vida, um destino, no qual eu desempenhasse algum papel. Estava olhando para perceber algum sussurro, ou promessa, que representasse minha possível salvação. Mas pareceu que, naquela manhã, o meu eu antigo estivera sonhando o mais perigoso de todos os sonhos.

Os dias seguintes pareceram voar e a temperatura caiu muito, quase da noite para o dia. Aos milhares, os turistas

desapareceram da cidade, afugentados pelos horários. Quando se passeava pelos jardins, as folhas das árvores caíam na cabeça da gente, fazendo um murmúrio manso de suspiro e estalidos sob os pés. As pedras da cidade, que tinham sido luminosas e de cores variáveis, esmaeciam lentamente mas sem qualquer hesitação, tornando-se outra vez simples pedras cinzentas. Já se tornava bem patente que a pedra era uma coisa dura. A cada dia os pescadores mostravam-se menos numerosos na beira-rio, até que, certo dia, encontrei as margens desertas. Os corpos de rapazes e moças começavam a resguardar-se com roupas pesadas, agasalhos, suéteres e xales, chapéus e capas. Os homens velhos pareciam mais idosos, as velhas mais

vagarosas. Desbotavam-se as cores do rio, chegavam as chuvas e o rio começava a subir de nível. Tornava-se claro que logo o sol desistiria da luta tremenda aue travava para iluminar Paris algumas horas por dia.

— Mas estará quente no sul — dizia eu.

Chegara o dinheiro e Hella e eu estávamos ocupados todos os dias, procurando uma casa em Eze, em Cagnes-sur-mer,em Vence, em Monte Carlo, em Antibes ou em Grasse. Mal éramos vistos no quarteirão, pois ficávamos no quarto dela, amávamo-nos muito, íamos ao cinema e tínhamos jantares frequentes e bastante melancólicos em restaurantes estranhos na margem direita. É difícil dizer o que produzia essa melancolia, que

às vezes nos assaltava como a sombra de alguma gigantesca ave de rapina. Não creio que Hella fosse infeliz, pois nunca estivéramos tão juntos como durante esse tempo. Mas talvez pressentisse, de vez em quando, que meu agarramento era por demais insistente para merecer confiança e certamente era insistente demais para perdurar.

E às vezes, pelo quarteirão, eu via Giovanni. Tinha pavor a isso, não apenas por encontrá-lo quase sempre em companhia de Jacques, mas também porque seu aspecto não era bom, embora muitas vezes se achasse muito bem vestido. Eu não conseguia suportar alguma coisa abjeta e ruim que começava a perceber em seus olhos, e tampouco o modo pelo qual soltava risadinhas para as

piadas de Jacques, os maneirismos de pederasta que começava a afetar. Eu não queria saber que relações ele mantinha com Jacques, mas chegou o dia disso tornar-se bem claro, na expressão vingativa e triunfal com que o último me encarou. E Giovanni, durante esse encontro curto em meio ao bulevar e quando caía a noite, com muita gente andando às pressas ao redor, estava realmente muito atordoado e afeminado e muito alcoolizado. Era como se me obrigasse a provar a taça de sua humilhação e senti ódio dele, por esse motivo.

Vi-o novamente de manhã. Giovanni comprava um jornal e encarou-me com insolência, bem nos olhos e desviou o olhar. Observei-o enquanto se

afastava pelo bulevar e quando cheguei a casa contei a Hella o ocorrido, tentando rir.

Foi quando comecei a vê-lo no quarteirão, já sem a companhia de Jacques e com os rapazes da rua, que certa feita descrevera como *lamentables*. Não estava tão bem vestido e começava a parecer-se com um deles. Seu amigo preferido, em meio àquela gente, era o mesmo rapaz alto e bexigoso, chamado Yves, que eu recordava ter visto rapidamente na máquina de bolinhas e mais tarde conversando com Jacques, naquela primeira manhã em Les Halles. Certa noite, quando bastante alcoolizado e perambulando sozinho pelo quarteirão, encontrei esse rapaz e paguei-lhe uma bebida. Não fiz referência ao assunto, mas

Yves espontaneamente informou que Giovanni não estava mais em companhia de Jacques, mas parecia que ia conseguir seu antigo emprego no bar de Guillaume. Não transcorreu uma semana depois disso e Guillaume foi encontrado morto em seus aposentos sobre o bar, estrangulado com a cinta do *robe*.

5

Foi um escândalo terrível e quem esteve em Paris naquela época certamente ouviu falar no caso e viu o retrato publicado por todos os jornais, mostrando Giovanni logo após ser capturado. Escreveram-se artigos de fundo e pronunciaram-se discursos e muitos bares de tipo idêntico ao de Guillaume foram fechados. (Mas não permaneceram fechados por muito tempo.) Investigadores percorreram o quarteirão, pedindo os documentos de todos e os bares ficaram vazios de *tapettes*. Giovanni não era encontrado em lugar algum e todas as

indicações, sobressaindo seu desaparecimento, é claro, eram no sentido de que ele matara Guillaume. Um escândalo desse tipo sempre ameaça, até que cessem suas repercussões, abalar os próprios alicerces do Estado. É preciso encontrar uma explicação, uma solução e uma vítima, com a maior brevidade possível. A maioria dos suspeitos recolhidos por causa do crime não foi detida por suspeita de assassinato, mas por desconfiarem que tinha aquilo que os franceses, com delicadeza que suponho sardônica, chamam *les gouts particuliers*. Esses "gostos", que não constituem crime na França, ainda assim são encarados com extrema desaprovação pela maioria do povo, que também encara seus governantes e "superiores" com pétrea

falta de afeto. Quando o corpo de Guillaume foi encontrado, não apenas os rapazes da rua ficaram com medo; na verdade, eles ficaram muito menos assustados do que os homens que percorriam as ruas para comprá-los e cujas carreiras, posições, aspirações, jamais poderiam sobreviver a tamanha notoriedade. Pais de família, filhos de grandes casas e aventureiros inquietos de Belleville mostravam-se desesperadamente aflitos para que o caso fosse encerrado, de modo que as coisas pudessem voltar ao normal e o azorrague temível da moralidade pública não lhes caísse nas costas. Até o encerramento do caso, não podiam ter certeza do lado para o qual pular, se deviam gritar que eram mártires ou continuar sendo o que, na

verdade, realmente eram, cidadãos comuns, enraivecidos pela afronta e ansiosos por ver a justiça aplicada e preservada a saúde do Estado.

Havia uma feliz circunstância, por esse motivo, no fato de que Giovanni fosse estrangeiro. Como por algum acordo magnificamente subentendido, a cada dia que passava sem que ele fosse descoberto a imprensa se fazia mais vociferante contra ele e mais gentil para com Guillaume. Lembrava-se que com Guillaume desaparecia um dos mais antigos nomes da França. Os suplementos dominicais estavam cheios da história de sua família e sua idosa e aristocrática mãe, que não sobreviveu ao julgamento do assassinato, prestou seu testemunho quanto às egrégias qualidades do filho,

deplorando que fosse tamanha a corrupção na França, deixando que um crime assim ficasse tanto tempo sem castigo. O povo estava mais do que pronto a concordar com esse sentimento, é claro. Talvez não seja tão incrível quanto me pareceu, mas o nome de Guillaume ficou fantasticamente entremeado à história da França, à honra da França, à glória da França e quase se tornou, na verdade, um símbolo da virilidade francesa.

— Mas, escute! — eu dizia a Hella. — Ele não passava de um velho pederasta e nojento. É *tudo* quanto foi!

— Bem, como esperar que os leitores de jornal saibam? Se ele era *isso*, certamente não fazia publicidade do fato e deve ter agido em círculo bastante

limitado.

— Bem, *alguém* sabe. Alguns dos que estão escrevendo toda essa patacoada sabem.

— Não parece adiantar grande coisa — disse Hella, calmamente — difamar os mortos.

— Mas de nada adianta dizer a verdade?

— Eles estão contando a verdade. O homem foi membro de família muito importante e o assassinaram. *Eu sei* o que você quer dizer. Há uma outra verdade que não estão contando, mas os jornais nunca dizem a verdade. Não é para isso que eles servem.

— Pobre, pobre Giovanni! —

desabafei, com um suspiro.

— Você acha que foi ele?

— Não sei. *Parece* que sim. Estava lá na noite da morte, foi visto subindo antes de o bar fechar e ninguém se lembra de tê-lo visto descer.

— Estaria trabalhando lá, essa noite?

— Parece que não. Estava apenas bebendo. Ao que se entende, ele e Guillaume tornaram-se novamente amigos.

— Você fez algumas amizades bem estranhas, enquanto estive fora!

— Elas nada teriam de estranhas, se um deles não levasse a breca. De qualquer forma, nenhum deles era meu amigo, com exceção de Giovanni.

— Você morou com ele. Não sabe dizer se era homem capaz de matar outro, ou não?

— Como poderia saber? Você mora comigo. Sabe dizer se sou capaz de matar alguém?

— Você? Claro que não.

— Como pode dizer que não? Você não sabe! Como sabe que eu seja o que você vê?

— Porque — replicou, inclinando-se e beijando-me — eu o amo.

— Ah! Eu amava Giovanni...

— Não do modo como *eu* amo você — disse ela.

— Eu já podia ter assassinado

alguém, sem você saber. Como pode afirmar uma coisa assim?

— E por que está tão agitado?

— E *você* não ficaria agitada, se um amigo estivesse acusado de assassinato e escondido em algum lugar? O que quer dizer, perguntando por que estou tão agitado? Que devo fazer, entoar cantigas de Natal?

— Não grite. É que nunca percebi, antes, o quanto ele era importante para você.

— Era um bom homem — disse eu, finalmente. — Acho horrível saber que se encontra em dificuldades.

Ela veio para perto e pôs a mão, de leve, em meu braço.

— Vamos deixar esta cidade dentro em breve, David. Você não mais terá de pensar no assunto. Muita gente se mete em dificuldades, David, mas não fique como se essa coisa toda fosse por sua culpa. Não é culpa sua!

— *Eu sei* que não é por minha culpa!

Minha voz, no entanto, bem como a expressão de Hella, levaram-me a silenciar, espantado. Com pavor, percebi que estava à beira das lágrimas.

Giovanni esteve foragido quase uma semana. Enquanto eu olhava pela janela do quarto de Hella, vendo cada noite cair sobre Paris, pensava nele, que devia estar escondido em algum lugar, talvez debaixo de uma ponte, assustado e

com frio, sem saber para onde ir. Fiquei imaginando se encontrara amigos que o escondessem; era espantoso que em cidade tão bem policiada ele fosse difícil de encontrar. Havia ocasiões em que tinha medo de que estivesse a procurar-me, para suplicar ajuda ou então matar-me. Mas quando tal pensamento ocorria, eu achava que provavelmente Giovanni não se rebaixaria a pedir minha ajuda e com certeza julgava que, a essa altura, eu não valia o trabalho de matar. Procurei ajuda em Hella e tentei sepultar nela, todas as noites, meus sentimentos de culpa e pavor. A necessidade de fazer alguma coisa ardia em mim como febre e o único ato possível era o do amor.

Finalmente o apanharam, bem cedo pela manhã, numa barcaça amarrada na

margem do rio. As especulações jornalísticas já o haviam situado na Argentina, de modo que foi um grande choque descobrir que ele não fora além do Sena. Essa sua falta de "iniciativa" nada fez para melhorar sua situação junto à opinião pública. Ele, Giovanni, era um criminoso do tipo mais estúpido, um verdadeiro palerma; o roubo, por exemplo, fora insistentemente apresentado como motivo do crime, mas embora Giovanni tivesse apanhado todo o dinheiro que Guillaume tinha nos bolsos, nem sequer tocara na caixa registradora e não desconfiara, ao menos, que Guillaume guardara mais de cem mil francos noutra carteira, escondida no fundo do armário. O dinheiro que tirara de Guillaume fora encontrado em seu bolso, quando

apanhado e não o pudera gastar. Havia dois ou três dias que não comia e estava pálido e sem atrativos. Seu rosto podia ser visto em todas as bancas de jornais da cidade. Parecia jovem, espantado, apavorado, depravado, como se não pudesse acreditar que ele, Giovanni, chegara àquele ponto, que chegara àquilo e dali não passaria, terminando sua curta jornada numa guilhotina. Já parecia estar recuando e todo o seu corpo rebelando-se diante daquela visão congelada. E parecia, como acontecera tantas vezes, que estava procurando minha ajuda. Os jornais diziam ao mundo incapaz de perdoar como Giovanni se arrependera, pedira misericórdia aos gritos, implorara a Deus, chorando, dizendo que não quisera cometer o crime. E narravam

também, com detalhes requintados, *como* ele o cometera, mas não revelavam os motivos. O motivo era coisa pesada demais para que os jornais o revelassem, e profunda demais para que Giovanni o narrasse.

Posso ter sido o único homem em Paris que sabia que Giovanni não pretendera fazer aquilo e que podia compreender o motivo pelo qual o fizera, indo além dos detalhes impressos nos jornais. Lembrei-me outra vez da noite em que o encontrara em casa e ele me dissera como Guillaume o despedira. Ouvi novamente sua voz, vi a veemência de seu corpo, revi suas lágrimas. Eu conhecia suas bravatas e como gostava de sentir-se *debrouillard*, à altura de qualquer desafio e podia vê-lo entrando no bar de

Guillaume. Devia estar achando que, tendo-se entregado a Jacques, terminara seu aprendizado, terminara para ele o amor e podia fazer com Guillaume o que bem entendesse. Na verdade, podia fazer com Guillaume qualquer coisa, mas não podia deixar de ser Giovanni. Guillaume certamente sabia, pois Jacques não perdera tempo em dizer-lhe, que Giovanni não mais estava com *le jeune americain*, e talvez até Guillaume estivesse presente a uma ou duas festas dadas por Jacques, em companhia de sua própria comitiva e com certeza sabia, todo o seu círculo sabia, que a nova liberdade de Giovanni, seu estado de criatura sem amante, transformar-se-ia em licenciosidade, em escândalo — pois isso acontecera a todos eles. Deve ter sido uma grande noite para

o bar, quando Giovanni entrou ali sozinho.

A conversa era fácil de reconstituir.

— *Alors, tu es revenu?*[42] — isso seria dito por Guillaume, com olhar sedutor, sardônico e revelador.

Giovanni percebe que Guillaume não deseja ser relembrado de sua última explosão desastrosa, que quer ser amistoso. Naquele mesmo instante o rosto, a voz, as maneiras e o cheiro de Guillaume o atingem e vê-se frente a frente com ele e não a pensar no homem. O sorriso com que responde a Guillaume quase o faz vomitar. Mas Guillaume não vê isso, é claro, e oferece algo de beber a Giovanni.

— Achei que você podia estar precisando de um *barman* — diz

Giovanni.

— Mas você, procurando trabalho? Pensei que seu americano lhe trouxera um poço de petróleo do Texas!

— Não. Meu americano... — replica Giovanni, fazendo um gesto — voou, foi embora!

Riem ambos e Guillaume comenta:

— Os americanos sempre vão embora. Não são sérios.

— *C 'est vrai* — diz Giovanni.

Termina a bebida, olha para outro lado e parece tremendamente nervoso; talvez esteja, quase de modo inconsciente, assoviando. A essa altura Guillaume mal consegue desviar o olhar ou controlar suas mãos.

— Venha mais tarde, quando fechar o bar e falaremos sobre esse emprego — diz finalmente.

Giovanni faz sinal de assentimento e sai. Posso imaginá-lo, então, encontrando-se com alguns dos companheiros da rua, bebendo com eles e rindo alto, aumentando a coragem à medida que transcorrem as horas. Está ansioso por ouvir alguém recomendar que não volte para Guillaume, que não deixe Guillaume encostar-lhe a mão. Mas os amigos estão dizendo que Guillaume é muito rico, um bobalhão completo e quanto Giovanni poderá arrancar dele, se for esperto.

Nos bulevares não aparece uma só pessoa para lhe falar, para salvá-lo. Giovanni percebe que está morrendo.

Chega, então, a hora de voltar ao bar de Guillaume e ele caminha sozinho para lá. Fica algum tempo lá fora e quer voltar-se, sair dali correndo. Mas não tem para onde. Examina a rua comprida, escura e tortuosa, como se procurasse alguém. Não há pessoa alguma. Entra no bar, Guillaume o divisa e faz gesto discreto para que suba. Giovanni sobe as escadas, com pernas fracas e chega aos quartos de Guillaume, vê-se cercado pelas sedas, cores e perfumes de Guillaume e olhando para sua cama.

Nisto, entra Guillaume e Giovanni faz esforço para sorrir. Bebem alguma coisa e Guillaume se mostra precipitado, flácido e úmido e a cada toque de sua mão Giovanni se encolhe mais e mais, afastando-se furiosamente. Guillaume se

retira para mudar de roupa e volta com seu *robe* teatral. Quer que Giovanni se dispa...

Nesse momento, talvez, Giovanni compreende que não pode continuar aquilo, que sua vontade não o permitirá. Lembra-se do emprego e procura conversar, ser prático, razoável, mas é tarde demais, naturalmente. Guillaume parece cercá-lo como se fosse o próprio mar. E acredito que Giovanni, torturado até a proximidade da loucura, sinta-se cair, ser sobrepujado e Guillaume faz o que anseia. Acho que se isso não houvesse ocorrido, Giovanni não o teria assassinado.

E isso porque, tendo satisfeito seus desejos e enquanto Giovanni continua deitado e sufocado, Guillaume mais uma

vez se transforma em homem de negócios e, andando de um para outro lado, enumera excelentes motivos pelos quais Giovanni não mais pode trabalhar para ele. Sob qualquer dos motivos que ele inventa, o verdadeiro continua oculto e ambos, cada qual a seu modo, podem vê-lo de maneira um tanto difusa. Giovanni, como decaído astro cinematográfico, perdeu seu poder de atração para fregueses. Tudo é sabido a seu respeito e seu segredo foi descoberto. Giovanni certamente compreende isso e a fúria que se fermentou nele por muitos meses começa a crescer, agora, com a lembrança das mãos e da boca de Guillaume. Olha para Guillaume sem dizer coisa alguma, por algum tempo e depois começa a gritar. E Guillaume grita, também. A cada

palavra trocada, a cabeça de Giovanni começa a explodir e a treva se forma diante de seus olhos. Enquanto isso, Guillaume está no sétimo céu e começa a dar pulos de satisfação no quarto, pois foram poucas as vezes em que conseguiu tanto, em troca de tão pouco. Ele desempenha seu papel na cena até o fundo, rejubilando-se profundamente pelo fato de que o rosto de Giovanni fica rubro e sua voz enrouquece e observa com puro deleite os músculos transformados em cordas retesadas em seu pescoço. E Guillaume diz alguma coisa, pois pensa que a situação mudou; diz alguma coisa, uma frase, um insulto, uma zombaria somente, mas que ultrapassa as medidas. E numa fração de segundo, em seu próprio silêncio de choque, nos olhos de

Giovanni, compreende ter desencadeado alguma coisa que não mais pode deter.

Giovanni certamente não pretendeu fazer isso, matar Guillaume. Mas agarrou-o, bateu-lhe. E com esse contato e a cada golpe, o peso intolerável em seu coração começou a diminuir — chegara a vez de Giovanni deliciar-se. O quarto estava revirado, os tecidos rasgados, e era forte o odor de perfume. Guillaume lutou por sair do quarto, mas Giovanni o seguia para todos os lados e chegara a vez de Guillaume estar cercado. E talvez no próprio instante em que Guillaume pensou ter-se libertado, quando chegou à porta, talvez, Giovanni mergulhou em sua direção e o apanhou pelo cinto do *robe*, passando-o em volta de seu pescoço. Depois disso simplesmente apertou,

soluçando, tornando-se a cada instante mais leve enquanto Guillaume se fazia mais pesado, apertando o cinto e amaldiçoando. E Guillaume caiu e Giovanni caiu — de volta ao quarto, para as ruas, para o mundo, para a presença e a sombra da morte.

À altura em que encontramos este casarão, já se tornara claro que eu não tinha direito algum a estar aqui. Quando o descobrimos, eu nem sequer desejara vê-lo. Mas, também, nessa ocasião nada mais havia para fazer. Não existia coisa alguma que eu desejasse fazer. Pensei, é verdade, que devia ficar em Paris a fim de acompanhar de perto o julgamento e talvez visitar Giovanni na prisão. Mas sabia não haver qualquer motivo para

isso. Jacques, que se mantinha em constante comunicação com o advogado de Giovanni e comigo, estivera uma vez em visita a ele e disse o que eu já sabia: nada havia que eu, ou qualquer outra pessoa, pudesse fazer em seu favor.

Talvez ele quisesse morrer. Confessou-se culpado, dando por motivo do crime o roubo. As circunstâncias em que Guillaume o despedira encontraram grande divulgação na imprensa. Pelos jornais, tinha-se a impressão de que Guillaume fora um filantropo generoso, talvez um tanto excêntrico, que cometera a falta de tornar-se amigo daquele aventureiro empedernido e ingrato, Giovanni. Depois disso o caso desapareceu das manchetes e Giovanni foi levado à prisão para aguardar julgamento.

Foi quando Hella e eu viemos para cá. Posso ter achado — e certamente achei, de começo — que embora nada mais fosse possível fazer por Giovanni, talvez eu conseguisse fazer alguma coisa por Hella. Devo ter contado que houvesse algo que Hella pudesse fazer por mim e isso talvez fora possível, se os dias não se arrastassem como dias na prisão, para mim. Eu não conseguia tirar Giovanni do pensamento, encontrava-me à mercê dos boletins que chegavam, esporadicamente, de Jacques. Tudo de quanto me recordo no outono é esperar que Giovanni fosse julgado. E finalmente isso aconteceu; declarado culpado, impuseram-lhe a pena de morte. Por todo o inverno eu contei os dias, e teve início o pesadelo desta casa.

Muita coisa já foi escrita a

respeito de amor que se transforma em ódio, do coração que esfria com a morte do amor. Trata-se de processo notável, muito mais terrível do que qualquer coisa que eu tenha lido a respeito, mais terrível do que tudo quanto possa dizer.

Já agora não sei quando é que olhei para Hella pela primeira vez e a achei sem graça, seu corpo desinteressante, sua presença irritante. Pareceu ocorrer tudo de repente e suponho que estivera acontecendo por bastante tempo. Eu o atribuo a coisa tão efêmera quanto a ponta de seu seio tocando meu braço enquanto ela se inclinava para servir meu jantar. Senti que o contato me fizera recuar. Suas roupas íntimas, penduradas a secar no banheiro e das quais eu muitas vezes pensara que

deviam ter um odor improvavelmente doce, e que eram lavadas com frequência demasiada, começavam agora a tornar-se feias e sem limpeza. Um corpo que precisava estar coberto por coisas tão idiotas e fingidas começava a parecer grotesco. Às vezes eu observava seu corpo nu movendo-se e desejava que fosse mais duro e firme. Sentia-me tremendamente intimidado por seus seios, e quando entrava nela achava que jamais sairia vivo. Tudo quanto, antes, fora meu prazer, parecia ter azedado em meu estômago.

Acho — acho que nunca fiquei tão assustado em minha vida. Quando meus dedos começaram, involuntariamente, a soltar-se dela, compreendi estar pendurado em lugar bem alto e que

estivera preso nela para evitar a queda na qual morreria. A cada momento, quando meus dedos escorregavam, eu sentia o ar estrugindo por baixo de mim e que em meu corpo tudo se contraía, lutando furiosamente para evitar o tombo enorme.

Achei que isso talvez ocorresse por estarmos sozinhos, tempo demais e por isso durante algum tempo saímos sempre. Fazíamos expedições a Nice, Monte Carlo, Cannes e Antibes. Mas não éramos ricos, e o sul da França, durante o inverno, é campo de entretenimento de gente rica. Hella e eu íamos muito ao cinema e numerosas eram as vezes em que nos achávamos sentados em bares vazios e de quinta classe. Caminhávamos muito, em silêncio e não mais parecíamos ver coisas a mostrar, um ao outro. Bebíamos

demais, principalmente eu; e Hella, que estivera tão queimada de sol, confiante e radiante ao regressar da Espanha, começou a perder tudo isso, a ficar pálida, observadora e incerta. Deixou de perguntar o que havia, pois entendera que eu não sabia, ou não lhe diria. Observava-me, eu percebia isso e ficava inquieto e com raiva dela. Minha culpa, quando olhava para seu rosto próximo, era mais do que eu podia aguentar.

Estávamos à mercê dos horários de ônibus e muitas vezes nos achávamos, em meio ao amanhecer hibernal, agarrados e sonolentos numa sala de espera, ou regelados na esquina de alguma cidade inteiramente deserta. Chegávamos de volta a casa pela manhã, tontos de cansaço e íamos diretamente para a cama.

Por algum motivo que desconheço, eu conseguia manter relações de manhã. Pode ter sido por causa do esgotamento nervoso, ou o perambular à noite servia para criar em mim uma excitação curiosa e irreprimível. Mas não era o mesmo, alguma coisa desaparecera — o espanto, a força e a alegria tinham-se acabado, terminara a paz.

Eu sofria pesadelos e às vezes acordava com meus próprios gritos e de outras gemia a ponto de fazer com que Hella me sacudisse para me acordar. Houve um dia em que ela abordou o assunto.

— Eu gostaria que você me contasse o que há. Diga-me o que é, David, deixe-me ajudá-lo.

Sacudi a cabeça, perplexo e triste

e suspirei. Estávamos sentados no salão, onde me encontro agora. Ela estava na cadeira preguiçosa, sob a luz, tendo no colo um livro aberto.

— Você é camarada — respondi e logo depois acrescentava: — Não é nada. Isso passa. Devem ser meus nervos.

— É Giovanni — disse ela.

Eu me voltei para ela, que prosseguiu, perguntando com cuidado:

— É porque você acha que fez alguma coisa horrível a ele, deixando-o naquele quarto? Acho que você está a incriminar-se pelo que aconteceu com ele. Mas, querido, você não poderia ter feito coisa alguma para ajudá-lo! Pare de torturar a si próprio!

— Ele era tão belo — disse eu, e

não o quisera dizer.

Comecei a tremer e Hella me observava enquanto segui até a mesa — havia uma garrafa em cima, como há uma agora — e preparei um trago.

Não pude parar de falar, embora a cada instante receasse falar demais. Talvez eu quisesse fazer isso — falar demais.

— Não posso deixar de achar que o levei à guilhotina. Ele queria que eu ficasse naquele quarto, suplicou que ficasse. Eu não contei isso a você, mas tivemos uma discussão feia na noite em que fui lá buscar minhas coisas...

Fiz uma pausa, tomei um gole da bebida, e acrescentei então:

— Ele chorou.

— Giovanni estava apaixonado por você! — disse Hella. — Por que não me disse isso? Ou você não sabia?

Voltei-me para outro lado, sentindo que o rosto ardia em fogo.

— Não é sua culpa — prosseguiu Hella. — Você não compreende isso? Não podia impedir que ele se apaixonasse por você. Não podia impedir que ele... que ele matasse aquele homem horrível.

— Você não sabe de nada — murmurei. — Não sabe de nada!

— Sei como você se sente...

— *Não sabe* como eu me sinto!

— David... Não me deixe de fora. Por favor, não me deixe de fora. Permita que o ajude.

— Hella, meu bem... Eu sei que quer me ajudar. Mas deixe assim por algum tempo. Isso passa.

— Há bastante tempo que você diz isso — replicou ela.

Olhou-me com firmeza, por instantes e depois perguntou:

— David, não acha que devemos voltar?

— Voltar? Para quê?

— Que motivo nos faz ficar aqui? Por quanto tempo você quer permanecer nesta casa, atormentando o coração? E não vê o que está me fazendo?

Levantou-se e veio ter comigo.

— Por favor — disse então. — Eu quero voltar, casar, começar a ter filhos.

Quero que moremos em algum lugar, quero *você*. Por favor, David! Para que estamos marcando passo aqui?

Afastei-me dela, com gestos rápidos, e Hella permaneceu imóvel, de pé, às minhas costas.

— O que há, David? O que você *quer?*

— Eu não sei. Não sei.

— O que está escondendo de mim? Por que não me diz a verdade? Diga-me a *verdade*.

Voltei-me, fitando-a nos olhos.

— Hella... Tenha paciência comigo... Tenha paciência comigo, por algum tempo.

— Eu quero ter! — gritou em

resposta. — Mas *onde* está você? Você se afastou, foi para algum lugar e não consigo encontrá-lo! Se, ao menos, deixasse que o *alcançasse*...

Começou a chorar, e eu a tomei nos braços, mas não senti coisa alguma. Beijei-lhe as lágrimas salgadas e murmurei, murmurei não sei o quê. Senti seu corpo a esforçar-se por encontrar o meu, e o meu a afastar-se e percebi que começara a cair, despencara pelo abismo abaixo. Afastei-me e ela ficou onde a deixara, oscilando como uma marionete pendurada em cordões.

— David, por favor, deixe-me ser uma mulher. Não me importa o que faça comigo, não me importa o que possa custar. Eu passarei a usar o cabelo comprido, largarei os cigarros, os livros!

Procurou sorrir e o esforço falhou; meu coração doeu de pena.

— Deixe-me apenas ser uma mulher! Tome-me para você, é isso o que quero, *tudo* que quero! Nada mais me importa.

Veio para mim e fiquei imóvel. Ela me tocou, erguendo o rosto com uma confiança desesperada e profundamente comovente, chegando-o ao meu.

— Não me atire de volta ao mar, David. Deixe-me ficar com você.

Beijou-me então, olhando para mim. Meus lábios estavam frios e nada senti. Ela me beijou outra vez e fechei os olhos, sentindo que correntes fortes me arrastavam para o fogo. Parecia que meu corpo, próximo ao calor dela, com sua

insistência, em suas mãos, jamais despertaria. Mas quando despertou, eu me retirara dele. De uma grande altura, onde o ar ao redor era mais frio do que o gelo, observei meu corpo nos braços de uma pessoa estranha e desconhecida.

Foi aquela noite, ou em noite logo seguinte, que eu a deixei dormindo e fui, sozinho, para Nice.

Percorri todos os bares daquela cidade e ao final da primeira noite, cego de embriaguez e retesado de desejo, subi as escadas de um hotel escuro, em companhia de um marinheiro. Na tarde do dia seguinte, verificava que a licença do marinheiro não terminara ainda e que ele tinha amigos. Fomos visitá-los e ali passamos a noite. Passamos, juntos, o dia seguinte e o outro. Na noite final da

licença do marinheiro, estávamos bebendo num bar cheio de gente, diante do espelho. Eu me achava bastante embriagado e quase sem dinheiro. No espelho, de repente, vi o rosto de Hella. Por um instante, julguei ter enlouquecido e voltei-me para ver. Ela parecia muito cansada, desmazelada e pequenina.

Nada dissemos um ao outro, por bastante tempo e notei que o marinheiro nos olhava fixamente.

— Ela não entrou no bar errado? — perguntou ele, finalmente.

Hella olhou para o marinheiro e sorriu.

— Não é só nisso que eu errei — respondeu então.

O marinheiro passou a olhar para

mim, e eu disse, falando para ela:

— Agora você sabe.

— Acho que sabia há muito tempo — replicou Hella.

Voltou-se e começou a sair dali; eu parti em seu encalço, mas o marinheiro me segurou.

— Você... Ela é...

Confirmei, com aceno da cabeça e a expressão dele, boquiaberto, era cômica. Deixou-me ir e quando eu chegava à porta do bar ouvi suas gargalhadas.

Andamos bastante tempo nas ruas regeladas, em silêncio. Não parecia haver vivalma naquelas ruas e afigurava-se inconcebível que o dia finalmente raiasse.

— Bem — disse Hella — , eu vou

para casa. Oxalá jamais houvesse saído de lá.

— Se eu ficar mais tempo aqui — disse mais tarde, naquela mesma manhã, enquanto arrumava a mala — esquecerei o que é ser uma mulher.

Mostrava-se extremamente fria e amargamente bela.

— Não sei se alguma mulher *pode* esquecer uma coisa dessas — observei.

— Há mulheres que esqueceram que ser mulher não significa apenas humilhação, não significa apenas amargura. Eu não esqueci ainda — acrescentou — a despeito de você. Nem vou esquecer. Vou é sair desta casa, afastar-me de você tão depressa quanto os táxis, trens e navios possam andar.

E no quarto que fora nosso dormitório no início de nossa vida nesta casa, ela se movia com a pressa desesperada de alguém prestes a fugir — ia da mala aberta sobre a cama para o camiseiro, para o armário. Fiquei de pé na porta, observando-a, exatamente como um meninozinho que molhou as calças se posta diante da professora. Todas as palavras que eu desejava dizer fechavam minha garganta, como ervas daninhas, entulhando minha boca.

— Eu desejo, seja como for — disse finalmente — que você acredite em mim, quando digo que, se eu estava mentindo, não era a *você*.

Hella virou-se para mim, com expressão terrível no semblante.

— Era *eu* com quem você falava! Fui *eu* quem você quis trazer para esta casa horrível, distante de tudo. Era *comigo* que você queria casar-se!

— Quero dizer — respondi — que eu estava mentindo a mim mesmo.

— Oh! — disse ela. — Compreendo. Isso modifica tudo, naturalmente!

— Eu só quero dizer — gritei —, que tudo quanto fiz para magoá-la, eu não queria fazer!

— Não grite. Eu já vou embora e depois você poderá gritar para aqueles morros lá longe, gritar para os camponeses dizendo quanto é culpado, como adora ser culpado!

Retomou sua caminhada de um para outro lado, mas devagar, da mala para o camiseiro. Seu cabelo estava úmido e caía sobre sua testa e também o rosto estava úmido. Senti vontade enorme de estender os braços, segurá-la e reconfortá-la. Mas isso não seria mais reconforto, apenas tortura, para nós dois.

Ela não olhou para mim enquanto se movia, mas continuou a olhar para as roupas que arrumava na mala, como se não tivesse certeza de que eram suas.

— Mas, *eu sabia!* — disse então. — É o que me faz ficar tão envergonhada. Eu sabia, todas as vezes que você olhava para mim. Sabia todas as vezes que íamos nos deitar. Se, ao menos, você me dissesse a verdade, nesses momentos! Não vê como foi injusto esperar que *eu*

descobrisse? Pôr todo o encargo *em mim?* Eu tinha o *direito* de esperar que você contasse! As mulheres estão sempre esperando que o *homem* se manifeste. Ou você não sabia disso?

Fiquei em silêncio.

— Eu não teria de passar todo esse tempo nesta *casa*, não ficaria imaginando como, em nome de Deus, vou aguentar toda essa viagem enorme de volta. Eu *estaria* em casa agora, dançando cont algum homem que quisesse dormir comigo. E eu *iria* dormir com ele, por que não?

Exibia um sorriso de perplexidade, olhando uma pilha de meias de *nylon* que tinha à mão e depois enfiou-as cuidadosamente na mala.

— Talvez *eu* não soubesse, nessa ocasião. Eu só sabia que precisava sair do quarto de Giovanni.

— Pois bem — disse ela — você conseguiu sair. E agora eu estou de saída. Foi apenas o pobre Giovanni quem... perdeu a cabeça.

Era um gracejo horrível e feito com a intenção de magoar-me, mas Hella não conseguiu exibir o sorriso sardônico que quisera pôr nos lábios.

— Jamais vou entender — disse finalmente e levantou os olhos para mim como se eu a pudesse ajudar nessa compreensão. — Aquele gangsterzinho sórdido arruinou sua vida. Acho que arruinou a minha, também. Os americanos jamais deveriam vir à Europa —

acrescentou e procurou rir, mas começou a chorar. — Vir aqui quer dizer que jamais conseguirão ser felizes novamente. E de que adianta um americano que não seja feliz? A felicidade era tudo quanto possuíamos...

Dizendo isso, caiu para a frente em meus braços, em meus braços pela última vez, soluçando.

— Não acredite nisso — murmurei. — Não acredite. Temos muito mais do que isso, sempre tivemos muito mais! Só que… Só que às vezes é difícil aguentar.

— Oh, por Deus! — disse ela. — Eu queria você! Todo homem que eu via fazia-me pensar em você!

Tentou rir, outra vez.

— Pobre homem! Pobres homens! Pobre *de mim!*

— Hella, Hella! Um dia, quando você for feliz, procure perdoar-me.

Ela se afastou.

— Ah! Não sei mais coisa alguma sobre a felicidade. Não sei mais coisa alguma sobre o perdão. Mas se as mulheres devem ser dirigidas pelos homens e não há homens para dirigi-las, o que acontece então? Que acontece então?

Foi ao armário e apanhou o casaco, enfiou a mão na bolsa e tirou o compacto, e enquanto olhava no espelhinho, secou cuidadosamente os olhos e começou a aplicar o batom.

— Há uma diferença entre meninos e meninas, exatamente como

dizem naqueles livrinhos para crianças. As meninas querem meninos. Mas os meninos...

Fechou o estojo com estalido.

— Nunca mais, enquanto viver, eu vou saber *o que* eles querem. E agora sei que eles nunca me dirão. Não acredito que eles saibam como dizer.

Passou os dedos pelo cabelo, tirando-o da testa e agora, com o batom, e naquele casaco grosso e negro, parecia outra vez fria, brilhante e amargamente desanimada, uma mulher apavorante.

— Prepare uma bebida — disse em seguida. — Vamos beber aos velhos tempos, antes de chegar o táxi. Não, eu não quero que vá à estação comigo. Gostaria de beber até Paris, e por todo

esse oceano criminoso.

Bebemos em silêncio, esperando ouvir o ruído de pneumáticos no saibro. E o ruído veio, vimos os faróis e o motorista começou a buzinar. Hella pôs o copo na mesa, passou o casaco pelos ombros e rumou para a porta. Apanhei suas malas e acompanhei-a. O motorista e eu arrumamos as malas no veículo e por todo esse tempo eu procurava pensar em alguma última coisa que pudesse dizer a Hella, para atenuar a amargura daqueles momentos. Mas não consegui encontrar algo apropriado e ela manteve silêncio, de pé e muito empertigada sob o céu escuro de inverno, olhando para longe. E quando tudo estava pronto, voltei-me para ela.

— Tem certeza de que não quer

que eu vá até a estação, Hella?

Olhou-me e estendeu a mão em resposta.

— Adeus, David.

Segurei sua mão, fria e seca como seus lábios.

— Adeus, Hella.

Ela entrou no táxi e fiquei olhando enquanto o veículo recuava pelo caminho e chegava à estrada. Acenei pela última vez, mas Hella não acenou em resposta.

Pela janela posso ver que o horizonte começa a clarear, transformando o céu cinzento em azul apurpurado.

Preparei as malas e limpei a casa. As chaves estão na mesa à minha frente. Só falta mudar a roupa. Quando o horizonte estiver um pouco mais claro,

aparecerá na curva da estrada o ônibus que me levará à cidade, à estação, ao trem no qual seguirei para Paris. Ainda assim, não consigo mover-me.

Também sobre a mesa está um pequeno envelope azul, com o aviso enviado por Jacques, informando qual a data de execução de Giovanni.

Preparo um pequeno trago, observando meu reflexo na vidraça e notando que esmaece cada vez mais. Pareço estar desvanecendo diante de meus próprios olhos e o pensamento diverte, faz-me rir para mim mesmo.

Deve ser agora que as portas da prisão se abrem diante de Giovanni e fecham-se atrás dele, para nunca mais se abrirem ou fecharem outra vez, para ele. Talvez ele esteja ainda sentado em sua

cela, observando, comigo, a chegada da manhã. Talvez haja vozes em sussurro no extremo do corredor, onde três homens fortes e vestidos de preto tiram os sapatos, um deles com a penca de chaves, enquanto na prisão o silêncio è absoluto, todos na espera, cheios de medo. Três fileiras abaixo, a atividade no chão de pedra silenciou, está suspensa, e alguém acende um cigarro. Morrerá sozinho? Não sei se, neste país, a morte é coisa solitária ou em massa. E que dirá ao sacerdote?

Tire a roupa, alguma coisa me diz, está ficando tarde.

Entro no dormitório, onde pus sobre a cama a roupa que vou vestir e onde está a minha mala, pronta e aberta. Começo a me despir. Há um espelho neste quarto, um espelho bem grande e a noção

de sua existência é fortíssima.

O rosto de Giovanni surge à minha frente como uma lanterna inesperada, numa noite muito escura. Seus olhos — seus olhos brilham como os de um tigre, olham para a frente, observando a aproximação de seu último inimigo, e seu pelo fica eriçado. Não consigo entender o que está em seus olhos: se é terror, nesse caso nunca vi o terror, se é angústia, nesse caso jamais ela me assaltou. Agora eles se aproximam, a chave gira na fechadura e eles o pegam. Giovanni grita, uma só vez e os homens o olham como quem não esteja vendo. Puxam-no para a porta da cela e o corredor se estende à frente como o túmulo de seu passado, a prisão toda gira ao redor. Talvez esteja começando a gemer, talvez não faça som algum.

Começa a jornada. Ou talvez, quando gritou, não tenha parado de chorar, talvez sua voz agora seja de choro, no seio de toda aquela pedra e ferro. Vejo que suas pernas fraquejam, as coxas tremem, as nádegas estremecem, pois começou a funcionar o martelo secreto. Está suando, ou seco. É arrastado, ou anda. Os homens o seguram com mãos terrivelmente fortes, e os braços de Giovanni não mais lhe pertencem.

É percorrer todo aquele corredor, descer as escadas de metal, chegar ao centro da prisão e sair dali, passando à sala do sacerdote. Ele se ajoelha. Há uma vela acesa, e a Virgem o observa.

Maria, bendita mãe de Deus.

Minhas mãos estão pegajosas, meu corpo entorpecido, branco e seco. Vejo-o

no espelho, pelo canto dos olhos.

Maria, bendita mãe de Deus.

Giovanni beija a cruz e se agarra a ela. Com suavidade, o sacerdote a suspende, tirando-a dele. Depois eles erguem Giovanni e recomeçam a jornada. Parte em direção à outra porta. Ele geme e quer cuspir, mas a boca está seca. Não pode pedir que o deixem parar um instante, para urinar — dentro de momentos tudo isso estará resolvido. Ele sabe que atrás da porta que se aproxima de modo tão deliberado a lâmina espera. Aquela é a porta que procurou por tanto tempo, para sair deste mundo sujo, deste corpo sujo.

Está ficando tarde.

O corpo no espelho obriga-me a voltar-me e olhá-lo. E olho meu corpo,

que está condenado à morte. É magro, duro e frio, encarnação de um mistério. E eu não sei o que se move nesse corpo. O que ele procura. Está preso no meu espelho, assim como preso no tempo e apressa-se no sentido da revelação.

Quando eu era criança, falava como criança, compreendia como criança, pensava como criança; mas quando me tornei um homem, deixei de lado as coisas infantis.

Anseio por concretizar essa profecia. Anseio por quebrar aquele espelho e libertar-me. Olho meu sexo, meu sexo perturbador e imagino como poderá redimir-se, como o poderei salvar da lâmina. Já começou a jornada para o túmulo e a jornada para a corrupção já ultrapassou a metade de sua distância.

Ainda assim a chave para a minha salvação, que não pode salvar meu corpo, está oculta em minha carne.

E então a porta está diante dele. Há escuridão ao redor dele, silêncio nele. A porta se abre e ele está sozinho e o mundo inteiro cai, distanciando-se dele. E o pequenino canto de céu parece estar gritando, embora ele não escute um só ruído. Nisso, a terra se inclina, ele é atirado para a frente na escuridão e inicia sua jornada.

Finalmente eu me afasto do espelho e começo a cobrir a nudez que devo considerar sagrada, embora não possa ser mais vil, que precisa perpetuamente ser lacerada com o sal de minha vida. Devo acreditar, devo acreditar que a pesada graça de Deus, que

me trouxe a este lugar, seja tudo quanto me possa tirar dele.

Finalmente saio para a manhã, fechando a porta da casa. Atravesso a rua e ponho as chaves na caixa de correio da velha senhora. E olho para a estrada, onde estão algumas pessoas, homens e mulheres, esperando o ônibus matutino. Essa gente mostra-se muito nítida sob o céu que desperta e o horizonte mais além começa a chamejar. A manhã pesa em meus ombros com o peso temível da esperança e apanho o envelope azul que Jacques enviou, rasgando-o vagarosamente em muitos pedaços, vendo-os dançar no vento, observando que o vento os leva para longe. Mas quando me viro e sigo andando para os que esperam, o vento atira alguns pedaços

de volta, em minha direção.

FIM

NOTAS

{1} Então, minha querida, como vai você? (N. do E.)

{2} Velha louca. (N. do E.)

{3} Ah, meu caro, isso diz respeito exclusivamente aos negócios, compreende? (N. do E.)

{4} Eu adoro o seu entusiasmo! (N. do E.)

{5} Talvez. (N. do E.)

{6} Então, ele lhe agrada? (N. do E.)

{7} Vá se f... (N. do E.)

{8} Você vai se arrepender. (N. do E.)

{9} Separação de corpos. (N. do E.)

{10} Obscenidade. (N. do E.)

{11} Mictórios. (N. do E.)

{12} Muito barato. (N. do E.)

{13} Por Deus, que trabalho! (N. do E.)

{14} Certamente. . . (N. do E.)

{15} Mas, meu Deus, o traseiro! (N. do E.)

{16} Os jovens estão lá dentro. (N. do E.)

{17} 17 Aceitarei um pouco de conhaque. (N. do E.)

{18} Sentido duplo. (N. do E.)

{19} Podemos comer aqui, não? (N, do E.)

{20} Era um filme de far-west, com Gary Cooper. (N. do E.)

{21} Carteira Profissional. (N. do E.)

{22} Venha. (N. do E.)

{23} Mas você está louco! (N. do E.)

{24} Você é uma vaca. (N. do E.)

{25} Está bonito o dia, não é? (N. do E.)

{26} Pobre menino! (N. do E.)

{27} Os homens são impossíveis. (N. do E.)

{28} Boa viagem, senhor. (N. do E.)

{29} Cais, ou ancoradouro. (N. do E.)
{30} A vida prática, meu caro. (N. do E.)
{31} Mas isso não impede que Paris continue sendo minha cidade preferida. (N. do E.)

{32} Mágoas de amor. (N. do E.)

{33} Alegria de viver. (N. do E.)

{34} Dois *ricards* com muito gelo. (N. do E.)

{35} Não me deixe cair, eu lhe peço. (N. do E.)

{36} Lit.: pousada. Termo usado aqui em sentido pejorativo para indicar o apartamento do ex-patrão. (N. do E.)

{37} Eu o amo, sabe? (N. do E.)

{38} Eu sei, meu velho. (N. do E.)
{39} Venha abraçar-me. (N. do E.)
Você não abraça sua mulher? (N. do E.)

{40} Encantado, senhorita. (N. do E.)
{41} Quem está aí? Quem está aí? (N. do E.)
Despachado. (N. do E.)

{42} Então, você voltou? (N. do E.)

Fonte .doc

Formatação .ePub

Clubinho

2013